UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ANDRÉ LUIZ DOS SANTOS

CAMINHOS DE ALGUNS FICCIONISTAS BRASILEIROS APÓS AS *IMPRESSÕES DE LEITURA* DE LIMA BARRETO

RIO DE JANEIRO
2007

ANDRÉ LUIZ DOS SANTOS

CAMINHOS DE ALGUNS FICCIONISTAS BRASILEIROS APÓS AS *IMPRESSÕES DE LEITURA* DE LIMA BARRETO

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Literatura Brasileira), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Letras Vernáculas, Área de Concentração: Literatura Brasileira.

Orientadora: Professora Drª Rosa Maria de Carvalho Gens.

RIO DE JANEIRO
2007

Santos, André Luiz dos.
Caminhos de alguns ficcionistas brasileiros após as *Impressões de Leitura* de Lima Barreto / André Luiz dos Santos. Rio de Janeiro, 2007.
Xi, 182f.

Tese (Doutorado em Letras – Literatura Brasileira) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2007.

2. Ficcionistas brasileiros. 2. Impressões de Leitura
3. Lima Barreto – Teses.

Gens, Rosa Maria de Carvalho (Orient.). II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras. III. Caminhos de alguns ficcionistas brasileiros após as *Impressões de Leitura* de Lima Barreto.

ANDRÉ LUIZ DOS SANTOS

CAMINHOS DE ALGUNS FICCIONISTAS BRASILEIROS APÓS AS *IMPRESSÕES DE LEITURA* DE LIMA BARRETO

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (Literatura Brasileira), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Letras Vernáculas, Área de Concentração: Literatura Brasileira.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 2007.

_____
Rosa Maria de Carvalho Gens (Orientadora), Doutora, UFRJ

_____
Elódia Xavier, Doutora, UFRJ

_____
Sérgio Martagão Gesteira, Doutor, UFRJ

_____
Beatriz de Vieira Resende, Doutora, UNIRIO

_____
Ana Cristina de Rezende Chiara, Doutora, UERJ

Para meus pais: Heitor Nascimento dos Santos e Maria Moreira dos Santos.

Às queridas irmãs: Marceli Moreira dos Santos D'Almeida e Daniele Moreira dos Santos.

Thiago José, mesmo distante é uma presença diária.

Pedro Henrique, uma presença constante.

Ana Beatriz, "entre meus erros, uma imprevista verdade, esta é minha explicação".

Marlene, minha companheira, minha confidente, minha orientação.

Agradeço:

À Professora Doutora Vera Lúcia Follain de Figueiredo, que nas aulas no Instituto de Letras da UERJ me mostrou a beleza da literatura.

Aos Bibliotecários Maria Inez Maia Oliveto (Biblioteca José de Alencar – Faculdade de Letras da UFRJ) e Sergio Eiras (Biblioteca Bastos Tigre – Associação Brasileira de Imprensa).

Aos Professores do Doutorado da UFRJ, cujos cursos alimentaram o interesse pela literatura.

À Professora Beatriz Resende e ao Professor Sérgio Gesteira, que estiveram presentes no Exame de Qualificação desta Tese.

Aos Professores que compõem esta Banca, pela presença generosa.

À minha orientadora, Professora Doutora Rosa Maria de Carvalho Gens, pelas sugestões e pelo respeito com que tratou as idéias desenvolvidas nesta Tese.

À minha família, pela compreensão nas inúmeras ausências, nas leituras solitárias e nas idas incontáveis aos acervos das Bibliotecas em busca de material para desenvolver a pesquisa.

Ao apoio institucional do CNPq, que me concedeu bolsa de estudos, sem a qual este trabalho não seria realizado.

“Saber que será má a obra que se não fará nunca. Pior, porém, será a que nunca se fizer. Aquela que se faz, ao menos, fica feita. Será pobre mas existe, como a planta mesquinha no vaso único da minha vizinha aleijada. Essa planta é a alegria dela, e também por vezes a minha. O que escrevo, e que reconheço mau, pode também dar uns momentos de distração de pior a um ou outro espírito magoado ou triste. Tanto me basta, ou me não basta, mas serve de alguma maneira, e assim é toda a vida.”

Fernando Pessoa (In: *Livro do desassossego*, p. 55-6).

RESUMO

SANTOS, André Luiz dos. *Caminhos de alguns ficcionistas brasileiros após as Impressões de Leitura de Lima Barreto*. Rio de Janeiro, 2007. Tese (Doutorado em Letras – Área de Concentração: Literatura Brasileira) – Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

Este estudo traz ao conhecimento do público leitor a literatura desconhecida de alguns escritores do início do século XX. A partir do livro de críticas de Lima Barreto – *Impressões de Leitura* -, que trata de artigos lançados na imprensa por ocasião da publicação dos autores estreantes, traça-se um *corpus* que pesquisa os romancistas. O critério para decidir os escritores a serem estudados é orientado pelo teor crítico assinalado por Lima Barreto e pela repercussão das obras na época de seus lançamentos no mercado editorial. Assim, os autores selecionados para esta revisitação são: Domingos Ribeiro Filho, Albertina Bertha e Enéas Ferraz. O primeiro, com o romance *O Cravo Vermelho*, publicação de 1907. Albertina Bertha, autora mais conhecida dos três, com o romance *Exaltação*, lançado em 1916. E, por último, Enéas Ferraz, com o romance *História de João Crispim*, de 1922. Do estudo de *O Cravo Vermelho*, além de ressaltar a permanência do tema amor na literatura do início do século XX, surge a possibilidade de analisar as crônicas do autor, também desconhecidas e publicadas na Revista Careta, no período de 1919 a 1934. Com a leitura de *Exaltação*, nasce o interesse por rever o papel da mulher na sociedade brasileira, visto que o romance é a voz ficcional que clama pela libertação dos desejos femininos. Com *História de João Crispim*, ressurge Lima Barreto, pois o romance de Enéas Ferraz é uma biografia romanceada do autor de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. Desse percurso, conclui-se que o passado historiográfico da literatura brasileira precisa ser revisto.

ABSTRACT

SANTOS, André Luiz dos. *Caminhos de alguns ficcionistas brasileiros após as Impressões de Leitura de Lima Barreto*. Rio de Janeiro, 2007. Tese (Doutorado em Letras – Área de Concentração: Literatura Brasileira) – Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

This study brings to the public reader's knowledge, the unknown literature of some writers from the beginning of the twentieth century. From Lima Barreto's critiques book, called *Impressões de Leitura*, that treats of entried articles in the printing, by the occasion of the beguinners authors' publishing. It draws a scenery that search the novelists. The criterion used to decide the writers to be studied, is guided in the critical content marked by Lima Barreto and the repercussion of the literary compositions, in the date of their entry in the editorial market. Thus, the selected authors to be analyzed again are: Domingos Ribeiro Filho, Albertina Bertha and Enéas Ferraz. The first, with the romance *O Cravo Vermelho*, publication of 1907. Albertina Bertha, the authoress most knew among the three, with the romance *Exaltação*, published in 1916. Finally, Enéas Ferraz, with the romance *História de João Crispim*, from 1922. In the study of *O Cravo Vermelho*, beyond emphasizing the permanence of the love theme in the literature from the beginning of the twentieth century, arises the possibility of analyzing the author's chronicles, also unknown and published in the magazine called *Revista Careta*, in the period from 1919 to 1934. Reading *Exaltação*, borns the interest of seeing again the women's role in the brazilian society. The romance is the voice that claims for the feminine's wishes liberation. With the book *História de João Crispim*, Lima Barreto reappears, because the romance of Enéas Ferraz is a biography novelized from the author of *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. By this route, we can conclude that the brazilian literature's past historygraphic shall be reviewed.

RESUMEN

SANTOS, André Luiz dos. *Caminhos de alguns ficcionistas brasileiros após as Impressões de Leitura de Lima Barreto*. Rio de Janeiro, 2007. Tese (Doutorado em Letras – Área de Concentração: Literatura Brasileira) – Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

Este estudio trae el conocimiento del público lector la literatura desconocida de algunos escritores del inicio del siglo XX. A partir del libro de críticas de Lima Barreto – *Impressões de Leitura* – que trata de los artículos lanzados por la imprensa en ocasión de la publicación de los autores nuevos, se puede trazar un *corpus* que pesquisa los novelistas. El criterio para decidir cúales los escritores que van a ser estudiados es orientado por el tenor crítico asignado por Lima Barreto y por la repercusión de las obras en la época de sus lanzamientos en el mercado editorial. Siendo así, los autores seleccionados para esta revista son: Domingos Ribeiro Filho, Albertina Bertha y Enéas Ferraz. El primero, con la novela *O Cravo Vermelho*, publicación de 1907. Albertina Bertha, autora más conocida de los tres, con la novela *Exaltação*, lanzada en 1916. Por último Enéas Ferraz, con la *História de João Crispim,* 1922. De el estudio de *O Cravo Vermelho*, además de destacar la permanencia del tema amor en la literatura del inicio del siglo XX, surge la posibilidad de analizar las crónicas del autor, también desconocidas e publicadas en la *Revista Careta*, en lo período de 1919 a 1934. Con la lectura de *Exaltação*, nace il interés en rever el papel de la mujer en la sociedad brasileña, ya que la novela es la voz de una ficción que llama por la litertación de los deseos femeninos. Con la *História de João Crispim*, surge de nuevo Lima Barreto, pues la novela de Enéas Ferraz es una biografía con la misma forma del autor de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. De todo el percurso, se puede concluyr que el pasado de la história de la literatura brasileña necesita de una revisión.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 10

1 A LITERATURA DE DOMINGOS RIBEIRO FILHO..... 19

1.1 *O CRAVO VERMELHO:* UM CASO DE AMOR REJEITADO NA LITERATURA BRASILEIRA..... 19

1.2 DOMINGOS RIBEIRO FILHO CRONISTA..... 49

2 A *EXALTAÇÃO* DE ALBERTINA BERTHA..... 79

2.1 A PRESENÇA DE ALBERTINA BERTHA NA LITERATURA BRASILEIRA…..79

2.2 *EXALTAÇÃO:* NARRATIVA EXALTADA..... 95

3 *HISTÓRIA DE JOÃO CRISPIM*: UMA BIOGRAFIA ROMANCEADA DE LIMA BARRETO..... 117

3.1 A LITERATURA DESCONHECIDA DE ENÉAS FERRAZ..... ……..….. 117

3.2 JOÃO CRISPIM: PERSONAGEM INSPIRADO EM LIMA BARRETO...…… 125

CONCLUSÃO..... 148

REFERÊNCIAS..... 154

APÊNDICES..... 162

ANEXO..... 179

INTRODUÇÃO

O livro *Impressões de Leitura*, de Afonso Henriques de Lima Barreto, é um volume que reúne artigos com comentários sobre autores de variados gêneros do início do século XX. Publicado em 1953 pela Editora Mérito S. A., com o título de *Marginália*, agregou três coletâneas distintas: I – Marginália; II – Impressões de Leitura; III – Mágoas e Sonhos do Povo. Em 1956, com a edição das Obras Completas pela Editora Brasiliense, *Impressões de Leitura* passa a ser publicado como um único volume independente do título *Marginália* e *Mágoas e Sonhos do Povo*, este último incorporado ao volume *Coisas do Reino de Jambom*, e o primeiro também separado, classificado como um livro de crônicas.

Este curioso livro trata de críticas feitas por Lima Barreto a diversos escritores, atendendo a diversos gêneros, como: ensaios, discurso, culinária, religião, estudos, dissertação, crônicas, peças teatrais, contos, poesias e romances, totalizando sessenta e nove artigos. O livro em questão é o ponto motivador para o estudo de autores desconhecidos do público, com o intuito de resgatar tais obras. O teor dos artigos de Lima Barreto assume, quase que na totalidade, o critério de apresentação do texto, apontando carências no delineamento dos personagens, ausência de profundidade na análise das questões da vida que os textos elucidam, tudo isso dito com delicadeza. Em seu papel de crítico, parece sempre disposto a apontar as qualidades inerentes. As observações destacadas têm como característica resenhar os enredos, muitas vezes aprofundando; outras sendo mais objetivo e resumido.

O próprio Lima Barreto, por meio de sua colaboração no jornal A.B.C., teceu o nome *Impressões de Leitura* para a coluna em que comentava as obras recebidas dos autores estreantes. A quantidade de livros enviados a Lima Barreto comprova o

respeito com que o escritor foi tratado em vida, uma vez que os livros eram remetidos pelos autores com pedidos de opinião. O crítico rigoroso preocupou-se em responder a todas as solicitações, o que aponta para uma generosidade incontestável:

> Temo muito transformar esta minha colaboração no A.B.C., em crônica literária; mas recebo tantas obras e a minha vida é de tal irregularidade, a ponto de atingir as minhas algibeiras, que, na impossibilidade de acusar logo o recebimento das obras, me vejo na contingência de fazê-lo por este modo, a fim de não parecer inteiramente grosseiro. (BARRETO, 1956b, p. 149).

Como se pode observar, a citação mostra que Lima Barreto foi um homem atencioso para com os autores estreantes, apesar da angústia em administrar as dificuldades de sua própria existência. Este sentimento está presente até o final de sua vida. Em artigo publicado três meses antes de sua morte, encontra-se o seguinte depoimento sobre “Livros”:

> Recebo-os às pencas, daqui e de acolá.
> O meu desejo era dar notícia deles, que fosse nesta ou naquela revista; mas também o meu intuito era noticiá-los honestamente, isto é, depois de tê-los lido e refletido sobre o que eles dizem. Infelizmente não posso fazer isso com a presteza que a ansiedade dos autores pedem. A minha vida, se não é afanosa, é tumultuária e irregular, e a vou levando assim como Deus quer. (BARRETO, 1956b, p. 69-0).

Do total de sessenta e nove trabalhos comentados pelo escritor, como já mencionado, esta tese deter-se-á sobre os títulos que considero tratados com mais atenção por Lima Barreto. Para a composição desta proposta foram deixados de lado, inicialmente, cinqüenta e três títulos. Os critérios adotados eliminaram os ensaios, que totalizam vinte e um títulos; um livro sobre culinária; um livro sobre religião; um discurso; um livro sobre estudos; dois livros sobre crônicas; as peças teatrais, num total de sete; os contos, representados por nove escritores; os volumes de poesias, totalizando nove; uma dissertação (verificar quadro no apêndice A, na página 162).

Os contos e as peças teatrais, por seus estilos próprios e diferentes do romance, gênero este que é o objetivo deste estudo, também não serão incluídos. Os livros sobre culinária, religião, discurso, estudos, crônicas e ensaios serão descartados neste trabalho. Quanto às poesias, apesar de sua reconhecida importância, o que mereceria um outro estudo, não serão contempladas.

Ainda, quanto ao gênero poesia, há um obstáculo lançado pelo próprio Lima Barreto, que se considerava incapaz para analisá-las, reafirmando sua atitude de atenção para com os escritores estreantes:

> Interrompendo o estudo de vários livros que me têm dado a honra de mandar os seus autores, vou tratar aqui muito brevemente, de dois poetas, cujos trabalhos tiveram a bondade de me oferecer. É uma bela exceção que abro, porque jurei jamais dizer publicamente sobre obras poéticas; e, se as abro, é devido à encantadora mocidade de ambos e o desejo de animá-los, pois sei bem qual o destino que os seus trabalhos vão ter nas redações dos jornais. Não desprezo a poesia; mas nada conheço de sua técnica, dos seus processos, das suas escolas, das suas regras, enfim. Sou, portanto, perfeitamente incompetente para falar de livros de versos, de criticá-los, de dizer alguma coisa séria e digna de apreço sobre eles. Demais a musicalidade própria às poesias, faz-me perder aquilo que querem exprimir, para ficar embalado unicamente na sua música.(BARRETO, 1956b, p. 221-22).

Retomando à quantidade de obras apreciadas por Lima Barreto, sessenta e nove no total, retiradas as cinqüenta e três em um recorte inicial, restaram dezesseis títulos, todos romances. Foi adotada a opção de trabalhar apenas com as obras dos autores em que Lima Barreto delineia sua crítica de maneira minuciosa.

Enfim, se chega a melhores condições de delimitar o material desta tese. Como a finalidade é reavaliar autores que não são contemplados pela crítica literária contemporânea, analisar-se-iam estes livros com satisfação, no entanto, como se deve atender a um limite realizável, a alternativa encontrada é atentar para um número restrito, oferecendo possibilidades favoráveis para o aprofundamento da questão.

Assim, depois da leitura deste pré-corpus, ou seja, os dezesseis romances, e de uma atenção sobre os percursos desses escritores e obras após as publicações e a análise de Lima Barreto, chegou-se à decisão de que os autores Domingos Ribeiro Filho, Albertina Bertha e Enéas Ferraz, por não terem alcançado respaldo por parte de leitores, como o caso do primeiro e do último autores citados, e de críticos de seu tempo, o que se evidencia em Ribeiro Filho, serão objetos desta revisitação. No caso de Albertina Bertha, apesar do público ter tido acesso a sua obra no período da publicação, o que sugere pensar que o livro foi lido, seu nome não é tão discutido na contemporaneidade.

Os capítulos foram divididos obedecendo à ordem cronológica das publicações, logo *O Cravo Vermelho*, de Domingos Ribeiro Filho, publicado em 1907, será analisado no primeiro capítulo, seguido de *Exaltação*, de Albertina Bertha, publicação de 1916, e *História de João Crispim*, de Enéas Ferraz, aparecido no mesmo ano da Semana de Arte Moderna, isto é, 1922. Após a pesquisa nos periódicos da época, procurou-se confrontar as posições críticas com os romances. Tal proposta analisa os textos atualizando a grafia do tempo de suas publicações.

Como são obras do início do século XX, fica evidente a dificuldade de encontrá-las nas Bibliotecas. A dificuldade também foi grande quanto à fortuna crítica sobre esses autores. Pelo que pude pesquisar, não existe nenhum trabalho que trate das obras dos autores que são objeto desta tese. A obra de Domingos Ribeiro Filho — *Sê feliz!, Vãs Torturas, Miserere, Uma paixão de mulher* — não pode ser encontrada nem mesmo na Biblioteca Nacional. O romance que será objeto de análise do primeiro capítulo deste trabalho — *O Cravo Vermelho* — foi encontrado na Biblioteca da Faculdade de Letras da UFRJ.

Quanto à obra de Albertina Bertha, os romances *Exaltação*, interesse de estudo do segundo capítulo e *Voleta*, com edição recente, foram encontrados

também na Biblioteca da Faculdade de Letras da UFRJ. O romance *E ela brincou com a vida* foi localizado na Biblioteca Nacional.

Enéas Ferraz teve seu romance *Adolescência Tropical* republicado em 1978 pela Academia Paulista de Letras, e pude ter acesso a um volume na Biblioteca da Faculdade de Letras da UFRJ. O romance *Uma Família Carioca* foi localizado na Biblioteca Nacional. O livro de contos *Crianças Mortas* foi localizado também na Biblioteca da Faculdade de Letras da UFRJ. Porém, o livro que inspira a análise do terceiro capítulo desta tese — *História de João Crispim* — só pode ser encontrado na Biblioteca Nacional, o que me impôs fazer inúmeras visitas àquela Biblioteca, nas várias leituras que necessitei fazer da obra. Não que seja indesejável freqüentar a Biblioteca Nacional, um dos raros e gratuitos prazeres que a nossa cultura ainda oferece, mas além das incontáveis greves porque aquela instituição passa, outro problema foi mais árduo de suportar, ou seja, muitas vezes o livro consultado em um dia, no outro desaparecia misteriosamente, o que me obrigava a retornar várias vezes, em semanas subseqüentes, para tentar completar a leitura interrompida. Ao ler o livro *Horas de Leitura*, de Brito Broca, pude compreender que o desaparecimento misterioso de alguns títulos já acontecia há algum tempo, com possivelmente muitas pessoas. Assim informa Brito Broca:

> As bibliografias de Adolfo Caminha registram como obra de estréia do escritor cearense *Judite e Lágrimas de um Crente* (contos), 1887. Lúcia Miguel-Pereira, na sua *História da Literatura Brasileira — Prosa de Ficção*, diz não ter podido ler esse livro, por não existir nenhum exemplar nem mesmo na Biblioteca Nacional. Lembro-me, no entanto, de, por volta de 1942, haver percorrido ligeiramente ali o referido volume, numa brochurazinha muito ordinária. Todos nós sabemos o que são os segredos da Biblioteca Nacional, onde obras que consultamos um dia desaparecem às vezes para sempre. Lúcia Miguel-Pereira foi procurar o livro, naturalmente depois de 1942, e dele nem mais rastro teria encontrado.(BROCA, 1957, p. 225).

Parece que fui mais feliz do que a nossa Pesquisadora Lúcia Miguel-Pereira. Apesar do desgaste, este segredo da Biblioteca Nacional foi desencantado e os romances puderam ser lidos.

Além disso, é preciso esclarecer que nos itens dos capítulos, onde especificamente procuro tratar dos romances, foi necessário fazer citações extensas, visto serem textos de autores praticamente desconhecidos. Esta forma de analisar não teve outra intenção a não ser construir para a Banca Examinadora as imagens das narrativas.

No capítulo 1, intitulado "A literatura de Domingos Ribeiro Filho", procuro, na primeira parte, tratar do romance *O cravo vermelho*. O enredo é de estruturação simples e facilmente compreendida. É o caso de amor entre Leonel e Carolina. Como o rapaz demora por declarar-se, sua prima Laura chega do norte e arrebata o seu amor. Praticamente envolvido com essa nova presença feminina em sua vida, Leonel não tem alternativa a não ser casar-se. Mas, na outra ponta do triângulo está Carolina. A moça, arrependida por não ter se declarado a Leonel, passa a viver uma profunda tristeza, o que termina por deixá-la enferma. Em contrapartida, a vida conjugal de Leonel começa a apresentar uma série de crises, o que acaba na dissolução do casamento e o reenlace com Carolina.

Ainda neste mesmo capítulo, na segunda parte, instigado pelo comentário de Astrojildo Pereira, publicado no jornal *Diretrizes*, por ocasião da morte de Domingos Ribeiro Filho, quando diz ser o escritor mais importante pelas crônicas que publicou que propriamente pelos romances, resolvi fazer um levantamento de Domingos Ribeiro Filho cronista. Em pesquisa na Biblioteca da Fundação Casa de Rui Barbosa, onde direcionei esta parte do trabalho, pude encontrar um volume considerável de crônicas, perto da casa dos seiscentos. Depois da leitura desse *corpus*, atentei para a importância de registrar também esse gênero, mesmo tendo

que negar a disposição inicial, quando disse que trataria somente de romances. A descoberta dessas crônicas me deixou tão entusiasmado com a pesquisa que fui seduzido a tratar delas. São textos publicados na revista *Careta*, no período de 1919 a 1934, quinze anos de contribuição. A temática preferida do autor é o Brasil e os seus problemas. Ribeiro Filho traça um painel desde as questões tidas como cotidianas, como a discussão acerca do traje a ser composto diariamente, passando pelo tom emotivo ao procurar descrever, por exemplo, o mês de maio, até o tema da composição política do país, com seus vícios e vicissitudes. Como o *corpus* é muito extenso, fui pontuando algumas passagens das crônicas que, naquela leitura, me chamaram mais a atenção. O objetivo desta parte do trabalho é mostrar a importância de Ribeiro Filho como um cronista contemporâneo a tantos outros nomes expressivos nesse gênero no início do século XX.

Albertina Bertha surge no capítulo 2. Com o título de "A *Exaltação* de Albertina Bertha", dividi o capítulo em duas etapas. No primeiro momento, procuro destacar a presença da mulher Albertina na literatura brasileira. Faço um paralelo com os textos críticos aparecidos por ocasião da publicação do romance *Exaltação*, apontando como a obra foi recebida pelo público. Mostro também a resistência que parte desse público leitor impõe à obra da escritora estreante, assim como trato do texto-apresentação que Lima Barreto escreve para a autora.

Em um segundo momento, detenho-me especificamente na análise do romance *Exaltação*. A narrativa, que mereceu elogio de Araripe Junior, trata da história de Ladice, mulher que tem um temperamento pouco comum para a época em que o texto é ambientado. Mesmo diante de um casamento imposto pelos pais, a personagem de Albertina Bertha não abre mão de suas vontades e desejos. Como não ama o marido, e este foi avisado por ela própria que amava um outro homem, Ladice o trai. Desse relacionamento extraconjugal nasce um grande amor, mas ao

descobrir que o poeta Teófilo, o amante, é casado, a Senhorinha de Santo Hilário, como é tratada antes do casamento, em alusão ao nome da mãe, desespera-se e comete suicídio. O extremo da audácia de viver fora da ordem instituída pelo casamento é abrandado pela decisão extremada de dar fim à própria existência, visto não poder ter o amor que concebeu.

Por fim, no capítulo 3, cuido do escritor Enéas Ferraz. Na primeira parte deste capítulo, busco resgatar a literatura desconhecida de Enéas Ferraz, autor de mais de um romance, além de um livro de contos em que o tema central é a morte de crianças e de um outro romance publicado em francês com o título de *Symphonie Enfantine*. O fato é que o romance *História de João Crispim*, mesmo com a reduzida tiragem de cem volumes, como o próprio autor explica no prefácio que faz, mereceu alguns comentários críticos publicados na imprensa da época. O personagem principal – João Crispim – terminou por ser associado à imagem de Lima Barreto, escritor que Enéas Ferraz admirava e de quem se tornou amigo nas rodas boêmias freqüentadas no Centro do Rio de Janeiro. A partir desse convívio, o autor de *Adolescência Tropical* associa alguns traços do personagem João Crispim que acabam se mesclando com a personalidade de Lima Barreto. Esta ligação biográfica não foi vista com bons olhos pela crítica, que considerou menor esta opção de construção da narrativa do autor. Por outro lado, mesmo que analisando sobre outro aspecto, o livro mereceu algumas palmas por parte de José do Patrocínio Filho, que vê no romance uma inovação, comparado ao excesso de textos preocupados com o patriotismo exacerbado. Bezerra de Freitas endossa as palavras de Patrocínio Filho. Mas sobre o romance não foi possível encontrar nenhuma outra observação crítica no período de sua publicação, além do texto se manter desconhecido até a presente data.

Na segunda parte do capítulo em questão passo a investigar o romance *História de João Crispim*. A narrativa conta a história de João Crispim de Araújo, engenheiro de profissão, amante da boemia carioca, onde passa boa parte de sua vida. Mesmo com esse amor pela rua, Crispim é amante de boas leituras, mantendo uma biblioteca que é, segundo o próprio personagem, a melhor parte de sua casa. João Crispim não contrai núpcias, depois da morte dos pais passa a viver sozinho em um sobrado no Centro da cidade. Estabelece amizade com um poeta chamado Affonso Pina, este vindo a se suicidar. Com essa perda João Crispim passa a beber descontroladamente, terminando por morrer atropelado em pleno carnaval.

O enredo chama à atenção pela proximidade entre a personagem João Crispim e Lima Barreto. Como já anotado, tudo indica que Enéas Ferraz utilizou-se de parte da personalidade de Lima, ou melhor, de parte da representatividade de Lima para criar o seu personagem ficcional. E como ler a biografia ajuda a compreender a ficção, apesar de tratar-se de uma biografia romanceada, opto, neste ponto do último capítulo, por esboçar um paralelo entre essas duas possibilidades de leitura.

Em suma, esta tese tem como objetivo estudar autores desconhecidos, desmerecidos pela historiografia literária, apontando suas contribuições para a compreensão das Letras nacionais.

1 A LITERATURA DE DOMINGOS RIBEIRO FILHO

1.1 *O CRAVO VERMELHO*: UM CASO DE AMOR REJEITADO NA LITERATURA BRASILEIRA

> A livraria Luso-Brasileira, desta cidade, acaba de editar um romance de Domingos Ribeiro Filho — *O Cravo Vermelho*. É o primeiro de uma série de estudos sociais e morais, a que o autor denominou — *Estudos de uma moral*. É um livro de idéias, angustiado por esse problema que as religiões e as filosofias, com os seus messias e utopistas, têm procurado resolver. A mola interior do livro é aquela questão de todas as morais: o estabelecimento de uma regra para a nossa conduta à felicidade. Escrito com vigor, sem os arrebiques de estilo dessa nossa literatura de a propósito, o livro de Domingos merece ser lido por aqueles que não guiam as suas leituras pelas receitas de jornais.
> Lima Barreto (In: *Floreal*, n° 2 - 12 de novembro de 1907, p. 33-4).

Domingos Antônio Alves Ribeiro Filho nasceu em Macaé, estado do Rio de Janeiro, em 16 de março de 1875. Colega de repartição de Lima Barreto na Secretaria de Guerra, publicou vários romances: *Sê feliz!*, 1903; *O Cravo Vermelho*, 1907; *Vãs Torturas*, 1911; *Uma paixão de mulher*, s.d.. Além destes, *Miserere* é uma novela que aparece em 1919. Foi excelente cronista, escrevendo na Revista *Careta* durante mais de dez anos. O escritor morreu no Rio de Janeiro em 6 de julho de 1942.

O laço de amizade entre Domingos Ribeiro Filho e Lima Barreto se estreitou, provavelmente, a partir de 1903, ano em que Lima começa a exercer o cargo de amanuense na Secretaria de Guerra. Como Ribeiro Filho se aposenta por volta de 1932-1934, depois de trinta e cinco anos de serviço burocrático, seu ingresso na Secretaria deve ter sido por volta de 1897-1899, pouco antes de Lima Barreto. O fato é que essa amizade sempre foi regada por muitas oposições de idéias.

Enquanto Ribeiro Filho depositava confiança na milagrosa concepção científica, Lima Barreto tinha demasiadas dúvidas acerca desta ideologia. Tal oposição de pensamentos não chega a comprometer o olhar crítico de Lima Barreto diante da publicação de *O Cravo Vermelho*:

> Encontramo-nos, eu e o Domingos, discutindo. Daí em diante temos discutido sempre. Vale a pena, portanto, ter em mãos obra sua, já por ser um livro de opiniões acentuadas e, em geral, de opiniões contrárias às minhas, já por ser meu amigo o seu autor e não haver nesse antagonismo de opiniões nenhum perigo de inimizade virulenta. (BARRETO, 1956b, p. 185).

Trata-se de um comentário sobre a produção dos romances de Ribeiro Filho, aliás, livros que devem ter passado despercebidos pela crítica da época, pois em pesquisa realizada em periódicos na Biblioteca Nacional, Biblioteca Bastos Tigre (Associação Brasileira de Imprensa) e Biblioteca da Fundação Casa de Rui Barbosa, não foi possível encontrar material tratando da obra do autor.

Em 16 de julho de 1942, dez dias após o falecimento de Ribeiro Filho, no jornal *Diretrizes*, Astrojildo Pereira escreveu lúcido depoimento:

> Morreu Domingos Ribeiro Filho...
> Estava esquecido. As novas gerações não o conheciam.
> (...)
> Eu o conheci em 1910, quando era ele o colaborador principal de Renato Alvim no semanário "A Estação Teatral". Pequenino de estatura, muito feio, o nariz recurvo, Domingos Ribeiro Filho constituía-se logo, em qualquer grupo, a figura central, graças ao sortilégio de um espírito em fulguração permanente. Era na verdade um conversador admirável e escrevia, como falava, com a mesma abundância e o mesmo encanto. Os seus ditos, os seus epigramas, os seus sarcasmos demolidores se sucediam e multiplicavam com uma vivacidade absolutamente pasmosa. Mas não só pela figura irreverente do espírito ou pelo talento perdulário de escritor exercia ele tal fascinação. Domingos era também o melhor dos camaradas, cordialíssimo com os amigos, sempre cheio de cuidados e ternuras com os companheiros, e nisto residia o segredo das amizades fiéis que conservou até os últimos dias de vida. (PEREIRA, In: *Diretrizes*, 16 de julho de 1942, p. 13-22).

Um problema que não pode deixar de ser elucidado é o fato de as produções literárias serem, quase sempre, autônomas, não se enquadrando no recorte

estabelecido pelos estudiosos para as publicações dos volumes didáticos. Tais volumes costumam ser montados obedecendo a regras que terminam por consagrar certos autores e obras, deixando para trás aqueles que consideram “menores”:

> Cada vez que a literatura torna-se uma disciplina escolar, constata-se o surgimento da preocupação de classificar, quase sempre mediante gêneros e autores, de estabelecer hierarquias e distinguir na massa das obras os ‘clássicos’, dignos de serem conservados pela transmissão escolar. As antologias e os manuais constituem o gênero por excelência das obras subordinadas à função de valoração e ordenação que cabe à escola. Tendo que preparar seus alunos para responder a problemas escolares, os professores são levados a organizar de antemão seus objetivos segundo a organização que seus alunos deverão reencontrar a fim de responder estes problemas. (BOURDIEU, 2004, p. 215).

É nítido que esta estratégia disfarçada de organização tem dado bons resultados para o campo editorial. Não é novidade o fabuloso lucro que rendem as vendas de livros didáticos nas escolas brasileiras. Paga-se para “estudar a literatura nacional”, “aprendendo” o que um pequeno grupo estipula como cânon. A escola brasileira, mais uma vez, comprova que sua função primordial é manter o aluno sob controle, recluso em suas repartições, seguindo as orientações que são tidas como apropriadas para a formação do cidadão. Se o projeto educacional fosse sério, não haveria números tão elevados de desemprego no país, fato que tem se agravado graças à ausência de qualificação mínima oferecida. Existem números expressivos de alunos que têm o Ensino Fundamental completo, no entanto não sabem ler. Enquanto se rejeita toda forma de preconceito, de desigualdade e exclusão, a escola brasileira supervaloriza a ordem, em detrimento das grandes questões sociais e humanas.

Roland Barthes, no livro *O rumor da língua*, propõe o estudo da literatura a partir do texto, diverso do modelo adotado pelas escolas, que associam a obra à história da literatura. Segundo Barthes:

> O texto, nos colégios, é tratado como objeto de explicação, mas a própria explicação de texto é sempre ligada a uma história da literatura; seria preciso tratar o texto não como um objeto sagrado (objeto de filologia), mas essencialmente como um espaço de linguagem, como a passagem de uma espécie de infinidade de digressões possível, e então fazer irradiar, a partir de certo número de textos, certo número de códigos de saber que neles estão investidos. (BARTHES, 2004, p. 51).

Nem mesmo seria preciso afirmar o quanto distante a escola brasileira está desta proposta. Enquanto os programas das escolas não compreenderem que é preciso definitivamente levar o aluno ao texto, e para isso é preciso dedicar todo o tempo necessário das aulas, o estudo da literatura estará condenado a ser mais um tempo de desinteresse e desestímulo para o estudante.

Esta situação se agrava principalmente quando interpretamos os dados estatísticos sobre o leitor, o livro e a leitura no Brasil. A partir da pergunta "Mas como fazer literatura ou jornalismo num país de iletrados?", Cristiane Costa, no livro *Pena de aluguel*, apresenta informações alarmantes. Apesar de longa, a citação é fundamental para compreender a encruzilhada em que se encontra o país:

> (...)
> Os dados são ainda mais assustadores quando se leva em conta um grupo mais amplo: o de analfabetos funcionais, conceito usado pela Unesco para medir de forma quantitativa a educação em todo o mundo. O INAF (Indicador Nacional de Analfabetismo Funcional) indica que, entre os brasileiros que têm de quatro a sete anos de estudo, só a metade atinge o nível básico de domínio da língua necessário para a leitura de um texto de jornal. Nada menos do que um terço dos que estudaram de um a três anos continuam analfabetos absolutos. Pela pesquisa, 30% dos alfabetizados lêem apenas frases soltas, como as dos *outdoors*. E outros 37% conseguem apenas ler textos curtos. Só 25% dos alfabetizados do Brasil teriam pleno domínio da língua. Ou seja, apenas um em cada quatro brasileiros é leitor potencial de literatura ou jornal. Os outros 75% da população estariam excluídos do mundo letrado.
> Segundo o Censo 2000, só 3,43% dos brasileiros (5,8 milhões) têm curso superior. E os 304 mil com mestrado ou doutorado representam apenas 0,4% da população. O problema começa no ensino básico. Segundo dados de uma pesquisa realizada pelo Sistema de Educação Básica (Saeb) do Ministério da Educação, divulgados em 2003, 33 milhões de brasileiros não sabem ler, embora tenham sido formalmente alfabetizados. Dos jovens de dezoito a 24 anos, 66,8% não concluem o ensino médio. E, mesmo em cidades grandes como o Rio de Janeiro, 45% dos alunos que chegam à quarta série têm desempenho insuficiente em leitura.
> O mercado editorial brasileiro vive um paradoxo: está entre os dez maiores do mundo, mas o índice de leitura *per capta* no país é de apenas 2,5 exemplares por ano. Excluindo-se os didáticos, o consumo cai para 0,9 livro por habitante. Para se ter uma idéia, nos Estados Unidos cada pessoa consome uma média de sete livros por ano. Sem crescimento substancial da demanda, os pontos de venda mal ultrapassam os 1.200 contabilizados por Monteiro Lobato na década de 1930.

> Em 2000, O BNDES divulgou o estudo "Cadeia de comercialização de livros" mostrando que, para 170 milhões de habitantes, temos 1.200 livrarias, quando o número ideal seria 17 mil, segundo a Unesco. E estas poucas estão concentradas em apenas 10% dos cerca de 6 mil municípios do país, deixando quase 90% do território nacional descoberto. Mesmo nas grandes metrópoles, a proporção é insatisfatória. Com 5,5 milhões de habitantes, o município do Rio de Janeiro contava no início do século XXI com 164 livrarias, divididas entre 157 bairros. Os outros 118 bairros, que concentram 60% da população, não tinham livrarias.
> (...)
> Sem distribuição e comercialização, as tiragens são reduzidas aos mesmos 2 mil exemplares do tempo de João do Rio e o preço do livro de ficção, entre vinte e cinqüenta reais, torna-se incompatível com o poder aquisitivo da população. Em 2000, segundo o censo do IBGE, o salário médio no Brasil era de 768,83 reais. Mas 50% dos 44,7 milhões de chefes de família recebiam até 350 reais por mês. Destes, 8 milhões eram analfabetos. O que faz com que comprar um livro, na maioria das casas brasileiras, seja um gasto exorbitante e dispensável. (COSTA, 2005, p. 338-41).

Uma conclusão se pode tirar dos dados apresentados na citação: por mais bem intencionada que esteja qualquer política pública para resolver o problema da leitura no Brasil, todo esforço será pouco para retirar o país do abismo em que se encontra. No momento em que o país entraria no processo de leitura, na década de 50 e 60, chegou a televisão e roubou a cena, mergulhando a nação na era da imagem. Se a escolarização é a forma ideal para se construir o cidadão, é tempo do Brasil "arregaçar as mangas" e trabalhar em prol da educação, caso contrário estaremos condenados a sermos uma pátria terceirizada, aproveitando do vocábulo da moda nesses tempos de globalização.

Então, retomando nosso assunto principal, o que dizer dos autores que nem ao menos têm seus nomes citados nos compêndios literários? Segundo Sérgio Miceli:

> Afora algumas exceções que certas capelas literárias acharam por bem recuperar em certas circunstâncias, dando-lhes o *status* de precursores isolados de uma tradição estética que a "vanguarda" modernista teria restaurado — gente como Augusto dos Anjos, José Albano, Adelino Magalhães, aos quais críticos tidos por "menores" acrescentaram Monteiro Lobato, Raul de Leoni, e alguns heterodoxos, até mesmo Lima Barreto, segundo as conveniências conjunturais dos embates da vida literária — <u>os demais passaram à vala comum sem direito a nome próprio</u>. Encontram-se, pois,

> privados do aparato de celebração com que hoje se cultua o panteão modernista, cujo legado subsiste como a fonte máxima de autoridade estética. (MICELI, 2001, p. 15-6).

No Brasil, estes autores, muito mais do que "passarem à vala comum sem direito a nome próprio", estão sujeitos a desaparecerem na noite dos tempos, visto que são obras totalmente desconhecidas, relegadas a estantes de bibliotecas cujo acesso sabe-se ser reduzido, fadadas à ação do tempo, publicadas em menor escala, como é o caso, por exemplo, do romance de Enéias Ferraz — *História de João Crispim* — publicação única de cem volumes feita em 1922, que será estudado em capítulo subseqüente.

Ora, é lamentável que o nome de Domingos Ribeiro Filho faça parte desta lista de autores ignorados. Acredita-se que, para o estabelecimento do cânone, haja um criterioso estudo das produções ditadas no período estudado. Infelizmente, parece que os legisladores da historiografia literária distraíram-se diante da vasta publicação realizada por Ribeiro Filho e de muitos outros. Se é indesculpável o distanciamento de olhar sobre os romances do referido autor, que dizer da ausência de menção a sua assídua colaboração por meio de crônicas na importante Revista *Careta*, motivo de estudo da segunda parte deste capítulo.

Passemos, agora, depois desta explanação, à análise do romance *O Cravo Vermelho*, objetivo substancial deste estudo. Por meio de suas *Impressões de Leitura*, Lima Barreto dá o seguinte depoimento:

> O romance é de enredo simples e de poucas personagens. Trata-se de um moço, bacharel e literato da vanguarda, que se casa com uma sua prima, Laura, moça fútil e de boas carnes apetitosas, por capricho sensual e mais nada.
> Volta-lhe do Pará o antigo namorado, o Tenente Nelson, oficial da flotilha que o pai de Laura chefiara. Reata o namoro, e como esteja agora casada, o episódio sentimental acaba de maneira diversa.
> Leonel Barbosa, seu marido, que se agastava com as suas manias mundanas, fica sempre nisso, tem notícia da traição da mulher. Uma noite, surpreendendo-a em confabulações com o amante no jardim de casa, expulsa-a e vai procurar no seio amigo de uma moça, Carolina, que

> conhecera antes de casado e camarada sua de sonhos e doces quimeras, conforto, alento, paz e amor. (BARRETO, 1956b, p. 186-87).

Realmente o romance é de enredo simples, porém a narrativa aponta para as regras que pautavam a estrutura familiar no início do século XX, e talvez resulte deste ponto a sua importância. Carolina é uma moça de família financeiramente pobre, mas de educação refinada. Esta se apaixona por Leonel, advogado que não chega a estabelecer o compromisso para com a moça. Com a chegada da prima Laura, moça com interesses ambiciosos, que vê no casamento com Leonel a possibilidade de ascensão social, fato, inclusive, que era comum na época, este se interessa pela prima e se casa. Com o passar do tempo, notando na intimidade os gostos luxuosos de sua esposa, Leonel começa a se arrepender do casamento. Descobre que Laura está tendo um caso com o Tenente Nelson, expulsa a mulher de casa e conquista Carolina, com quem vem a formar um par. Entremeado às questões vinculadas à estrutura da família naquele tempo, o romance também oferece uma interpretação que desponta para a questão da busca amorosa, condição considerada inferior em um mundo onde falar de amor, liberdade por extensão, parece que se tornou antiquado. No entanto, é tentando recuperar o sentido da relação amorosa, tão intensamente perseguido no *O Cravo Vermelho*, que pretendo analisar o enredo, optando pelo estudo cronológico do texto, conforme esboçado pelo autor Ribeiro Filho.

É preciso elucidar que o contato de Leonel com a casa de Carolina era um hábito no seu círculo de relacionamentos. Desde o início da narrativa já encontramos o personagem principal — Leonel — ansioso por esta visita que considerava sempre prazerosa:

> – Se eu fosse visitar D. Olympia... — pensou Leonel.
> Morava perto aquela senhora cuja mocidade fora um encanto, e que hoje vivia de recordações das doçuras perdidas, ora cantando em dueto, ou trabalhando com sua filha Carolina. Leonel, o leal amigo dessa família, de quando em vez aparecia para trocar idéias, discutindo sobre literatura e

> assuntos sociais. Resolveu passar o domingo nessa casa cujo interior era um modelo de ordem e de serenidade, e onde todos se sentiam a gosto palestrando sobre banalidades ou sobre os sinceros problemas em voga pelo mundo. (RIBEIRO FILHO, 1907, p. 03).

Dessas palavras, podem-se extrair momentos onde aparece explícito o pensamento de Leonel. Sobre o amor e suas nuances, como o ciúme, por exemplo, o personagem transmite uma opinião que no decorrer do romance se tornará bem ambígua. Transcrevo:

> – O ciúme é um sentimento antinatural, fictício e negativo. No amor, é um desprezível comparsa e o seu papel consiste em substituir os sentimentos nobres que desapareceram.
> – Como assim? – perguntou Carolina, com a sua inteligente candura.
> – Digo que quando desaparecem o amor, a sinceridade, o bem querer, a confiança e a ternura, o ciúme se levanta e intenta ocupar esses lugares vazios.
> A opinião de Leonel, dita claramente, deixou todos perplexos e alarmados, necessitando de uma longa explicação.
> E ele ia dar as provas de sua curiosa teoria, quando o Cassiano Nogueira, lembrando-se das sessões do Retiro Literário, acudiu com um argumento pessoal:
> – O senhor, por exemplo, casa-se e sabe que sua mulher namora outro... não faz nada enquanto tiver amor por ela?
> Leonel magoou-se com a aplicação da tese *ad hominem*, mas sem se perturbar, repeliu a imbecilidade do Cassiano com uma opinião subversiva, dita com a sua clareza e sincera convicção habituais:
> – Casar é uma coisa e amar é outra. Casar por amor é insensatez; amar para casar, uma infâmia. O seu argumento, Sr. Cassiano, perde de valor para mim, porque na incompreensão dos bons e legítimos princípios, o senhor esqueceu de que entre o amor e o casamento há um traço de união extremamente tortuoso e quase imperceptível. Demais, sou solteiro e votado, por todos os meus sinceros sentimentos de independência, ao celibato... (RIBEIRO FILHO, 1907, p. 7).

Logo depois, instigado pelos amigos e companheiros de sala na residência de Carolina, Leonel declara:

> – Tal como eu, o amor nos escravizará por tempo indeterminado. Aqui penetramos no terreno da incoerência e das utopias. Entretanto posso ainda asseverar que o amor sincero, elevado e digno é a expressão máxima da liberdade humana. Ora, os espíritos livres, e <u>eu me orgulho de ser o espírito mais livre da Terra</u>, dispensam muito logicamente as cadeias morais que, sem reduzirem o movimento ascensional da terra, arrastam pela lama as asas mais vigorosas: - os condores têm às vezes que buscar a presa à flor dos charcos... (RIBEIRO FILHO, 1907, p. 8).

O tom poético com que Leonel transmite sua opinião sobre o amor deixa entrever duas possibilidades de interpretação deste pensamento, ou seja, o

personagem pode estar querendo dizer que o amor verdadeiro e correspondido é capaz de prender a ambos, ou já deixa clara a sua intenção para com Carolina, quando afirma vaidoso ser um espírito livre, logo procurando um par que o complete. Esta pode ser uma forma de Leonel se aproximar da moça, deixando nas entrelinhas da sua fala o desejo de ter Carolina.

Ainda buscando apresentar a opinião de Leonel sobre as questões do amor e do ciúme, cito este diálogo estabelecido com Carolina:

> Carolina interrompeu-o, sempre com o seu tato e meiguice:
> – Mas o senhor sem negar o ciúme, diz que é um sentimento escuso e antinatural, mas não afirma que ele seja de todo anti-social. É, pois, um sentimento compatível com os seres que se unem em coletividades onde há um pensamento e um sentimento comuns...
> – Logicamente! — asseverou Leonel. — Mas antes de tudo, eu considero a sociedade como a expressão suprema da natureza. Note bem esta idéia! Não é possível chegar à sociedade sem vir da natureza por uma longa e intensa seleção. Tudo quanto brotar parasitariamente na sociedade, as criações bruscas, os saltos, as neogêneses são necessariamente antinaturais sendo contudo perfeitamente da sociedade, onde entretanto não perduram nem se propagam.
> – Aplique a teoria... — disse Carolina.
> – O ciúme — prosseguiu Leonel — é um qüiproquó, um lacaio do amor. Ninguém me assegura que a videira nasceu para ser devorada pelo filoxera, nem o amor para pasto do ciúme. Os cogumelos são brotos esdrúxulos da cultura, mas como procedem da fermentação e se propagam esporadicamente, restam sempre desprezíveis e efêmeros. O ciúme é um cogumelo que irrompe da podridão do amor.
> – Está bem certo disso — objetou Carolina.
> – Sem dúvida nenhuma...
> – Mas eu vejo incoerências na sua teoria, ou, pelo menos, vastas lacunas, grandes vácuos que é preciso cumular de explicações minuciosas.
> – Com efeito! As minhas idéias sobre o amor e o ciúme assemelham-se a uma ponte imensa correndo em arcos gigantescos e vãos enormes sobre abismos profundos. Nem por isso, é menos segura nos extremos. A minha teoria se sustenta pela resistência dos materiais de que é formada. Que importam os abismos entre uma base e outra base? A ponte não vai igual de um destino a outro destino? (RIBEIRO FILHO, 1907, p. 9-0).

A atenção de Carolina pelas colocações de Leonel acerca do amor e do ciúme deixa entrever o interesse desta moça pelo rapaz. Carolina indaga se Leonel está certo do que afirma, e, diante da posição positiva do rapaz, se coloca mostrando haver incoerências na teoria dele. Neste momento, Leonel faz uma comparação de sua teoria com a estrutura de uma ponte. De uma forma metafórica consegue dissuadir a preocupação de Carolina. A linguagem utilizada é comum para

jovens na faixa etária dos vinte anos. O diálogo é construído intercalando o posicionamento do rapaz e as interpretações da moça; através desse processo fica nítida a posição ideológica do próprio autor.

Apesar deste pensamento parecer indicar um atalho para o sentimento da filha de D. Olympia, Carolina, será no capítulo II, com a chegada das duas primas, que viviam cerca de dez anos no Pará, que o autor tratará da fuga não só da possível intenção amorosa de Leonel para com a moça, como estabelecerá novos planos para sua vida:

> Desembarcaram sem ter avisado, na tarde da véspera e só nesse domingo, alto dia, puderam vir ver a família que ainda ignorava essa chegada querida, mas não esperada. Foi um alegrão para todos. O dr. Barbosa, pai de Leonel, ficou encantado; d. Martha sua mãe não sabia o que fazer com essas sobrinhas, a quem queria como filhas; as irmãs de Leonel, a Clara de 18 anos e a Branca de 15 anos radiantes de rever o tio e as primas tão estremecidas desde os tempos da meninice. Só faltou para o brilho maior dessa recepção o Leonel que, justo no momento e distante em outra casa, sentava-se ao café de d. Olympia e de Carolina. (RIBEIRO FILHO, 1907, p. 13).

Esta ausência desperta nas primas do Pará toda uma vontade de rever Leonel. O rapaz as recebe, inicialmente, com frieza, porém logo em seguida, em conversa na sala passa a ser o centro das atenções das primas:

> Leonel largou o taco, acendeu um cigarro e voltou à procura do tio na sala. Perderam o resto da tarde em conversas de interesse da família e ao jantar trataram das coisas nacionais.
> (...)
> As moças que acorreram à palestra na sala, ouviam-no com satisfação. As idéias, as histórias, a eloqüência, a crítica, o bom gosto do primo eram novidades para elas recém vindas da província onde todo o mundo se parece e se conhece: pelo menos Leonel não tinha a impressão da província, dessa sociedade limitada e banal que nada promete, nem eleva, nem distingue.
> A sensação de estarem no Rio, num meio superior, civilizado, elegante e culto, elas a tiveram nitidamente. Puderam julgar, pelo Leonel, que sociedade era esta, onde os rapazes trajam bem, falam corretamente, têm sempre espírito e assunto novo para as longas palestras do salão ou da intimidade.
> Por Leonel julgaram o resto, a mocidade elegante e nobre, entendendo do que elas não entendiam, isto é: de literatura, de arte, de ciência, discorrendo sobre a vida e sobre o amor com idéias novas e requintes especiais que só a longa prática do mundo pode dar. Viram através desse primo semi-selvagem o mundo dos homens amáveis, fidalgos, gentis, sempre prontos aos grandes lances de cavalheirismo e jamais perturbados pelas futilidades dos negócios, da política ou do jogo. (RIBEIRO FILHO, 1907, p. 17-8).

Como se pode notar, o narrador termina por inserir no texto a imagem da personalidade dos habitantes da cidade do Rio de Janeiro. Utilizando-se da fala de Leonel, o narrador cria pelo viés psicológico do pensamento das primas Beatriz e Laura toda uma interpretação do modo de ser do homem carioca. As primas apropriam-se da imagem de Leonel para desdobrar tal imagem nos outros rapazes do Rio de Janeiro. É clara a intenção do narrador em valorizar a cidade do Rio, considerada, naquela época, a melhor e mais importante cidade brasileira, superior a todas as outras.

Antes de tratar do momento em que a narrativa apresentará a definitiva ligação pelo matrimônio de Leonel com sua prima Laura, o que só acontece no capítulo V, é preciso mostrar um pouco das personalidades de Leonel e Carolina, descritas por Ribeiro Filho.

No capítulo III, o narrador transmite uma impressão acerca da pessoa de Leonel:

> Formado em Direito, sentia aversão à carreira que, nem pelo ideal de justiça ou pelo brilho das posições, podia atrair-lhe o bem querer. As suas tendências literárias, a delicadeza dos seus sentimentos, os requintes de sua educação repeliam qualquer trabalho ou carreira em que se prendesse definitivamente pela vida inteira.
> Não por ócio ou incapacidade, mas por simples divergências com os meios usuais de ação, Leonel sentia-se inútil ao convívio das gentes. Os seus trabalhos e energias eram de um grande vigor na atual época de febre e de exaltações; mas toda essa força era aplicada à observação e à análise que na forma literária tinha a sua mais bela e mais própria manifestação. Leonel escrevia, fazia romances em que dava largas a todo o seu senso crítico e em que expandia as suas mais altas e mais nobres esperanças e aspirações morais.
> (...)
> Mas o mesmo trabalho literário, por grato e consolador, era exaustivo e exasperante.
> (...)
> Desconhecido dos homens de letras, e inédito para o público, Leonel via-se a si mesmo como um doente, um nevrosado, de imaginação febril que, a continuar sem freio, o levaria à loucura completa. Para que pensar, sentir e escrever sem nenhum interesse atual para si ou para os outros?
> <u>Uma acurada experiência provava-lhe ser impossível viver da literatura na sua pátria</u>, por motivos que esmerilhava um a um, achando-os dolorosamente justos.
> Uma companhia, alguém, criatura sensível, uma mulher, em suma, impunha-lhe necessária como as coisas mais indispensáveis à vida em luz, calor e vibração.

> As primeiras tentativas frustraram completamente, e pareceu comprometer o seu anelo irreprimível para o amor e a alegria de viver. Depois, Leonel intentou viajar, correr o mundo e esquecer em peregrinações sem norte, as exigências de sua natureza afetiva e sonhadora. Não tinha, porém, recursos para seguir um roteiro ideado e completo, e todo o seu desejo de correr terras e mares, trechos do mundo antigo e panoramas modernos, cidades e campos onde jamais a vida haja cessado, limitou-se a um afastamento periódico na fazenda de um primo em Resende, de onde se deu pressa em retroceder.
> De volta, os impulsos iniciais ressurgiram com dobrada violência. Leonel sentia verdadeiras angústias de se achar só e inútil no meio da sociedade ruidosa e indisciplinada onde predominam tantas uniões e tantos interesses conjugados ao dispersivo pensamento comum da sociedade.
> (...)
> Mas essas mesmas horas de desafogo irônico agravavam até ao desespero a sua crise para que em vão buscava engano, de preferência a dar-lhe remédio radical. E um dia veio em que Leonel confessou a sua angústia ao mundo, numa carta aberta publicada num jornal de grande circulação. (RIBEIRO FILHO, 1907, p. 21-2-5-6).

Esta longa descrição dá conta do temperamento de Leonel. Sem encontrar alento na profissão de advogado, o rapaz também vê com desdém a alternativa da literatura. Entretanto, há na veia artística de Leonel um ponto de contato com a individualidade de Carolina. Pelo que tudo indica, parece que a marca da personalidade de ambos é delineada pelo desinteresse. Almejam simplesmente o amor. São dois inadaptados vivendo em uma sociedade onde só cabe enquadrar-se a um modelo oferecido para ser seguido. Além de transmitir dados da intimidade da moça, a transcrição abaixo indica os traços artísticos e literários com que Carolina transmite sua compreensão dos mecanismos da vida humana e da sociedade:

> Carolina era uma moça que, semelhante nas aparências a todas as mais, tinha um caráter e um espírito totalmente diversos do comum no seu sexo. Boa, sincera, generosa, simples, sem presunção nem vaidades, Carolina amava a vida, adorava a justiça, aspirava à paz, e tinha, com um senso artístico notável, cultura, intuições a idéias adiantadas.
> Nos seus olhos grandes e claros, onde palidamente brilhava uma melancolia casta e suave, transluzia o reflexo azulado da candura e da benevolência que tudo perdoam e tudo consolam. Nesses olhos castanhos e pálidos, havia poemas de ternura inéditos e vagas harmonias de um amor incorruptível. Longas pestanas amorteciam-lhe as cintilações magnificantes, que falavam toda a história dos incêndios interiores. Calmos, contemplativos e meigos os olhos de Carolina eram como astros conjugados suspensos sobre abismos, protetores e guiadores dos que se perdem e dos que desesperam da salvação.
> (...)
> Afora os olhos, ainda a voz lhe atraiçoava os encantos do espírito generoso e terno. A sua voz era doce, trêmula e penetrante, como só as ondas de perfumes podem dar idéia; nenhuma outra coisa lhe serviria de comparação. Instrumentando essa voz meiguíssima, Carolina completava

> com a melancolia do olhar, a nota comovente do seu poema de ternura e de consolações.
> – Mas — observou Carolina — se todo o amor representasse um desastre, a vida não existiria. Sejamos leais, digamos a verdade inteira: o instinto do amor fica fora de toda discussão. Eu acho que a única vitória da vida é a própria vida, e uma vez que esta é semeada de asperezas, é uma glória atravessá-la despedaçando-nos e sangrando.
> (...)
> Saída do colégio aos 18 anos, por ocasião da morte de seu pai, - um homem de bem, de espírito culto e elevado, — Carolina ficou ao lado da mãe inteiramente resolvida a suportar as adversidades que adviessem da perda da fortuna única que era o trabalho de seu pai, professor de matemáticas num ginásio afamado.
> (...)
> D. Olympia tinha de sua parte uma pequena propriedade cujo aluguel dar-lhe-ia modestíssima subsistência e, como não bastasse, deu-se à costura e às lições de piano. Com isso vivia honestamente. Carolina auxiliava-a neste mister e passava a limpo minutas de agravos, petições e papéis de um grande advogado morador na vizinhança.
> Nesse meio, poucas ocasiões teve de se apaixonar e de ser requestada. Tolerava os tipos, sem os admirar ou idealizar, e apenas uma vez andou impressionada por um jovem engenheiro, bonito e gentil, que uma noite num camarote de teatro fez-lhes os mais decididos galanteios. Infeliz ou felizmente tudo ficou como se não se dera, e ao fim de três meses, o novel engenheiro seguiu para o Rio Grande em exploração de estradas de ferro. (RIBEIRO FILHO, 1907, p. 31-2-4-5-6).

Apesar da afinidade na maneira de ver a vida, nas interpretações sobre os sentimentos, em especial o amor, Carolina e Leonel não conseguem estabelecer um contato mais íntimo. A narrativa é retomada no capítulo V com Leonel visitando as primas recém chegadas do norte. Desse contato despontará o relacionamento entre Leonel e a prima Laura, culminando no precoce casamento.

Antes de seguir com o comentário mais detalhado do romance, é preciso pensar um pouco sobre o narrador. Este, além do excesso de adjetivos - delicadeza, inédito, doente, nevrosado, sincera, generosa, simples -, para citar somente alguns, interfere o tempo todo na narrativa, seja explicando as situações, seja criando a imagem dos personagens, o que faz com que os diálogos se tornem rápidos, passando automaticamente de uma cena para outra. Estas constantes intervenções do narrador terminam por imprimir ao texto muito mais as suas interpretações do que deixam com que o leitor chegue a sua própria conclusão, seguindo simplesmente as orientações dos movimentos delineados pelos personagens. O

narrador prende-os à sua pena, tornando o texto uma visão sua, portanto unilateral. Se o narrador não assume o papel de intérprete no romance, só lhe cabe a relação mais próxima com o próprio autor, o que permite perceber uma intimidade/semelhança do criador com suas criações, o que pode ser comprovado pelo alegórico diálogo entre os integrantes da narrativa. Como não têm vida própria, os personagens no romance são meros fantoches na mão do narrador.

Retomando o encontro de Leonel com a prima Laura, momento em que fica marcado o possível envolvimento dos dois, vê-se que Leonel reserva interesse pela prima do norte. Transcrevo:

> Dias se passaram sem que Leonel se decidisse a visitar as primas, muito embora suas irmãs houvessem-lhe arrancado a promessa formal de que, uma certa noite, as levaria ao hotel.
> (...)
> Prevenidas por essas e outras contra ele, receberam-no friamente uma manhã, em que, por falta de apetite, resolvera almoçar no hotel com o tio e as primas. Um simples bom dia e as respostas breves às perguntas repetidas e vulgares deram a compreender a Leonel que as moças mudaram de ânimo a seu respeito. E isto aborreceu-o e entristeceu-o a ponto de, num momento, levantar-se e procurar o chapéu. Laura percebeu-lhe o enfado e acudiu pressurosa:
> – Então? Já vai? Não almoça?
> – Não posso, estou nervoso hoje.
> – E por isto vem visitar-nos? — interrompeu Beatriz.
> – Sim, — disse ele sem mostrar ter entendido a hostilidade — sim, e o meu nervoso aumenta à proporção que vocês se calam diante de mim.
> – Mas não, Leonel, — replicou Laura — nós nos calamos com receio de desagradar a você que é tão inteligente e fidalgo.
> (...)
> Passados esses momentos, continuaram mais animados a conversar sobre intimidades e recordações gratas a todos. Leonel passou quase que o dia inteiro no Hotel. Depois do almoço, desceram ao jardim dos fundos do prédio, onde havia dóceis de verdura, tanques povoados de nenúfares, flores e frutos. A atração sensual daquelas mulheres completas prendera os sentidos de Leonel que se sentiu incapaz de analisar o seu estado moral e de compreender por que se deixava ficar tão longo tempo a dizer tolices, a bocejar nervoso e a distender os músculos em longas contorções quase espasmódicas. Elas, por seu turno, embora dominassem as emoções do momento, estavam encantadas pelo primo que lhes dizia tantas coisas agradáveis e que estava com os olhos tão lânguidos e tão brilhantes. Beatriz, mais retraída, deixou à Laura todas as honras do dia, percebendo que Leonel dava preferência à irmã. Laura sentiu que o primo a escolhera, e ficou muito lisonjeada e feliz por isso.
> (...)
> E Leonel, forte como a sua idéia, ao chegar em casa respirou e disse ao pai que o esperava na varanda:
> – Sabe, meu pai, vou pedir a Laura em casamento.
> – Assim... Sem mais nada...
> – Sem mais nada. Eu tomo as resoluções dos suicidas.
> E sorriu muito dignamente. (RIBEIRO FILHO, 1907, p. 41-2-3, 51-2).

Ao saber que Leonel havia pedido ao Comandante Romeiro a mão de Laura em casamento, Carolina, que nesta altura reconhecia amar o rapaz, se desespera. Depois de longo tempo sem aparecer à casa de D. Olympia, eis que Leonel surge para explicar o casamento, porém depara-se com o amor, agora impossível, mas declarado, de Carolina. Transcrevo parte dessa página do romance:

> Depois do jantar, à tardinha, desceram ao jardim; estiveram escolhendo flores para os vasos da sala de visitas e discutindo animadamente sobre a implacável e surda batalha pela vida entre as plantas. E, como devassassem o segredo das corolas e dos pólens, a essa hora melancólica e moribunda, Carolina, arrebatando-lhe das mãos um cravo vermelho e como que ensangüentado, espedaçou-o a dizer:
> – Pereça a flor sensual!
> – Oh! Bárbara! — retorquiu Leonel — é uma imolação parcial e inútil! A vida, o paroxismo da carne, a eclosão das sementes, continua nas hastes e nos leitos, lá onde se enflora o eterno amor!
> – O eterno amor! — repetiu ela com acento voluptuoso e doloroso – Conhecem-no os que se sacrificam no obscuro e inenarrável martírio de sonhar... E eu o sonhei, visionário, puro, como uma renúncia...
> – Confessa-o? — interrogou Leonel vibrado de uma indizível comoção.
> – Já não posso! é tarde!
> – Carolina!
> Leonel aproximou-se, subitamente angustiado da suspeita cruciante de ser amado por ela. E ela, vergada ao peso de um arrependimento supremo, apontou-lhe o poente, como para uma inocência que vai morrer:
> – É tarde! Leonel! Os dias são longos no verão, curtos no inverno!
> Entre os dedos trêmulos tinha espedaçado o cravo vermelho, aromal e simbólico... (RIBEIRO FILHO, 1907, p. 64-5).

Além do impedimento da reciprocidade amorosa que, como mostra a transcrição, estava presente na postura de Carolina, desacreditada da possibilidade de relacionamento com Leonel, há a presença do cravo. Esta flor, neste momento do texto, será o símbolo do relacionamento impossível entre Leonel e Carolina. Ao final do enredo, como será abordado adiante, o cravo vermelho, título do romance, será o elo que reforçará este amor interrompido no passado. Vale lembrar que a flor simboliza o que há de melhor, mais bonito, mais livre de impurezas, mais nobre e pleno de felicidade. Logo, o título da obra já é uma pista para o desfecho da narrativa.

Este encontro pontua o desencontro de Leonel e Carolina. Deste momento em diante, Carolina irá se calar diante de seu amor por Leonel. A moça guardará este segredo e sofrerá muito a ausência de seu homem amado. O silêncio se impõe na vida de Carolina, esta se transforma em uma moça introspectiva, tentando abafar seu sentimento. Sua atitude lembra interessante passagem de Roland Barthes em *Fragmentos de um discurso amoroso*. Cito:

> Os signos ficarão encarregados de calar, de mascarar, de tapear: não demonstrarei nunca, verbalmente, os excessos do meu sentimento. Nada tendo dito sobre os estragos dessa angústia, poderei sempre, quando ela tiver passado, ter certeza de que ninguém terá sabido dela. Força da linguagem: com minha linguagem posso fazer tudo: até e principalmente não dizer nada.
> Posso fazer tudo com minha linguagem, mas não com o meu corpo. O que escondo pela linguagem, meu corpo o diz. Posso modelar à vontade minha linguagem, não minha voz. Não importa o que diga minha voz, o outro reconhecerá que "eu tenho qualquer coisa". Sou mentiroso (por preterição), não comediante. Meu corpo é uma criança cabeçuda, minha linguagem é um adulto muito civilizado... (BARTHES, 1981, p.90).

Esse mutismo, essa ausência em relação ao amor não correspondido, acompanhará Carolina até o momento em que seu corpo adoentado acusará o amor adormecido ou propositalmente esquecido. Essa passagem será explicada adiante.

Procurar-se-á, agora, tratar da vida de casado de Leonel e Laura. Como o próprio escritor elucida no capítulo VII, os primeiros meses do matrimônio seguiram na mais plena harmonia e felicidade. Esta explicação pode ser melhor esclarecida por meio das palavras de Roland Barthes:

> Há duas afirmações do amor. Primeiro, quando o apaixonado encontra o outro, há afirmação imediata (psicologicamente: deslumbramento, entusiasmo, exaltação, projeção louca de um futuro realizado: sou devorado pelo desejo, a impulsão de ser feliz): digo sim a tudo (me tornando cego). Segue-se um longo túnel: meu primeiro sim é roído pelas dúvidas, o valor amoroso é a todo instante ameaçado de depreciação: é o momento da paixão triste, a ascensão do ressentimento e da oblação. Posso sair, porém, desse túnel; posso "sobrelevar", sem liquidar; o que afirmei uma primeira vez, posso novamente afirmar, sem repetir, porque então, o que afirmo, é a afirmação, não sua contingência: afirmo o primeiro encontro na sua diferença, que sua volta, não sua repetição. Digo ao outro (antigo ou novo): Recomecemos. (BARTHES, 1981, p. 18).

O que nos interessa é a primeira parte da transcrição. Ao que tudo indica na narrativa, parece que Leonel estava encantado por Laura. No início do casamento, o marido, talvez tentando agradar a mulher, financia todos os desejos desta, todavia, à medida que o tempo passa, o "túnel" que liga a relação amorosa de Leonel se encurta e apresenta visões de bifurcações até então desconhecidas. Nesse momento o desequilíbrio no relacionamento se instaura e o amor de Laura passa a ser um antigo amor, visto a descoberta de outros caminhos que o próprio convívio apontou na relação. Conforme o adágio popular, "no início tudo são flores".

Mas é preciso seguir a narrativa para aclarar com mais precisão os fatos. Leonel, empregado como sub-pretor no subúrbio passa a residir com a mulher, a cunhada Beatriz e o sogro em uma casa em Botafogo. Dedicado ao trabalho, mantendo o luxo exuberante de sua esposa, Leonel se exaspera logo após os três meses de casado:

> Formulada mais ou menos nesses termos a sua teoria de beleza, da glória e da apoteose, Laura ao fim de três meses de casamento já não era a mesma. Uma vaidade incoercível mudava-lhe as atitudes, a cor da face, o acento das palavras. O seu ar era realengo, senhorial, quase olímpico. Passou a trajar-se rigorosamente na moda e só pedia ao marido mais rendas, mais sedas, mais plumas, mais brilhantes. E quando Leonel, que sentira a notável mudança dos seus hábitos e gestos, perguntava-lhe se todo aquele apuro e elegância vinham do receio de vê-lo descontente com a sua formosura, ela respondia esfregando os olhos adormecidos em visões fulgurantes:
> – Não! Absolutamente. É que nós não temos filhos, e se eu hei de cuidar de bonecas, trato de mim.
> (...)
> Hoje mesmo, mal acabes a tua hedionda *toilette* de mulher da moda, abre as portas da sala para a recepção dos embaixadores do mundo que vêm dos quatro ângulos da Terra trazer-te as homenagens dos reis e dos povos deslumbrados. Vai lá; vai; é esta a tua felicidade única. Por mim, prefiro um passeio solitário pela cidade, a ver coisas que nunca verás com esses olhos escravizadores. (RIBEIRO FILHO, 1907, p. 77).

Este desabafo de Leonel deixa nítido o seu relacionamento abalado com Laura. Enquanto esta se preocupa somente com aparências, exigindo cada vez mais recursos, Leonel prefere uma vida simples, distante das reuniões sociais, mais próximo das belezas naturais, que infelizmente não são descritas no romance.

Sendo ambientado no Rio de Janeiro, sente-se, a todo tempo, no texto, total carência da paisagem da cidade, primeiro, por assim dizer, grande defeito do autor.

Há um momento no texto onde a exasperação de Leonel chega ao máximo, tornando o seu desespero pela consciência do casamento falido uma pertinente confissão:

> – Marido, eu! Dono de uma mulher e pai obrigatório de todos os seres que esperam no ovário o espermatozóide vencedor: dono de uma casa onde se reúnem todos os imbecis do Rio de Janeiro e onde uma mulher representa com o seu nome uma ópera-bufa de elegâncias alucinadas! Eu, marido, explorador exclusivo de um ardor sexual, possuidor *hors concours* de uma carne reservada, responsável financeiro de uma falência familiar e mundana! Oh! Como tudo isso é monstruoso, descabelado e sujo!..... (RIBEIRO FILHO, 1907, p. 88).

Dessa primeira crise conjugal surge novamente a pessoa de Carolina. Informado por Artur Mendes sobre a enfermidade da moça, Leonel resgata do seu inconsciente a figura da filha de Dona Olympia:

> – Sabes quem está muito doente? A Carolina.
> – Sim? — fez ele subitamente doído.
> – Disse-me hoje d. Mariana Sá.
> Durante esse longo tempo de casado Leonel fora apenas uma vez visitá-la, e dela recebera em pagamento cerimonioso uma única visita. Viram-se mais de uma vez, é verdade, pelas ruas na cidade, mas nem um nem outro procurou continuar a antiga amizade que os fez tão íntimos e tão cordiais. Como notícias suas, Leonel, sem pensamento de magoá-lo, mandava-lhe pelo correio os jornais e revistas em que publicava trabalhos literários que Carolina lia com avidez e carinho.
> (...)
> Leonel guardava de Carolina uma reminiscência grata e imorredoura, que não lhe alterava o senso afetivo, mas que concorria poderosamente para manter no mesmo nível a esperança generosa de uma vida superior e pura.
> Quando via a sua sala cheia de gente ansiosa de primar no *steeplechase* da galanteria, e que no fim de contas só se trocavam imbecilidades e olhares frios, cortados de invejas e de ódios, ele lembrava os tempos passados da sociedade em casa de Carolina, onde tudo tinha um cunho encantador de carinho, de afeto, de sinceridade e de elevação que contrastava violentamente com a nota viva e nula das recepções presididas pela mulher.
> (...)
> Cerca de quatro horas, Leonel bateu em casa de D. Olympia que o recebeu carinhosa como sempre.
> – Carolina? — perguntou — Doente?
> – Ainda. Febres constantes; dores e uma grande opressão no peito.
> – Tuberculose? — interrogou Leonel angustioso.
> – Oh! Não. Um resfriamento e talvez uma pneumonia. Ela se descuidou e ficou lendo até alta noite junto à janela aberta.
> – Quem é o médico?
> – O Dr. Rabello; vem aqui todos os dias. Quer vê-la?
> – Posso ir?
> – De certo.

> D. Olympia conduziu Leonel ao quarto da filha. Bateu à porta:
> – Carolina! ... O Dr. Leonel...
> – Entrem!...
> Recostada ao leito, muito pálida, quase desfigurada, Carolina ardia em febre. Nesse quartinho simples e claro, onde tudo falava da paz, da doçura e do conforto supremo da simplicidade, Leonel não entrou sem um elevado sentimento de nobre afeto e respeito.(...)
> (...)
> – Obrigada! — disse ela acomodando-se para conversar, e sorrindo levemente.
> (...)
> Contou-lhe a sua vida, os seus trabalhos, as suas esperanças. Nenhuma palavra sobre a mulher; tudo se passara como se ele fosse só na vida. Uma poderosa emoção avassalou-o. Incapaz de contê-la, dissimulou-a em frases leves e claras, como não se querendo atraiçoar. Carolina escutava-o como em sonhos, muda, atenta, sempre meiga e generosa. Ao fim, como ele se calasse, ela estendeu-lhe a mão:
> – Leonel, vá. Tenho muita febre. (RIBEIRO FILHO, 1907, p. 79, 83-4).

Desesperado, Leonel promete não poupar recursos para salvá-la da desconhecida moléstia. Esquece-se, porém, que sua condição financeira, com os gastos excessivos de sua mulher Laura, estava abalada. Mesmo assim, recorre ao Dr. Rabello por meio de um favor, recurso, aliás, comum na cultura brasileira, assumindo, assim que o médico salvar Carolina, pagar todas as despesas em pequenas prestações:

> – Miséria! — dizia-se amarguradamente — Para o luxo e o supérfluo nunca me faltam recursos; e agora que vejo sofrer e morrer um ente amado entre todos, sinto uma penúria indigna dos simples corações!
> E uma idéia viu-lhe: ir ao médico. Resoluto foi à casa do Dr. Rabello. Contou-lhe uma história:
> – Quando eu era estudante, recorri uma vez ao marido de D. Olympia, e contraí para com ele uma dívida que nunca paguei, e que ficou em segredo. Agora é ocasião de me eximir de um compromisso e de um remorso. Peço-lhe, meu caro doutor, peço-lhe, salve Carolina por todos os meios, e a conta pago-a eu. Fica entre nós este negócio, sim?
> Leonel partiu satisfeitíssimo, e ao chegar em casa mostrava-se tão jovial que sua cunhada perguntou-lhe:
> – Então, Leonel, viu passarinho verde?
> – Azul! todo azul! — replicou passando. (RIBEIRO FILHO, 1907, p. 85).

É em meio a esta situação complicada da doença de Carolina que surge outra complicação para a vida de Leonel. O oficial Nelson de Abreu, vindo morar no Rio de Janeiro, aparece para uma visita ao sogro de Leonel, o Comandante Romeiro:

> Assim resolvido, almoçava, quando o criado, acudindo ao soar da campainha do portão, veio anunciar ao comandante Romeiro que estava na sala um oficial de marinha, Sr. Nelson de Abreu.
> – Oh! o Nelson! Manda-o entrar; em boa hora: veio ao almoço.
> Laura não mostrou nenhum interesse em saber da presença do antigo amigo que no Pará lhe fizera uma corte assídua e entusiasta. Leonel, porém, ao ouvir pronunciar-lhe o nome, sentia uma espécie de estremecimento como o do contato com uma aspereza inesperada. O sogro levantou-se para recebê-lo. Momento depois entrava na sala com um rapaz de 30 anos, mediano de estatura, muito alva, ruivo, com uma grande cicatriz na face imberbe que, com as narinas dilatadas, os olhos grandes e a boca carnuda e pequena, davam-lhe uma expressão de desabuso, de coragem e de paixões imoderadas.
> Ao avistar Laura, o tenente Nelson teve um sorriso expansivo e longo e uma sonora exclamação de alegria e confiança. Ela sorriu benévola e deu-lhe calorosas boas vindas. Conversaram. Leonel, ao ser-lhe apresentado pelo sogro como o marido de Laura, não se pode conter que não acrescentasse o seu nome e qualidade.
> – Caro tenente, eu me chamo Leonel Barbosa, juiz. Para servi-lo.
> – E eu, dr., Nelson de Abreu; infelizmente não serei mais tenente da armada para o servir. Pedi ontem a minha reforma. (RIBEIRO FILHO, 1907, p. 80-1).

Se, por um lado, o romance utiliza como cenário o tom romântico, há, por outro lado, todo um questionamento diante da própria idéia de felicidade, tema tão caro ao romantismo. O personagem Leonel interroga o relacionamento homem/mulher mostrando a padronização do casamento, indagando sobre a própria autenticidade do contato íntimo do casal, acreditando, enfim, ser mais uma imposição social. Em suma, o personagem traz à tona uma abordagem crítica do ideal de felicidade, esclarecendo, de forma angustiada, não estar satisfeito com a sua vida, ou seja, o casamento apresenta-se como um suporte insuficiente, aliança que se rompeu, sobretudo, a partir do século XVIII, quando entrou em vigor a importância da sexualidade, tendendo a um aprofundamento das sensações dos corpos, da qualidade dos prazeres.

O sentimento de Leonel é confuso. Ao mesmo tempo em que se sente atraído por Carolina, sente ciúme do tenente Nelson e busca resgatar o amor por Laura:

> Uma noite, deitando-se, como de costume, despertou com os seus carinhos a mulher que passava longas modorras a esperá-lo para a volúpia ardente e prolongada de sempre. Laura ficou insensível às suas carícias tão docemente sensuais.
> – Dormes? tudo isso é sono? — perguntou com a voz já um pouco alterada.

> – Não! — respondeu ela. E, voltando-se para o lado oposto, adormeceu.
> Leonel teve um indizível estremecimento. Uma sombria e pungente sensação de abandono envolveu-lhe os nervos como reunindo num só feixe, numa dor única, numa distensão igual. Tudo nele foi contundido simultaneamente. O amor contrariado fustigou-lhe a carne até as chagas, como azorragues em brasa. Ao mesmo tempo, o espanto, a cólera, a desolação, a dúvida, a vergonha e toda a indeterminada gama intermediária entre essas notas desorientadoras, novos sentimentos, novos instintos, novos sentidos, tudo despertou numa vertigem, de súbito.
> (...)
> Abeirou-se do leito. Deitou-se ao lado dela; o seu perfume acordou-lhe o desejo sensual; mas agora uma força imperativa afastava-o da mulher: — a certeza da posse deu-lhe o desprezo pela coisa possuída. O irreprimível desejo afigurou-se-lhe um hábito genial, que, a igual dos outros, podia ser contrariado sem prejuízo algum. Entretanto idéias más de novo surgiam-lhe, açulando-o. (RIBEIRO FILHO, 1907, p. 89-91).

O ciúme termina por dominar o sentimento de Leonel. Com a rejeição de Laura, Leonel passa a criar meios para testar o amor da mulher. Procura tomar atitudes estranhas aos seus hábitos, não explica suas saídas fora dos horários comuns, tudo isso para sofrer a repreensão de Laura. No entanto, tais atitudes só somam a sua desconfiança, pois Laura não emite nenhuma opinião ante as atitudes do marido. Transcrevo um trecho:

> – Teria Laura amado a outro? Terei sido substituído? Desde quando? Por quem?
> Leonel estacou subitamente no meio do quarto. Uma dor agudíssima parecia, como uma agulha imensa, arar-lhe o cérebro de uma à outra têmpora. E o cérebro se lhe paralisou numa espécie de demência.
> (...)
> Sairia em visita ao Rio noturno, aspecto que lhe fora dantes tão familiar e era agora desconhecido.
> Levantou-se, procurou o chapéu, abriu a porta. Precisava uma desculpa? Uma justificativa para esse passeio quase absurdo das dez horas da noite? Não; iria sem dizer nada.
> A sua ausência serviria de prova; se Laura estranhasse, se queixasse, se mostrasse sentida e ofendida, não haveria melhor manifestação de amor e de amizade tranqüilizadora. Se não...
> (...)
> Mas nenhum dos seus anseios se confirmou. Chegando, era a criada quem o esperava e quem lhe abriu a porta.
> (...)
> Foi o sogro quem lhe perguntou onde fora essa noite.
> – Por aí! — respondeu intencionalmente para provocar qualquer pergunta de Laura.
> Ela, que cantarolava, continuou a toada monótona e infantil.
> O seu estado moral chegou com esse incidente ao extremo do relaxamento e da desordem. Para evitar uma irrupção, tornou a sair precipitadamente sem se despedir. Guardava a ilusão de que na rua encontraria sossego, distrações, harmonia. Entretanto, longe do lar, parecia-lhe que deixara alguma coisa, que iria acontecer qualquer irregularidade em casa, ou que na sua ausência havia alguém a mais na sua vida, invisível, perdido, irônico... (RIBEIRO FILHO, 1907, p. 92-3-4-5).

O que se vê é a formação de um triângulo amoroso móvel. Mas neste triângulo o casal Leonel/Laura, base da figura geométrica, introduzem alternadamente os seus pares, isto é, seus amantes Carolina/Nelson, daí a idéia de movimento lançada anteriormente, como se o casal regulasse a outra ponta. Para formar esta ponta Leonel está preso à Carolina; em contra-partida, Laura também cria o seu elo, com a presença do antigo namorado Nelson. Dante Moreira Leite entende que:

> Entre adultos, todos sabem como o triângulo, sobretudo se apresentado no amor, tem qualidades dramáticas muito nítidas, pois é uma situação essencialmente desequilibrada e sem harmonia. Portanto o triângulo, nas relações interpessoais, contém os germes de sua destruição. Ou os três conseguem um novo membro para o grupo (caso em que se formariam dois pares) ou um dos membros do triângulo será expulso. (LEITE, 1979, p.15).

É por intermédio deste deslocamento triangular, alternado pela mobilidade do interesse e do desejo, que o casal Leonel/Laura encontrará saída para seus relacionamentos, o que ocorrerá com a definitiva introdução dos amantes em suas vidas. Logo, o traçado geométrico se reestrutura dando forma a um quadrângulo, sem a expulsão de um dos membros, mas formando dois pares. Com a chegada do Sr. Nelson de Abreu, que havia sido namorado de Laura, o dissabor se instalará. Nelson passa a ser o pivô da traição que será a derrocada do compromisso recém assumido por Laura e Leonel:

> Nelson conduziu as negociações com raro vigor; e por mera tenacidade conseguiu tudo. Laura, precisamente no dia seguinte àquele em que Leonel tivera a crise não dominada e acabada com uma noite de amor, foi à cidade acompanhada de Beatriz e arriscou um passo ousado, segundo uma desabusada combinação do Tenente Nelson. A favor da multidão, afastou-se da irmã, deixou-a sozinha, dominada de espanto e aflição no meio da rua do Ouvidor, e foi a toda pressa, sem se importar com os olhares interrogativos e admirados das gentes, encontrar Nelson em uma rua próxima, previamente combinada por ambos.
> Cega, inconseqüente, seguiu-o por entre a multidão agitada e entrou no quarto onde ele morava.
> Não ofereceu resistência; entregou-se quase sem consciência do que fazia, e apressada, febril, depois de meia hora voltou com a carteira cheia de dinheiro, a procurar a irmã.
> (...)

> O Artur Mendes, que havia sentido na aproximação entre Laura e Nelson qualquer coisa mais séria que simples galantaria, e que, por isso, seguia curiosamente todos os movimentos de Nelson, casualmente vira Laura sair afogueada da casa onde o tenente tinha a sua *garçonnière*.
> Quis segui-la; mas tal foi o seu espanto que não se pode mover do lugar, na calçada da rua onde passava.
> – Oh! a desgraçada! — foi a sua exclamação.
> Pôs-se a pensar no caso, a revolvê-lo, e imaginou como ficaria Leonel se soubesse desse horrível acontecimento. E, como achasse essa traição inqualificável, resolveu desesperadamente denunciá-la ao seu amigo.
> Na manhã seguinte procurou-o à hora em que ele saía para o Tribunal.
> – Leonel; preciso falar-te. Eu vou contigo. É um caso muito sério....
> Desceram juntos pela rua afora.
> – Estou comovido e indignado..... disse ele a Leonel que adivinhara tudo.
> – Por que?
> – Por tua causa. És tu cego?
> – Como todos os maridos.
> – Mas não é isso, Leonel. Laura te atraiçoa.....
> – Pode ser...
> – Ah! sim?! E que fazes tu?
> – Nada! — disse; e sua voz era fria e clara. (RIBEIRO FILHO, 1907, p. 104-08).

Está consumado o adultério que será logo percebido por Leonel. O marido traído havia recebido a informação de que Laura estava conversando naquele dia com Nelson em uma rua nas proximidades da rua do Ouvidor. Indagada, Laura diz não ter encontrado o tenente, porém logo depois afirma ter lembrado deste encontro. Foi a primeira queda, de uma série, que começou a suceder na vida conjugal aparentemente tranqüila.

O golpe derradeiro viria quando as despesas do casal se encontravam fora de controle:

> Nessa tarde, chegando do tribunal, Laura recebeu-lhe o chapéu e, sem mais preâmbulos, disse:
> – Sabes, Leonel, veio aqui o cobrador do armazém. A nossa dívida é grande.
> – Paciência! — murmurou friamente.
> – Oh! mas não te incomodes, prosseguiu Laura — eu vou fazer-te uma surpresa.
> Ele a fitou quase alarmado, mas firme:
> – Vamos a ver.
> – Há muitos meses que eu ando a fazer economias, já tenho 500$000.
> Toma; já é um auxilio.
> (...)
> Mas dize-me: Como transformaste as tuas economias em uma soma tão redonda, e, sobretudo, em uma só cédula?
> – Mandei trocar.
> – Por quem?
> – Isto é, eu mesma troquei!

> Ele teve um sorriso envenenado e saiu precipitadamente do quarto onde estavam.
> Laura vendera-se! Tinha um comprador! era uma mercadoria! (RIBEIRO FILHO, p. 114-15).

A partir deste momento Leonel passa a desconfiar mais da mulher. Chega a propor um casamento de aparência, forma de descobrir as verdadeiras intenções de Laura. Cito:

> Fui teu marido enquanto juiz; só o magistrado pode esposar-te. Agora que renuncio à toga romana, deixo de ser teu esposo; és viúva. Um réu de minha espécie é indigno de dar-te um nome.
> Essa ironia dolorosa e cruel, ela não a sentiu e disse:
> – Mas que mania, Leonel! Que estás a dizer?
> – Não entendeste o sentido figurado da minha literatura. Vou dizer-te em termos de família as nossas situações. O meu amor por ti morreu de todo; o teu amor por mim provavelmente nunca existiu. Ora, sem amor um pelo outro, nós só temos a nos separar, sem volver os olhos para o que fica atrás. O nosso casamento não tem mais razão de ser; a dupla morte dos amantes ainda vivos é uma viuvez simulada. Estamos separados para sempre. Creio que não posso ser mais claro.
> – Mas como é isto, Leonel? Tu vais embora, abandonas-me?
> – Não! Absolutamente! Viveremos sempre juntos; somos primos irmãos.
> (...)
> – Mas o que foi que eu fiz? — interrompeu ela com os olhos rasos de pranto.
> – Não sei; não quero saber. De nada me queixo, de nada te incrimino. Quererás iludir aos teus amores com o tenente Nelson? Dispenso-me de saber se existe ou foi realizado. Procedeste como uma mulher livre, não me consultaste, não me preveniste, e, sobretudo, ainda me ocultas semelhante amor. Espontâneo ou forçado, irresistível ou leviano, só a ti te compete esse amor que me escapa totalmente. Se foi um erro, remedia-lo-ás como te aprouver. (RIBEIRO FILHO, 1907, p. 116-17-18-19).

Praticamente tendo certeza do caso amoroso de sua mulher com o tenente Nelson, Leonel busca em Carolina um refúgio para seu sofrimento:

> Todas as ações da mulher aumentavam as angústias de Leonel que continuou na mesma atitude toda natural e por isso mesmo absolutamente impenetrável. Sofrendo, sem consolo ou conselho, só, na incomensurável e atônica solidão do seu desastre, Leonel via a única pessoa que lhe mitigaria as ânsias, sofrer também, doente, esmagada e vencida no fundo de um leito.
> Evocava Carolina como um pedaço de ilha próxima de um naufrágio miserando, e chegaria a sorrir, pensando na beleza dos seus olhos misericordiosos.
> Fora vê-la ainda uma outra vez; mas numa rápida visita adquiriu dois pressentimentos desastrosos: que ela morreria e que, mesmo salvando-se, não aceitaria as suas confidências.
> (...)
> Com um suspiro de alívio, conversando com o Dr. Rabello, ouviu-o dizer que Carolina estava salva. Louco de alegria, entrou no quarto, chegou-se a ela, apertou-lhe a mão e demorou nos seus olhos um olhar em que havia

> súplicas e impérios. Bastou esse momento para varrer-lhe do coração toda a miséria anterior.
> Sem se trocarem uma palavra, ele saiu radiante e veio com o médico pela rua afora, dizendo-lhe incoerências. Depois pediu-lhe a conta dos serviços, dizendo ao fim:
> – Seus serviços, dr.. não têm preço.
> – Não! É exagero. Um conto de réis deixa-me satisfeito.
> – Mais que fosse! — acrescentou exaltado. (RIBEIRO FILHO, 1907, p. 112-13-14).

Daí em diante, a trajetória do casamento inicia o seu processo de declínio. Laura, acreditando nas promessas de riqueza que Nelson lhe prometera, termina por ser descoberta em adultério:

> Alta noite ouviu um rumor característico de porta que se abre. Levantou-se, adivinhando, chegou no escuro à janela e por trás das cortinas divisou a mulher que ia para o jardim.
> (...)
> Ele se resolvera a conhecer o que sua mulher tramava com o amante dentro de sua própria casa. Pé ante pé, desceu ao porão e foi escutar, da grade da janela, protegido pela escuridão da sala do bilhar, o que diziam os dois. Eles, porém, falavam baixinho, e Leonel mal percebeu o zunzum do diálogo.
> (...)
> Assim que percebeu a separação dos dois, Leonel deixou a janela, atravessou rapidamente a sala, abriu a porta e saiu para o corredor ajardinado. Laura, que voltava, encontrou-o de frente. Ele, com um movimento rápido, segurou-lhe o pulso e arrastou-a até o portão da rua.
> – Desaparece! — disse-lhe doce e energicamente ao ouvido. Entrou, deixando-a fulminada no passeio. (RIBEIRO FILHO, 1907, p. 129).

Assim começa o martírio de Laura. Colocada para fora de casa pelo esposo, vê em Nelson a única possibilidade de abrigo. Contudo, ao reencontrá-lo, começa a perceber não ser tão seguro este amante:

> E ela, apavorada do silêncio do amante, perguntou com a voz trêmula:
> – Aonde vamos?
> Nelson tomou posição no fundo do carro, e respondeu friamente:
> – Para o meu quarto.
> – Aquele...?
> – Sim, é o único que tenho...
> – E depois?
> Eu resolvo...
> Laura ficou como esmagada da frieza com que ele falava, e num escabrunhamento perguntou:
> – Tu me amas mesmo?
> – Por certo...
> – Não me abandones... !
> – Agora? Que remédio...
> Laura começou a sofrer. Uma dor estranha agitava-lhe os seios e a razão: sentiu-se perdida. Mas, como se o infortúnio lhe desse clarividência, como se a dor lhe emprestasse entendimento, ela segurou a mão de Nelson, e disse:

> – Não me abandones nunca mais. Lembra-te do teu inimigo, o meu marido, de Leonel que é o modelo dos homens... Eu não quero que tu sejas inferior a ele...
> – Como assim? Por que me falas agora do teu marido, agora, quando antes é que te devias lembrar dele?
> – Porque preciso esquecê-lo por ti: quero uma última vez lembrar-me de ter sido mulher de um homem incapaz de um gesto, de uma palavra, de um alto indignos de si mesmo e de mim. (RIBEIRO FILHO, 1907, p. 131-32).

O diálogo entre os dois amantes indica que o tenente Nelson não esperava esse desenrolar dos fatos. O tenente se vê surpreso pela situação, a ponto de, quando perguntado se abandonará Laura, responder sem grandes reflexões: "que remédio". É frio ao dizer que levará Laura para o seu quarto, que, pelo trecho, aos olhos da moça, parece ser um local pouco recomendado. Finaliza questionando o fato de Laura falar em Leonel, o marido, de quem esta acabava de se separar. Todo esse ponto da narrativa assinala que o tenente Nelson não pretendia manter um relacionamento muito sério com Laura.

Por outro lado, é chegado o momento de a narrativa reatar o amor de Carolina por Leonel. Com o desfecho trágico do casamento de Leonel e Laura, Carolina, oportunamente, toma ânimo para revelar o seu sentimento:

> – Já é tempo de fazer-lhe confissões e historiar-lhe os meus fatos sentimentais. Quer ouvir-me; Leonel?
> – Fale. Eu vim para escutá-la .
> –Tive pelo senhor um amor sério e muito perfeito, nobre e digno da sua atenção e brandura. Desde que pude sentir o seu espírito e conhecer as qualidades do seu caráter, fui arquitetando um romance de amor para nós ambos, na esperança feliz de que o adivinhasse.
> (...)
> Infelizmente o senhor não me deu atenção e foi buscar mais longe uma companheira e uma auxiliar aos seus planos de felicidade e de paz.
> (...)
> O senhor casou-se, esqueceu-se de mim, magoou-me sem o querer e sem o saber, perpetrando uma falta grave qual a de duvidar das utopias generosas que nos trouxeram sempre numa encantadora harmonia de pensamentos.
> (...)
> Quanto a mim, o sofrimento de perdê-lo, enobreceu-me o ideal antigo, e deu-me esta sensação consoladora de ser uma mulher de princípios e de coração. O meu amor é o mesmo sempre: é atiço, é pagão.
> – Mas ainda por mim? — interrogou Leonel.
> – Ainda. É irrealizável, bem sei. Nós estamos demasiado separados pela vida para que possamos unir agora os interesses e as esperanças.
> – Oh! mas agora precisamente é que o amor tem luz e verdade. No momento atual, o mais agitado de minha história, ele vem como a aurora

> para os cegos. É a minha salvação, a minha glória, a minha resposta aos cristãos que me insultam. (RIBEIRO FILHO, 1907, p. 141-42-45).

A possibilidade de revisão deste amor aparentemente está consumada, no entanto Carolina considera tal perspectiva descartada. Na concepção da moça a vida e os acontecimentos haviam separado descomedidamente a plena realização de seus sentimentos. Leonel se despede de Carolina argumentando se poderá revê-la, mas a moça responde que irá escrever-lhe. O desenrolar dos fatos indica que o desprezo que Leonel mantém para com Laura, sua esposa, explica-se pela preferência com que o amor de Carolina, moça simples, de sentimentos reservados e na esfera da sinceridade, envolve-o.

Reprimidas suas intenções, Leonel volta para sua casa. Seu sogro havia interceptado uma carta achando que era a filha desaparecida que remetia, porém tratava-se de uma carta de Carolina declarando seu amor por Leonel. Os dois discutem violentamente e, Leonel, tomado por um ato de coragem, aconselha o Comandante Romeiro a retirar-se com Beatriz, Laura e seu amante Nelson para o Pará.

Deixa o sogro e parte para encontrar Carolina, que a esta altura o esperava. Conversam demoradamente e a narrativa tem o seu desfecho no jardim da casa de Carolina. Parte do quadrângulo desintegrado encontra o seu par e a destruição foi evitada com o <u>cravo vermelho</u>, elo do amor recuperado, com que Leonel presenteia Carolina:

> Leonel calou-se. Os seus nervos chegaram ao extremo da tensão dolorosa de tantos dias anteriores. Calou-se. Na semi-escuridão dessa tarde inolvidável, procurou um cravo vermelho que era seu símbolo do amor sensual, do amor verdadeiro e malsinado. De um vaso ao canto do muro alcatifado de heras, um, talvez o último da estação, surgiu rubro e incendiário. Ele o colheu sôfrego, palpitante e feliz.
> (...)
> – Toma! cheira esse odor cativante como o hálito da vida nova, a emanação de todo o amor futuro e eterno.
> E, enquanto Carolina colava as narinas ávidas à flor simbólica da volúpia consoladora, Leonel falava-lhe de braços abertos e lacrimejando extasiado.

> – Juiz, que a ironia da vida humilhou de injustiças salvaste-me, eu celebro eu próprio o casamento contigo: é suprema justiça! Toda a beleza do amor puro e simples que nos une, precisou de um romance: nós o fizemos. A nossa salvação é a nossa rebeldia: amemo-nos! Sentou-se ao lado dela, e um beijo sutil enleou-os no êxtase da felicidade absoluta e única. Rio — Dezembro de 1905. (RIBEIRO FILHO, 1907, p. 159).

Ao final do romance, o cravo vermelho, título do livro, parece "cravar" profundamente e moldar o amor de Carolina e Leonel. Escrita no período do pré-modernismo, a narrativa traz um alto teor romântico, seja pela temática amorosa, seja pela adjetivação típica da escola do século XIX. Entretanto, é no viés naturalista que o romance se enquadra. Não no naturalismo avesso ao idealismo romântico e ao sistema da escravidão, porque este tinha ideologia, mas no naturalismo ornamental, que se difere do Naturalismo pela decoração explícita da condição humana, que beira a perfeição dos desfechos dos enredos românticos. Neste sentido, o romance *O Cravo Vermelho* é uma narrativa habitual, que procura obedecer a todos os tons de etiqueta pautados na ornamentação da vida cotidiana, criando um universo coroado pelo tom romântico do final feliz.

Assim, o que se apreende do romance de Domingos Ribeiro Filho é que se trata de uma narrativa que procura manter o ideal do amor como um subterfúgio para sua sustentação. Concordo que o texto poderia ser mais trabalhado, como por exemplo a ambientação dos espaços onde se passa a narrativa, praticamente esquecida, uma vez que não há uma descrição que traga para o leitor as imagens dessas atmosferas, como já observado. Alguns personagens, como registra Lima Barreto nas suas *Impressões de Leitura*, poderiam ter suas características mais desenvolvidas. Transcrevo a crítica de Lima Barreto:

> Sinto que Domingos não tenha posto o máximo cuidado no estudo do temperamento do Tenente Nelson, do Comandante Romeiro e de sua filha Beatriz; sinto também que não haja mais poesia no seu livro. (BARRETO, 1956b, p. 187).

É justa a observação quanto ao desleixo na pintura desses personagens, mas quanto à falta de poesia do romance não se pode concordar. O texto está impregnado de paixão, transbordando de passagens de um grau de lirismo considerável, conforme as passagens transcritas ao longo deste estudo procuraram mostrar.

É preciso enaltecer o fato de Ribeiro Filho ter se detido na relação amorosa feita pelo desejo, pela complexidade de ambas as partes. Tanto Laura quanto Leonel buscaram, talvez mais este que aquela, suas realizações na prática amorosa. Para o período em que o romance foi publicado — 1907 —, com uma sociedade extremamente tradicionalista e preconceituosa, pode-se afirmar que o autor foi audacioso. O que se lê, em geral, nos romances do final do século XIX e início do XX, é a manutenção do relacionamento, mesmo que para isso tenha-se que pagar com a própria infelicidade, mas que importa a felicidade quando o bem maior é o casamento, a família? Com exceção de Machado de Assis, que já havia prenunciado inclusive a separação em *Dom Casmurro*, acredito que Ribeiro Filho deva ser visto com um precursor do tema amoroso sem a imposição e manutenção pelo matrimônio. O autor de *O Cravo Vermelho* introduz a possibilidade do amor livre, escolhido pela vontade, pelo desejo. Anuncia, desta forma, e por ampliação de interpretação, o amor que nasce pelo prazer do corpo, condição tão comum desde o decorrer do século passado até nossos dias. Como afirma Michel Foucault há dois dispositivos para as relações de sexo, um chamado “dispositivo de aliança”, caracterizado pelo matrimônio; outro chamado de “dispositivo da sexualidade”, ligada ao corpo. Assim explica o autor de *História da sexualidade*:

> O dispositivo da aliança se estrutura em torno de um sistema de regras que define o permitido do proibido, o prescrito e o ilícito; o dispositivo da sexualidade funciona de acordo com técnicas móveis, polimorfas e conjunturais de poder. O dispositivo da aliança conta, entre seus objetivos principais, o de reproduzir a trama de relações e manter a lei que as rege; o dispositivo de sexualidade engendra, em troca, uma extensão permanente

> dos domínios e das formas de controle. Para o primeiro, o que é permitido é o vínculo entre parceiros com *status* definido; para o segundo, são as sensações do corpo, a qualidade dos prazeres, a natureza das impressões, por tênues e imperceptíveis que sejam. (FOUCAULT, 1988, p. 101).

O que talvez tenha incomodado na literatura de Ribeiro Filho tenha sido o fato de o autor seguir sua narrativa pautada pela crença no desejo que pode ser explicado pela relação prazerosa dos corpos, visão inovadora e despudorada para o tempo. Como o autor opta por uma abordagem diferente dos padrões de casamentos arranjados ou movidos por interesses econômicos, deixou de atender a ordem do dia, daí a explicação plausível para o desinteresse da crítica do início do século XX.

Faltou a Domingos Ribeiro Filho, muito mais do que esboçar melhor alguns personagens, como anotou Lima Barreto, o apoio prévio no espaço da mídia literária da época, que simplesmente se cala diante da publicação de seu romance, e a que tudo indica, de sua obra. Ter o apoio da classe intelectual, quase que na sua maioria comprometida com a elite, não é preciso afirmar que se tornava dificílimo no início do século XX, principalmente para aqueles que, como, por exemplo, Lima Barreto, se recusavam ao medíocre trabalho da bajulação. Ribeiro Filho, simples funcionário da Secretaria de Guerra, estava afastado da elite “possivelmente protetora”. Mas o apoio negado pode ser explicado também, e provavelmente de forma mais resoluta, pela busca de temas que tratassem das questões sociais, urgentes pelo descaso da República recém implantada e pelo período anteriormente obscuro do Romantismo. Como Domingos Ribeiro Filho opta pela temática afetiva, parece ter sido condenado ao ostracismo.

1.2 DOMINGOS RIBEIRO FILHO CRONISTA

> Mas não creio que o romance fosse a melhor expressão literária de Domingos Ribeiro Filho. Ele mesmo se referia com desdém, nos últimos tempos, à sua obra de ficção passada. A sua vocação mais legítima, penso eu que foi a de panfletário (*a crônica se enquadraria, grifo meu*). Sua capacidade de trabalho era enorme, sua verve combativa inesgotável, e ele sabia manejar a língua com a limpidez, a flexibilidade e o vigor. Neste sentido, o melhor que ele produziu — melhor e em muito mais quantidade — se encontra nas páginas da revista "Careta"...
>
> Astrojildo Pereira (In: *Diretrizes*, 16 de julho de 1942, p. 13-22).

Pelo que pude observar em pesquisa realizada na Revista *Careta*, na Biblioteca da Fundação Casa de Rui Barbosa, o autor de *O Cravo Vermelho*, usando os pseudônimos Dierre Effe, D. Dierre, D.R.F., D. R. e muitas vezes assinando Domingos Ribeiro Filho, publicou suas crônicas no período de outubro de 1919 a novembro de 1934, portanto, durante quinze anos. A partir de dezembro de 1934, não foi encontrado mais nenhum texto de Ribeiro Filho, o que leva a crer ter sido esta a data de encerramento de sua colaboração.

O fato é que só no período das publicações — 1919-1934 — encontra-se um considerável número de crônicas — 599 —, sem contar a dificuldade de verificar todo o material pela falta de alguns números da Revista (verificar quadro no apêndice B, na página 166). O interesse pelo estudo desse material se deu quando

encontrei, ainda no início da pesquisa, o texto de Astrogildo Pereira. As informações colhidas nesse texto, conforme pode ser comprovado pelo trecho utilizado acima como epígrafe, motivaram e despertaram o interesse pela leitura. Nas crônicas de Ribeiro Filho é constante a discussão dos problemas nacionais, especialmente em casos relatados que têm como testemunha a cidade do Rio de Janeiro, além da atualidade dos assuntos.

A crônica, do grego *chronikós*, relativo a tempo; do latim *chronica(m)*, significando, no início da era cristã, um enumerado de acontecimentos organizados de acordo com o passar do tempo, em seqüência cronológica, é o texto que procura apreender os acontecimentos do momento experimentado.

Este gênero afasta-se do aspecto historicista no século XIX, quando passa a ter sentido estritamente literário. O professor de Retórica Julien-Louis Geoffroy, no *Journal de Débats*, começa a fazer a crítica diária da dramaturgia. É evidente tratar-se de crônicas ainda embrionárias, mas ainda assim é o início do processo que deságua plenamente no século XX.

Vista durante muito tempo como um gênero menor, a crônica no Brasil alcança seu importante momento com José de Alencar, Machado de Assis, Olavo Bilac, entre outros. Com as publicações feitas no rodapé dos jornais, textos chamados de “folhetins”, buscando discutir assuntos diversos, pouco a pouco encurtam e se consagram como crônica. Posteriormente, nomes como Rubem Braga, Fernando Sabino, Sérgio Porto (Stanislaw Ponte Preta), Paulo Mendes Campos, Carlos Drummond de Andrade, para citar apenas alguns, consolidam a crônica no Brasil.

Além disso, por sua publicação em jornais e revistas, a crônica termina por assumir uma conotação de texto transitório, espécie de “texto-consumo”, para ser lido e deixado de lado. No dizer de Antônio Candido:

> Isto acontece porque não tem pretensões de durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela não foi feita originalmente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no outro seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha. Por se abrigar neste veículo transitório, o seu intuito não é o dos escritores que pensam em "ficar", isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão. Por isso mesmo consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um, e quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava. (CANDIDO, 1992, p. 14-5).

Felizmente boa parte dos cronistas tem conseguido reunir suas crônicas e lançá-las em forma de livro, o que enriquece a nossa literatura, dando um aspecto de permanência e facilitando o acesso dos estudantes e pesquisadores interessados.

É a propósito desta facilidade que busco neste estudo validar e trazer do desconhecido as crônicas de Ribeiro Filho. Para esta etapa, pretendo analisar as crônicas de maneira cronológica, pontuando as passagens que considerei mais elucidativas para mostrar a importância dos textos.

Uma primeira crônica que me chamou a atenção, publicada em janeiro de 1920, trata da preocupação do autor com o trabalho noturno das mulheres:

> Vem agora o bando amarelo dos escravagistas internacionais e admite a possibilidade de que as mulheres venham trabalhar de noite para aumentar a riqueza das nações, e legista sobre semelhante maldade com a ligeireza e gravidade de espíritos que se apegam às almas do outro mundo porque as deste estão extremamente encrencadas, (RIBEIRO FILHO, In: *Careta*, 17 de janeiro de 1920).

Como é possível notar, o autor, valendo-se da situação da autorização do trabalho noturno das mulheres, de que ele discorda, aproveita a oportunidade para atacar a intromissão estrangeira nos assuntos nacionais. De maneira irônica e até mesmo debochada, Ribeiro Filho trata a opinião internacional como opinião do "bando amarelo dos escravagistas". Este trecho desta primeira crônica avaliada destaca uma marca constante nos textos do autor, ou seja, a capacidade mordaz de discutir os assuntos.

A respeito da situação do emprego no país, Ribeiro Filho não poupa palavras, quando procura denunciar a velha estrutura nacional. Com o subtítulo de "Conselhos práticos para arrumar emprego...", a crônica "A escolha da profissão", nos diz:

> Os pais devem dirigir os filhos ao serviço militar, recenseando-os e matriculando-os no Tiro da Imprensa; é um tiro certo; muito embora não aconselhemos a profissão de jornalista, não só pela carestia do papel como também porque nos jornais todos os gerentes são membros da defesa nacional. (RIBEIRO FILHO, In: *Careta*, 04 de setembro de 1920).

Talvez agora com a citação seja possível visualizar a velha estrutura a que me referi anteriormente. Ao mesmo tempo que velha, atual. A prática de encaminhar os filhos para as forças armadas, na crônica aparecendo como serviço militar, é uma condição que passa a ser reforçada principalmente em um momento como o que vemos, carente de empregos, sem falar na segurança do próprio e do recebimento dos vencimentos. Em uma época onde receber o salário tornou-se sinônimo de que a empresa é séria, a garantia oferecida pelo emprego público militar retoma seu *status*. O cronista aproveita o ensejo desaconselhando o emprego de jornalista. Disfarçando o preço do papel, ataca a condição da imprensa brasileira da época, vinculada diretamente ao Estado e às elites. Salvo as devidas exceções, esta condição é permanente.

Em outro momento, o cronista, cuja principal atividade profissional foi a de funcionário público, amanuense da Secretaria de Guerra, conforme explicado na primeira parte deste capítulo, explora o tema do funcionalismo público:

> Encontrei ontem o Mendonça num estado terrível de excitação. Pobre rapaz... Com vinte anos de serviço é ainda amanuense, e os seus vencimentos são ainda aproximadamente o mesmo de a vinte anos atrás. (RIBEIRO FILHO, In: *Careta*, 06 de novembro de 1920).

A atualidade desta crônica é impressionante. O funcionário público hoje, praticamente maioria, se enquadra perfeitamente no modelo de funcionário do início do século XX. Sem planos de cargos e salários, tende, em geral, a se aposentar na

mesma função, amargando o sonho de crescimento profissional. Esquecido, sem cursos de aperfeiçoamento, com salário minguado, o funcionário do governo faz lembrar o Jeca Tatu de Monteiro Lobato. Desestimulado, depressivo e endividado, o trabalhador do Estado é o exemplo de modelo de exploração que grande parte das empresas particulares se inspiram para des(construir) os seus empregados.

Em uma mesma crônica, Ribeiro Filho discute a condição da Light, empresa estrangeira operando no Brasil, a questão da idéia de pátria e a situação do futebol no país. Parafraseando e modificando o adágio popular, mata três gatos com uma única cajadada. Com o título sugestivo de "A arte de ser um bom cidadão", a crônica comunica:

> O indivíduo até os sete anos, na idade escolar, é um péssimo cidadão; em casa quebra a louça e nas ruas os lampiões e janelas dos vizinhos. Dando prejuízo à família, o sujeitinho atenta contra a economia do Estado, visto como este é apenas o ponto grande da família; e prejudicando os combustores agrava as finanças da Light, porque esta tem de deduzir os juros das ações dos acionistas para comprar vidros novos. Ora, sendo a Light uma muamba estrangeira, compreende-se quanto é grave essa ação de quebrar lampiões e diminuir a renda dos capitalistas *yankees*. Um mau cidadão atrai para a sua pátria terríveis ameaças mesmo quando ele é filho dos fornecedores de vidros.
> Felizmente, porém, chega-se à idade escolar, e aí o mau cidadão recebe a sua primeira lição de civismo, a saber, berrando no colégio os cânticos displicentes em que a pátria amada idolatrada é transformada em satélite da Terra, visto ficar eternamente em berço esplêndido entre as águas do mar e o céu profundo. Em geral o menino resiste, mesmo porque ainda não sabe geografia e só mais tarde é que lhe dirão que a mesma pátria amada e idolatrada fica situada na América do Sul, entre o Oiapoque e o Chuí.
> Depois desta primeira prova o futuro bom cidadão deve jogar futebol. Os breviários cívicos das primitivas edições não falam nesse jogo, mas depois que Coelho Neto desistiu da Literatura e se naturalizou heleno e espartano fluminense, o futebol fornece o índice exato do amor à pátria e da brutalidade cívica. (RIBEIRO FILHO, In: *Careta*, 21 de janeiro de 1922).

A vida desordenada do menino, em companhia dos amigos, em plena liberdade, serve como pano de fundo da realidade simples desta fase da vida para que a crônica possa tratar das questões mais sérias. O cronista explica que da atitude impensada da quebra dos lampiões, refletirá a atitude capitalista da empresa Light que repassa o prejuízo para os consumidores. E hoje há uma gama de prejuízos, como as empresas de telefonia, os gastos dos inúmeros seguros que a

população se vê obrigada a contratar entre outras despesas. Partindo deste ponto, o texto mostra que, na fase escolar, o mau cidadão começará a ser trabalhado para se transformar em um bom cidadão. Mas neste ponto o tom irônico contamina o contexto e o autor desconfia da visão exagerada com que a escola tentará incutir a imagem da pátria superior que o abriga. Para destacar esta desconfiança, o narrador utiliza-se dos próprios versos do hino nacional: “pátria amada, idolatrada”, “eternamente em berço esplêndido”. E é notório que o Hino Nacional Brasileiro, impregnado de emotividade, busca com sua letra convencer os leitores da grandeza da nação. Possivelmente será esta grandeza que será capaz de transformar o menino em verdadeiro cidadão. Só que a verdade da cidadania vai muito além do campo emotivo.

Para finalizar o comentário, o autor destaca que o cidadão deve jogar futebol. Mania nacional, ainda hoje tem sido acalentada como profissão capaz de trazer a redenção social e, primordialmente, econômica. E o que mais tem crescido no país é o número de escolinhas de futebol. Seria tão bom se a mania “pegasse” na educação do Brasil, até porque seria muito mais simples aplicá-la, já que as escolas existem, falta o investimento nas reformas dos estabelecimentos, reformas nas formações e nos cargos e salários dos profissionais envolvidos.

Como todo cronista que se preze, Ribeiro Filho também escreve com certo lirismo. Em uma crônica expressiva de dezembro de 1922, o escritor desponta com um belíssimo texto sobre o Natal. Transcrevo:

> Por este fim de dezembro aqui em casa faz quarenta graus. Mas nós somos aclimatados. Com meio quilo de gelo, um leque e roupas leves pagamos o calor que o sol nos manda.
> Meus primos, ricos, magricelas, dispépticos e elegantes bufam e zarpam para Petrópolis, porque há incontestáveis legiões de infortunados que trabalham para eles, o que lhes parece justo e excelente. No dia 23 eles descem. Vêm armar o presépio, distribuir trapos aos pobres da redondeza e celebrar com uma ceia o seu (deles) piedoso amor à humanidade católica e pagante. Eu vou às vezes ver como eles arranjam a coisa. Idólatras e tradicionalistas despojam os nichos das estatuetas pintalgadas, madonas

> de resplendores e Cristos de gesso com e sem espinhos, com e sem chagas de vermelhidão. (...)
> Aquilo fica lindo e faz sucesso no bairro. Mas eu não acho graça nem arte nem probidade naquilo! Apanho os meus garotos malcriados e insaciáveis e fujo para o morro que fecha a rua e limita o meu bairro do lado do Norte.(...)
> Eu tive um instante. Eu ia andando, quando parei junto a um ninho caído. Era do tamanho de minha mão. E dentro havia quatro bandinhas de ovos. Um presépio... Feito de peninhas e fiapinhos. Ah a vida palpitara, desde o amor até a conceição. Não foi o berço do herói da grande guerra. E não houve nenhuma lei social que produzisse aquele poema de maciez, amor, carinho, graça e glória. Um dos meus garotos quis apanhar o ninho. Mas eu o impedi de violar o anonimato da eterna vida e dos presépios imortais. E então pus-me a tremer de medo. De medo. Medo das pluminhas e dos fiapinhos. Medo do natal ignoto. Eu fugia a tremer em frente da vida. (RIBEIRO FILHO, In: *Careta*, 30 de dezembro de 1922).

Com o título de "Pluminhas e Fiapinhos", Ribeiro Filho assinala criticando o sentimento da festa do Natal. Para o escritor, a festa natalina, idealizada pelo catolicismo, é uma festa materialista, preocupada, como a própria igreja católica, com a aparência. Exemplificando com a atitude dos primos, o natal é o momento de montar o presépio, "sucesso no bairro", dar alguns pertences aos pobres e preparar a mesa para a ceia que, normalmente, desperta o olhar pelo sofrimento alheio, traz as lágrimas, mas não vai além desses gestos de momento. E todo ano o mesmo ritual, a mesmice da encenação humana. O cronista vê o natal como uma festa diferente. A partir da inspiração do presépio, o autor, após a experiência de se deparar com um ninho, associa esta imagem com a plenitude da vida e a sua grandeza. E desta associação o texto passa a exibir uma perspectiva lírica, a ponto de Ribeiro Filho temer o "natal ignoto". Na verdade, trata-se mais do que o "natal ignoto", trata-se da vida desconhecida, aquela vida que se oculta na própria vida, nos seus sentidos mais profundos, mais íntimos, muitas vezes sem explicação, cercada de emoção.

Com uma série de crônicas com o título maior de "Uma caretinha para todos", Ribeiro Filho elabora vários textos que procuram tratar dos problemas do Brasil e da condição que o sistema capitalista impõe a nossa sociedade. Com o subtítulo "Um país riquíssimo", assim se posiciona o escritor:

> Os órgãos da grande imprensa recolhem freqüentemente da boca e da pena dos cavalheiros altamente cotados pela posição ou pela fortuna impressões sobre o nosso país que, em unânime, consideram como um dos mais ricos do globo. Também nós outros, nacionais, vultos da alta política, notabilidades em comércio, indústria e artes, usamos do patriótico e comovente clichê e nos embalamos da crença ou da esperança de uma pátria transbordante de riquezas além das estimativas mais otimistas.
> (...)
> Quando os propiciadores da opulência nacional falam da fortuna incalculável do Brasil, fazem de fato um cálculo muito exato dos valores existentes no país. Eles têm a estatística feita dos habitantes: são trinta milhões de seres, com dois braços cada um, dois pés e uma dose infinita de credulidade e de submissão. Essa gente trabalha a dois mil réis por dia, não exige conforto, não se incomoda com infecções palúdicas nem com os ataques furiosos dos bichos e dos vermes. Há até mesmo quem trabalhe de graça. Esta é que é a riqueza natural a explorar; a única real, positiva, infalível: o brasileiro. É a opulência da fome e da miséria, da passividade e da ignorância da qual jamais nos arrancarão os donos das galinhas dos ovos de ouro. (RIBEIRO FILHO, In: *Careta*, 23 de junho de 1923).

Partindo da concepção de grandeza da pátria, o que é facilmente percebido, o cronista se irrita com esta estimativa. Para Ribeiro Filho, a maior grandeza do país é o próprio povo, com sua constante submissão, sempre aceitando o jogo político e as migalhas que vêm em forma de favores e grandes obras. No julgamento do escritor, julgamento provocante, é preciso pensar o Brasil pela desassistência de sua massa humana, tratando de esclarecê-la, para que, talvez, assim, tenhamos condições de entender e transformar a riqueza deste território. O Brasil persiste no pensamento de país do futuro, de país rico, e é claro que o é, mas drasticamente mergulhado em obscuros caminhos. E a população continua fazendo a mesma pergunta: o que fazer para o Brasil dar certo?

A resposta a esta indagação, alimentada por boa parte da sociedade, tem sido cada vez mais afastada. Em um tempo onde não há espaço para as idéias, para os sonhos, em um tempo onde já não há tempo para pensar, só resta a luta árdua pela sobrevivência, luta desigual que tem sido assistida sem forças para manifestações contrárias. É nesse fundamento que Ribeiro Filho, ainda sobre o título maior “Uma caretinha para todos”, com o subtítulo “A desmoralização das idéias”, escreve:

> As idéias, que até ainda a bem pouco tempo tinham qualquer coisa de belo, que exerciam uma fascinação e nos levavam ao limiar de um mundo de grandezas e de glórias, entraram num período de lamentável desprestígio. Em contraste com a maioria dos fatos rudes e chocantes de uma vida que é material e áspera, as idéias consolavam e inspiravam. Quase sempre os mais modestos e os mais simples habitavam dois mundos, um em que se submetiam a contingência da brutalidade social, e outro em que se refugiavam confortados pelo idealismo que atenuava ou delia as asperezas e os golpes, os atritos e os contatos inevitáveis. A própria existência, demasiado crua e iniludivelmente fria, inspirava ideais, criava ilusões, alimentava esperanças que eram sempre o avesso das realidades envolventes.
> (...)
> Hoje, com o furor dos recordes, com as ânsias do ganho, com as urgências das apurações, com o desespero dos saldos, já ninguém mais procura o recesso das idéias; ninguém mais quer se comprometer ou se embaraçar com ilusões. Com uma naturalidade que espanta aceitam-se inversões as mais secas e as mais brutais de tudo quanto se esperava. As idéias se tornaram estorvos, pedras no caminho, causas de desastres que é preciso evitar a todo o transe para que se chegue rapidamente às realidades que antes repugnavam e da que se procurava fugir. Suporta-se hoje qualquer sobrecarga, qualquer asfixia, qualquer desmentido; aceitam-se promessas as mais falazes, falas as mais mentidas, mentiras as mais audazes, contanto que isso nos dispense dos compromissos com as idéias e nos arraste mais depressa para a posse insensata e para o lucro ignóbil das misérias douradas. (RIBEIRO FILHO, In: *Careta*, 1° de setembro de 1923).

Gostaria de acrescentar que o fim das verdades absolutas, sepultadas pelo século XX, foi importante. Porém, a opção escolhida tem demonstrado que não há mais espaço para os altos sentimentos. Respeito, amizade, gentileza, por exemplo, foram sentimentos que desapareceram do convívio humano, restando a brutalidade nas relações que, no geral, têm inspirado o interesse e o lucro.

É ainda nessa linha de pensamento, conservando o título “Uma caretinha para todos”, que o cronista avança buscando trazer a questão da moral humana. Por meio da crônica com o subtítulo “O apelo às catástrofes” transmite o seguinte entendimento:

> Estamos numa época em que a mecânica faz progressos espantosos, a química opera milagres, mas em que a moral tem regressos irreparáveis. Num mesmo espírito que tem descortinos desmesurados há por vezes uma cegueira impenetrável, e tantos quantos possuem capacidade de alargar a matéria e levar a técnica a perfeições incalculáveis acabam pela impossibilidade de adiantar ao horizonte das compreensões vulgares. Na nossa sociedade isso é muito comum; gente que se sente apta para descobrir o moto-contínuo ignora totalmente se vive por um favor do governo, e quanto a moral depende das pedras do caminho.
> (...)
> Nós aqui no Brasil, ridiculamente sentimentais, pesemo-nos a chorar a esquadra nipônica, sem imaginar as horrorosas devastações que ela se

> propunha fazer quando qualquer outra nação fraca se opusesse aos miseráveis interesses comerciais dos ingleses. Sem que tenhamos um solo vulcânico seguimos nas ciclópicas construções de frotas de aço, de monumentos de bronze, de palácios de pedra em torno do qual o povo faminto e acanalhado chorará a sua liberdade perdida e cantará loas em honra de seus tigres e de seus brâmanes. É inútil esperarmos que a inteligência nos convença da maldade e da doidice de uma civilização de base mecânica e de moral de escravos. Só há esperança numa catástrofe. Virá ela do oceano atmosférico, ou do oceano salgado? Se não, virá da política com mais dois triênios de realizações e de jurisprudência, de ciclopismos e de literatura, de idolatrias e de militarismo, a catástrofe não falhará. E, coisa estranhamente humorística, ela será regulada por decretos. (RIBEIRO FILHO, In: *Careta*, 15 de setembro de 1923).

Parece que a previsão do cronista falhou, visto que apresentava duas possibilidades de catástrofe, uma ou outra. O momento histórico tem demonstrado que é uma e outra hipótese. De um lado, a catástrofe que chega do "oceano salgado", com as ondas gigantes; de outro lado, da própria política, com seus escândalos de corrupções nacional e internacional. Todavia, o ponto expressivo da citação indica uma preocupação com a questão da moral, que não acompanha o progresso que o tempo perpetua. E esse progresso, no tempo da escrita da crônica, mecânico, e hoje em dia tecnológico, não tem deixado brechas para as percepções humanas mais simples, o que na opinião do cronista é lastimoso.

O cronista continua sua discussão, só que agora o texto assume a feição de desabafo, mas um desabafo que beira a descrença no país. Ainda utilizando-se do título maior "Uma caretinha para todos", com o subtítulo que lembra o título do livro de Affonso Celso, "Por que nos ufanamos no nosso país...", surge o seguinte pensamento:

> Vivemos no Brasil dentro do fabuloso e sem moralidade de espécie alguma. Nem a brutalidade dos fatos nem a pureza das idéias conseguem abrir uma brecha de luz na espessa incapacidade nacional. Como país e como nação, vivemos seqüestrados da vida universal. Dependemos do vapor que chega ao porto e da convicção que nos impingem pelo telégrafo. No dia em que nos cortarem as comunicações, o Brasil pode ser destacado pelo planeta e figurar como a lua na qualidade de satélite deste estúpido planeta que inúmeros perversos afirmam ser o centro do universo.
> (...)
> O país se resume, assim, em meia dúzia de aventureiros que compram o título de ilustres, e são como pedras emergindo da planície árida e nua. (RIBEIRO FILHO, In: *Careta*, 06 de outubro de 1923).

Oito décadas depois, este texto permanece sendo a nossa própria indignação: como conseguir a independência desejada? Com a venda das empresas estatais para grupos estrangeiros, o Brasil se vê na probabilidade de eterno dependente. Ribeiro Filho, mesmo nesta crônica reconhecendo a presença de idéias no país, não consegue enxergar saída para aquilo que ele chama de "incapacidade nacional". Penso que o autor, com seu texto carregado de descrença, não apontou para a mais provável saída de nossa mentalidade atrasada — a educação. É inclusive repetitivo afirmar o que muitos têm dito com freqüência, só investindo na Educação, com seriedade, seremos um país melhor, mais justo.

A preocupação com a condição de vida do povo brasileiro é tema permanente nas crônicas de Ribeiro Filho. A crença irracional da população pode ser compreendida na busca constante de lenitivos alternativos que prometem a resolução de todos os problemas, quando a ciência indica que a vida pode ser melhor se as condições de distribuição dos bens do planeta, como a terra, por exemplo, forem solucionadas. A crença popular é discutida na crônica "As profecias":

> Como os milagreiros, os profetas pululam na nossa terra e vão com a colheita das espórtulas, lançando o desgosto, a esperança, o temor ou a lisonja nos corações que a vida desmoraliza. Audaciosos psicólogos, se não irresponsáveis aventureiros, aproveitam-se das horas amargas criadas pelo gênio dos estadistas e pela hipocrisia dos pastores, e aparecem para ameaçar com absurdos e imbecilidades aqueles que já não podem reagir. É bem certo que eles ousam pouco por si mesmos e quase não seriam ouvidos se os nossos jornalistas de sensação, como complemento da obra de um ano de publicidade, não os fossem consultar e não lhes publicassem as asneiras e delírios.
> (...)
> Crê-se em tudo, no temerário charlatão que promete fazer andar paralíticos que jamais se moverão de suas cadeiras de rodas, e na dulçurosa cartomante que arranja amores entre monstros e desgraçados. Os incrédulos são compelidos a fingir que crêem para evitar a lapidação. (RIBEIRO FILHO, In: *Careta*, 10 de janeiro de 1925, p. 09).

Estas figuras dos charlatões e das cartomantes, incorporadas à cultura brasileira, aproveitam-se do sofrimento alheio para darem os golpes. A ingenuidade

típica do nosso povo, a sua falta de percepção, talvez motivada pela baixa escolaridade, acaba por deixar mais propícia a ação dos falsos religiosos. E esta manifestação que tem como princípio ocupar o lugar do Estado e solucionar as dificuldades, em uma sociedade onde não faltam dificuldades tem se mantido graças à procura constante da população.

Ainda trabalhando o pensamento da preocupação com a situação do povo, o cronista escreve um lúcido texto onde não só procura indicar as mazelas da religião, mas aprofunda sua crítica tratando também da educação, da democracia e do capitalismo. O trecho que destaco a seguir, intitulado "A cultura e a exploração do sensibilismo" é extenso, mas vale a pena a citação:

> O brasileiro das duas ou três cores é triste, é piegas; vai desde a melancolia até o abandono e desde a inércia até a delinqüência de sua apagada psicologia subsocial.
> Alguns observadores cheios de sagacidade, ou carregados de segundas intenções, têm pretendido explicar essa morbidez subjetiva fazendo entrar em cena os poderosos fatores da etnia e da mesologia, mostrando como a raça negra e o clima quente influíram para a depressão que se nota nos indivíduos acampados nesse recanto perdido ao fundo da América do Sul.
> (...)
> Somos tristes, não porque tenhamos maus fígados, nem porque sejamos caldeados de africanismo e caboclismo, nem mesmo porque o nosso sol veemente dissolva o nosso temperamento e as nossas energias.
> Nós somos tristes por educação; tristes porque a religião melancoliza a nossa pobre existência, porque a escola nos deprime a inteligência, porque a democracia nos acanalha, porque o capitalismo nos estrangula, e mais que tudo isso, porque nos hiperestesiam a sensibilidade com as mais grosseiras lendas sobre o amor, sobre a família, sobre a vida, sobre a morte e sobre a dor.
> (...)
> A razão dessa cultura é a mais repugnante possível: querem-nos assim piegas e sensibilistas para melhor e mais eficaz e mais duradoura exploração. Um povo que flutua entre a infantilidade, a animalidade e o sensibilismo é completamente passivo e jamais reagirá. Para essas massas esverdeadas e amareladas tudo serve, tudo se justifica. Contra elas tudo é possível tentar. E não tem sido outra a documentação completa da nossa história, pela qual se sabe que toleramos a escravidão, a monarquia, a democracia, o militarismo, o clericalismo, todas as mentiras, todos os cancros, todas as irresponsabilidades que embalde procuraremos entre os povos mais pequenos e mais mesquinhos do mundo. (RIBEIRO FILHO, In: *Careta*, 28 de fevereiro de 1925, p. 09).

Provar a personalidade da raça utilizando-se do clima para justificá-la foi, é e será uma das tentativas mais absurdas. Quando se pensa a multiplicidade étnica

que formou o Brasil, o máximo que se pode destacar é a presença dos vários traços na percepção e cultura do povo. O cronista se irrita com esta afirmação de que "o sol veemente dissolve o nosso tempero e as nossas energias" e rebate com aquela que pensa ser a mais plausível explicação para o nosso estado de ser. Questiona a religiosidade melancólica, e sabe-se que o é. Ainda hoje as religiões aprimoram o velho sentimento de piedade e medo diante de uma divindade cada vez mais distante. Traz à baila a educação, com a escola limitando a inteligência dos alunos, o que muitas vezes se dá pela rigidez no cumprimento dos programas, sem tempo para maiores aprofundamentos do conteúdo. Contudo, todas as profissões em uma sociedade capitalista precisam desaguar na produção dos produtos de consumo imediato. Põe em cheque a democracia e o capitalismo, chegando a conclusão de que todo esse processo é intencional, pois desta forma o controle das massas será pleno. E esse controle tem se mostrado permanente.

Na crônica "Saias curtas e braços nus", Ribeiro Filho aproveita-se de um manifesto de senhoras católicas para discorrer sobre a idéia de moralidade vinculada à vestimenta:

> Não há muitos dias um matutino publicou na seção "A pedidos" um manifesto das damas católicas de uma cidade do interior, no qual essas interessantes e pudibundas criaturas investiam contra os ditames da moda e se comprometiam, por ordem do vigário, a não usar outros trajes que fossem talhados fora do modelo da opa ou da batina.
> (...)
> A crítica das modas do dia já está feita. As manifestantes, no beatismo sub-infantil de suas práticas quaresmais, talvez não tivessem tempo de ler o que se escreve sobre as saias curtas e sobre os braços nus.
> (...)
> Véus, faixas, cintos de castidade, cercas, tapumes, crinolines, toda a massa de abafos, de couraças e de colete de ferro que estrangulavam as carnes das mulheres tinha necessariamente que desabar sob a gravitação do próprio peso. Os corpos surgiram aligeirados e esbeltos dos casulos de algodão ou de seda e novas criaturas, como libélulas, se expandiram nas luzes carinhosas do sol e dos olhos da geração.
> (...)
> Um pouco mais de pano e um pouco menos de pano, um pouco mais ou um pouco menos de cabelos na cabeça não exprimem moral alguma, e é preciso ignorar completamente o império da natureza para resumir toda moral a uma insignificante questão de moda. (RIBEIRO FILHO, In: *Careta*, 04 de abril de 1925, p. 09).

O escritor vê na moda que traz as saias curtas e os braços à mostra uma libertação para as mulheres. Percebe que há nas manifestantes católicas uma limitada visão da mudança cultural. O hábito que durante muito tempo enquadrou as mulheres no excesso de roupas passou. Na análise do cronista, os novos costumes minimizando esse excesso são bem vindos, porque não é a roupa que determinará a moral de uma pessoa ou grupo. A propósito das roupas, na crônica intitulada "O Uniforme", o escritor expande a crítica:

> O incorrigível reacionarismo, que infatigavelmente busca a unidade do pensamento e a redução de todas as frações humanas ao mínimo denominador comum, não podia ter achado melhor ilusão à sua diátese que o emprego do uniforme para todos os grupos de ação oficial, desde os soldados até as damas das cruzes multicores, desde os acadêmicos imortais até as crianças dos patronatos.
> (...)
> Todos quantos se vestem por um figurino único devem pensar do mesmo modo, pelo menos a esses se ministram disciplinas mentais invariáveis, tendentes a reduzir-lhes as inteligências a um automatismo completo.
> (...)
> O uniforme é a batina degenerada; como a sua ancestral, ele pretende submeter e embrutecer, domar e impersonalizar. O que a batina negra fez durante séculos, conseguindo cegueiras incuráveis, o uniforme pretende hoje e quer fazer cretinices irremediáveis e submissões integrais.
> (...)
> Expressão visível da tirania invisível, o uniforme anula e despersonaliza as criaturas que envolve como um sudário. Têm-no os mortos e os vivos, desde a túnica de nessus militar à blusa do graneiro da central. (RIBEIRO FILHO, In: *Careta*, 09 de maio de 1925, p. 09).

Acredito que o uniforme "despersonaliza as criaturas", porém despersonaliza para personalizar dentro dos moldes estabelecidos anteriormente. Por outro lado, quando o cronista trata da tirania pelo uniforme, mesmo compreendendo e respeitando sua opinião, creio que há outras expressões tirânicas mais violentadoras, como por exemplo o salário minguado ou a própria ausência deste, como o desemprego. Enfim, o uniforme é uma forma instituída para provar que a sociedade é formada por classes, e a cada classe a sua seda ou a sua chita.

Também gostaria de expressar a imagem que a crônica "O Uniforme" me trouxe à mente. Esta crônica me fez recordar o romance *Farda fardão camisola de dormir*. Utilizando o fardão da Academia Brasileira de Letras como inspiração, Jorge

Amado constrói um maduro romance onde discute com propriedade a ditadura do Estado Novo e a Segunda Guerra Mundial. Em advertência prévia, recurso, aliás, usado por outros escritores, como Machado de Assis e Lima Barreto, o autor baiano explica que o texto pretende-se uma fábula, e que qualquer aproximação com a vida real será coincidência. O pano de fundo do fardão, que está estampado no próprio título da obra, é substituído na Advertência que afirma ser real a ditadura do Estado Novo, a repressão, a tortura e a Segunda Guerra. Debruçando-se sobre os uniformes ditatoriais, a narrativa em questão conta como um intelectual, no caso, o próprio autor, pode e deve empreender reação às situações extremistas, e nesse sentido a literatura é uma arma importante para contribuir para a desuniformidade da sociedade autoritária.

Depois desta digressão, aproveito para retomar o estudo apresentando uma crônica significativa sobre os extremismos das sociedades modernas. Com o título de "Xenofobia", Ribeiro Filho esclarece que:

> A improbidade dos numerosos salvadores deste país esqueceu deliberadamente o único meio eficaz, honesto e vigoroso de fazer-nos parar em tempo e recuar da infeliz política de compromissos, abdicações e vassalagem para com os estrangeiros, que é a xenofobia.
> (...)
> Xenofobia, o normal horror ao estrangeiro, se estende contra todo aquele que, falso amigo, corrompe, envenena, conspurca e explora a terra que o acolhe com a singela fraternidade que liga todos os homens entre si. Para dissimular essa xenofobia, a política inventou o capítulo nojento do jacobinismo, e o parágrafo mais baixo ainda do nacionalismo, fórmulas degeneradas e mesquinhas que, entre nós, ensaiam as suas armas venenosas contra os filhos das pequenas pátrias e os desamparados de todos os países.
> (...)
> A nossa indispensável xenofobia está dentro da madrugada dos futuros dias de miséria e de luto que nos preparam os intelectuais da xenofobia, os políticos comedores de empréstimos externos de que o povo não enxerga um ceitil e trabalha em dez gerações para pagá-los. É pela xenofobia que nós entenderemos melhor essa deprimente noção de pátria mercantil e política, doutrinada em breviários cívicos, manuais de escravidão que formam o moleque eleitoral e cidadão pagante constitucional e jurídico. Xenófobo, implacáveis xenófobos, poderemos também quando os ingleses ocuparem Angra dos Reis e os americanos comprarem o Oiapoque, estabelecer por exemplo nas costas da Mancha um balneário, ou na ilha de Manhatan um posto zootécnico. (RIBEIRO FILHO, In: *Careta*, 25 de julho de 1925, p. 09).

O panorama tem demonstrado a previsão do cronista. Quanto à miséria dos dias futuros, basta olhar à volta para constatar. E penso que tal configuração só se agravou. Uma sociedade que tem sua dívida interna beirando a expressiva cifra de sua dívida externa, e sabe-se ser esta alta, está condenada ao desequilíbrio. Agora, quando o cronista prenuncia a possibilidade de nos estabelecer nas costas da Mancha ou na ilha de Manhatan houve um erro crasso de previsão. No entanto, a pressuposição dos ingleses em Angra dos Reis e os americanos ocupando o Oiapoque não é nada remota. Se bem que os vocábulos “ocupar” e “comprar” assumiram outras acepções na sociedade contemporânea, logo “ocupar” pode ser compreendido como passar uma temporada, e “comprar” como tomar emprestado.

Discutir nação e pátria deve ser um exercício constante, principalmente porque a pretensa noção de controle por meio das fronteiras de vez em quando sofre o abalo dos impulsos históricos. E esses impulsos muitas vezes tendem a deslocar as demarcações, quando não pretendem usar o discurso da globalização como uma espécie de borracha capaz de apagá-las.

Segundo Benedict Anderson:

> A nação é imaginada como limitada, porque até mesmo a maior delas, que abarca talvez um bilhão de seres humanos, possui fronteiras finitas, ainda que elásticas, para além das quais encontram-se outras nações. Nenhuma nação se imagina coextensiva com a humanidade. Nem os nacionalistas mais messiânicos sonham com um dia em que todos os membros da raça humana se juntem a sua nação, do mesmo modo como foi possível que em certas épocas os cristãos, digamos sonhassem com um planeta inteiramente cristão. (ANDERSON, 1989, p. 15).

É claro que a plenitude de uma nação que se vê coextensiva à humanidade talvez seja inviável, contudo a preocupação que me incomoda é quando instâncias desta nação tendem a prevalecer sobre a totalidade humana. Especificamente a preocupação do domínio consumista nas sociedades ocidentais. A tecnologia, por exemplo, no seu discurso de facilitar, termina, com as oportunidades de alcance que o tempo traz, se incorporando à vida das pessoas. Mas a grande pergunta é como

manter esse conforto em uma realidade onde o emprego, a renda, ainda que baixa, está se tornando raridade. Creio sim na limitação da nação, mas no caso do Brasil essa fronteira tem servido de acesso fácil para grupos estrangeiros. Em contrapartida, sua expansão tem encontrado resistências consideráveis dos próximos e distantes vizinhos. Essa discussão alimenta a necessidade de defesa dos interesses inerentes a determinado grupo. Desta forma se poderá considerar reforçadas as emendas inevitáveis na fronteira, fornecendo o grau de elasticidade de acordo com projetos anteriormente estudados, para que se obtenha um maior controle, pois do contrário teremos fronteiras cuja elasticidade a muito tempo perdeu a aderência. No caso do Brasil, essa aderência aponta já ter deixado de existir.

O grau de tentativa de entendimento da problemática brasileira faz com que o cronista esbarre na embaraçosa polêmica que é contestar a inteligência nacional. Com o título de "O pauperismo mental", assim se manifesta Ribeiro Filho:

> Não há necessidade de excepcional descortino para se ver como a sociedade faz o homem à sua imagem e como o estado faz o cidadão à sua semelhança. Se essa singela expressão não está arrolada entre as frases feitas, é que naturalmente cada um sente a incapacidade de se confessar mal dentro do seu modelo.
> (...)
> Nós, do primeiro país do mundo, do país essencialmente agrícola e essencialmente democrático, formados tal qual a sociedade imaginou e o estado assemelhou, atravessamos pela abundância afora das riquezas agrícolas e eleitorais essa horrorosa crise de pauperismo mental, perfeitamente explicável no tempo e no espaço pela função histórica de nos caber a herança da decadência e da ruína alheias. (RIBEIRO FILHO, In: *Careta*, 28 de novembro de 1925, p. 09).

Além de trazer à tona a velha máxima de que o Brasil é um país essencialmente agrícola, o que pelo tom do estilo de Ribeiro Filho é repugnante, o cronista põe em cheque os erros cometidos pelo Estado que têm servido de orientação para o povo como um todo. E como o Estado tem negado a instrução de qualidade, quiçá intencionalmente, ao povo só cabe macaquear máximas e acreditá-las.

O ponto alto da crítica de Ribeiro Filho chega à porta da Academia Brasileira de Letras. Observe, por meio da crônica “Vagas e candidatos”, como pensa o escritor:

> Os psicólogos que propagaram e fundaram a Academia de Letras partiram do grande núcleo central de onde irradiaram sempre todas as instituições e organizações de todas as sociedades. Esse núcleo é a imbecilidade humana.
> (...)
> Pouco, de fato, se pode esperar da Academia de que, os acadêmicos tudo esperam. Instituto de pura vaidade e destinado a prestigiar o malefício literário que age sobre o espírito dos moços, como as drogas estupefacientes, ela cultiva, em verdade, a estupidez do século, e não a sua inteligência. Daí o auxílio que o governo e as classes dominantes, o clero e os jornais lhes prestam, como a um excelente aliado na obra tenaz e vigorosa de levar a extremos inconcebíveis a estupidificação nacional. (RIBEIRO FILHO, In: *Careta*, 19 de dezembro de 1925, p. 09).

É razoável acreditar que a fundação da Academia também tinha a intenção de brincar com a imortalidade. Só que esse teor lúdico tomou ares de senhora bem comportada que completou cem anos aceitando na comemoração do seu aniversário convidados cuja índole intelectual é duvidosa. Em contraponto a mesma centenária pouco se movimenta diante dos grandes temas políticos e sociais. Ao que tudo indica, parece que a força da vovó minguou no momento em que se pensou em sua supremacia.

Na crônica “As festas de maio”, o cronista recupera o lirismo, só que agora carrega na descrença humana:

> Maio acontece ser um mês de estação temperada em todas as partes do mundo de um e de outro hemisfério. É um mês temperado e amável em que se cantam flores, luares, noivados e futilidades em nome de amores infecundos e elegantes.
> Toda essa poesia mensal, não impede absolutamente a humanidade de sofrer a miséria, a fome, a tristeza, a desesperação e outras coisas rudes e más que em tempo algum foram piores.
> (...)
> Se por influência da beleza e da doçura ambiente maio fosse propiciatório às reflexões honestas, a humanidade dessa primavera e desse outono jubilosos ficaria espantada de ver como vai longe o bem que lhe prometem e como são ferozes e cínicas as mentiras do direito de classe e da justiça jurídica! Dentro dessa violenta negação correm séculos de maio a maio em festas de mãos absurdas e flores irreais. Exato é que para alimentar as monstruosidades da vida social é preciso criar naturezas mais monstruosas ainda, é preciso artificializar completamente a vida pondo todos os disparates em códigos, todos os horrores em ciências, todas as violências em leis. (RIBEIRO FILHO, In: *Careta*, 1° de maio de 1926, p. 13).

Como se pode perceber, apesar do encanto que existe em torno do mês de maio, a inspiração do cronista não consegue se afastar do enfoque crítico e descrente da realidade social. Na opinião de Ribeiro Filho a vida em sociedade é tão difícil que o puro sentimento em relação a um mês que simboliza as flores tende a desaparecer. É como se as obrigações do convívio em comunidade, com suas regras e orientações tomassem o lugar da singularidade emblemática do mês. A cultura tende a ser suplantada pela frieza do mundo capitalista.

E a descrença no progresso é voltada também para a transformação industrial a que o mundo está sujeito. Com o título que repete alternado com outros títulos desde maio de 1926, "Por dizer; por escrever", o escritor desabafa:

> A máquina, que parece um progresso irrecusável à maioria dos espíritos cultivados, é, ao contrário, uma negação violenta desse progresso que achou o homem capaz por si mesmo de grandes forças e grandes produções e o encontra hoje brutalizado e tolhido, escravizado à máquina insensata e desmoralizadora. Tudo quanto em torno desses documentos de progresso acharmos em virtude da lei, é contra-senso ou ilusão.
> (...)
> O espetáculo da sociedade contemporânea é arrepiante, é um composto de mentira, confusão e violência enredando os homens num redemoinho em que não poderá se libertar sem espantosos sacrifícios. O que nesse caos se chama progresso é o aperfeiçoamento dos meios mecânicos de torturar, e embrutecer as maiorias em proveito de algumas minorias cínicas, brutais e impunes. (RIBEIRO FILHO, In: *Careta*, 10 de julho de 1926, p. 13).

Na opinião do cronista, o progresso, com seu encanto transmitido através das máquinas, tende a um embrutecimento cada vez maior do ser humano. No trecho destacado acima é possível notar que o escritor tem um sentimento cético diante desse progresso, e sua lente não consegue ver os benefícios, apenas o lado negativo que, fatalmente, pode ser observado ainda hoje.

Em fevereiro de 1927, com o título de "Vamos ao caso", Ribeiro Filho explicita seu entendimento sobre o carnaval e as eleições:

> Dentro em pouco duas coincidências desastrosas, cada qual mais desastrosa, acrescentarão à história deste país de intrujões dois capítulos negros que, ao arrepio normal antes todas as asperezas, provocarão novos fluxos de náusea, à tolerância que se esgota.

> Vamos ter o carnaval e vamos ter as eleições. (...)
> Entretanto, supondo que os foliões e os eleiçoeiros de patente ainda laborem uma lamentável ilusão dentro de vagos possibilismos sociais, pode-se repetir-lhes a pergunta tantas vezes feita em momentos de ingênua desesperança: - Acreditam vocês que o carnaval é uma festa popular, e que as eleições sejam mesmo uma forma sincera de manifestação da vontade política da nação?
> Não, ninguém acredita nisso; não há absolutamente crença alguma firmada nas idéias ou nos fatos que leve a se afirmar a alegria popular no carnaval e a soberania nacional nas eleições. Todo mundo sabe que isso é uma pura e ampla farsa, um extremo em que se derrama álcool, e outra uma bufonada em que se abdica da dignidade e se derrama sangue ou lama. (RIBEIRO FILHO, In: *Careta*, 05 de fevereiro de 1927, p. 11).

Que dizer do carnaval tipo exportação apresentado no sambódromo? Se o cronista interroga a popularidade desta festa, naquele início do século XX, muito menos luxuosa, e muito mais no domínio popular, que diria se vivesse hoje percebendo o artificialismo técnico das apresentações das grandes agremiações. Por outro lado, quando indaga sobre as eleições, tudo indica que sua opinião é permanente. É fácil fazer um diagnóstico da capacidade crítica e intelectual popular pela urna. O povo brasileiro tem acreditado infantilmente em promessas que se repetem de eleição em eleição. Qualquer discurso mais inflamado que prometa soluções para os problemas dramáticos que o país atravessa, desperta emoção esperançosa popular e o voto a favor deste tipo de discurso se materializa. No dizer de Ribeiro Filho, o voto, momento pleno da democracia, ainda é induzido, comprado, porque não dizer “de cabresto”. O carnaval seria o lenitivo para apagar, ainda que por alguns dias, a verdadeira compreensão da realidade. A triste conclusão é que evoluímos pouco, muito pouco.

Em várias crônicas, Ribeiro Filho trata o tema das favelas, todavia a crônica “As favelas” é um sugestivo texto que procura de forma transparente examinar o assunto que é matéria até estes dias. Transcrevo parte do texto:

> Favela quer dizer injustiça, impiedade, inconsciência, quer dizer miséria irremediável. Uma favela é um confronto e um contraste que se erguem sempre nos pontos elevados da cidade feroz, quando as instituições de beneficência constroem prédios próprios, as religiões erigem templos de porta de ouro e os poderes constituídos refugiam-se em palácios legislativos, judiciários e presidenciais.

> (...)
> Os bairros das misérias são expressões e funções dos bairros aristocráticos, e um e outro são valhacoutos de salteadores e saqueadores em batalha perene pelo pão e pelo amor. Na impossibilidade de generalizar Copacabana, de fazer todo Rio uma cidade atlântica, lembram-se os estetas do urbanismo de demolir os valhacoutos daqueles que não pretendem generalizar a favela. (...) (RIBEIRO FILHO, In: *Careta*, 26 de março de 1927, p. 13).

A divisão permanece. De um lado os bairros ricos, de outro, os bairros pobres ou empobrecidos. A cidade do Rio de Janeiro mantém o berçário da miséria que alimenta a mão-de-obra beneficiando diretamente a elite. Um outro sério obstáculo para alternativas de reduzir o abismo instituído é o tráfico de drogas, que, assustadoramente, tem afastado as iniciativas civis e nitidamente o pouco esforço estatal para amenizar a conjuntura. A crônica é atual e visa discutir um velho problema que se ramificou criando caminhos cuja solução está cada vez mais complicada de ser encontrada. Só tem restado para a população carioca criar novos hábitos tentando se afastar das favelas, ou seja, quando a cidade deveria se unir para aliviar a carga de desigualdade, o que se vê é a cisão, é uma cidade partida.

O tema do carnaval é retomado pelo cronista em texto que procura, em procedimento claramente metalingüístico, debruçar-se sobre a própria condição do escritor. Observe-se um trecho da interessante crônica “O último dos carnavais”:

> O carnaval que, segundo dizem, é uma época de folga para todo mundo, não o é para o cronista. Talvez, mesmo, seja o tempo em que mais se apura e se intensifica o trabalho da crônica, exatamente como nos dias de calamidade, de guerra, de grandes crimes, de vastas transformações políticas, de não importa que desgraça capaz de impressionar.
> O cronista trabalha sobre pressão; precisa olhar, quer ver mesmo aquilo que ele já conhece e sobre o que já tem opinião. A cidade se agita, há qualquer coisa de anormal e de insólito que surge das gretas e dos socavões tapados todo ano, onde a plebe carola e legalista se aninha vencida e recalcada. O cronista precisa escutar o ruído, o movimento, a arritmia desse transbordamento do lodo que a higiene canaliza e que a elegância empoça.
> Apenas nem todos vêem pelo mesmo ângulo de reflexão. Olhar como um espetáculo o carnaval, não é o mesmo que olhá-lo como essência, forma, documentação de qualquer coisa que o provoca e de qualquer coisa que o aproveita. E é tomando-o como efeito e não causa, como sintoma e não enfermidade, demonstração e não teorema, que o cronista pode dialeticamente observá-lo e sugerir conclusões.
> (...)

> Não há nada mais a ver no carnaval, festa religiosa e prova pública do efeito da aplicação do servilismo e do misticismo à educação das massas. E essa prova é tão boa que o governo, sentindo necessidade de controlar e de reforçar seu armamento ideológico para defesa de classe, pensa em oficializar. É porque, como carnaval democrático ou eleitoral, é o da carne, o último dos carnavais. (RIBEIRO FILHO, In: *Careta*, 03 de março de 1928, p. 09).

Parece que Ribeiro Filho procura definir a própria função do texto, demonstrando, em uma crônica que discute a própria crônica, a necessidade de observação, a pressa da escrita visto que o material será anexado ao jornal ou revista que precisa circular na manhã seguinte. Além disso, observa-se também uma explicação para a maneira despretensiosa da narrativa, em tom coloquial, preocupando-se basicamente com a generalização do assunto, e não sua análise aprofundada e teórica.

Em certa medida, pode-se afirmar que a crônica "O último dos carnavais" é uma feliz definição para um gênero tão precioso. O valor desta definição se adequa perfeitamente às tentativas mais recentes de rastrear os meandros da crônica. Por exemplo, veja como a definição de Jorge de Sá, em sua obra *A Crônica*, se aproxima do texto de Ribeiro Filho:

> À pressa de escrever, junta-se a de viver. Os acontecimentos são extremamente rápidos, e o cronista precisa de um ritmo ágil para poder acompanhá-los. Por isso a sua sintaxe lembra alguma coisa desestruturada, solta, mais próxima da conversa entre dois amigos do que propriamente do texto escrito. Dessa forma, há uma proximidade maior entre as normas da língua escrita e da oralidade, sem que o narrador caia no equívoco de compor frases frouxas, sem a magicidade da elaboração, pois ele não perde de vista o fato de que o real não é meramente copiado, mas recriado. O coloquialismo, portanto, deixa de ser a transcrição exata de uma frase ouvida na rua, para ser a elaboração de um diálogo entre o cronista e o leitor, a partir do qual a aparência simplória ganha sua dimensão exata. (SÁ, 1985, p. 11).

Aparece fortemente também nas crônicas de Ribeiro Filho o tema marcadamente filosófico. Ainda que atentando para o aspecto da subjetividade da vida, como por exemplo na crônica "A casca", a pena do escritor não se furta de tentar sobre esta temática:

> A vida individual, a vida de todos os seres só começa quando se quebra a casca e se rompem os envoltórios que os segregam do mundo exterior.
> Depois, naturalmente a vida plena é o prolongamento em série dessas revoltas originais e primárias que iniciam a libertação do cativeiro nativo, é a projeção no espaço e no tempo das prisões sucessivas que são a negação necessária a todas as afirmações da dialética universal.
> Em resumo, em essência, a vida é uma reticência de revoltas. Cada qual sabe disso pela verificação experimental de que os melhores gozos são os que se sentem no alcance da vitória das lutas travadas sobre qualquer terreno. Não só se gozam as vitórias pessoais como se celebram as vitórias alheias. É a ciência própria, o instinto dialético da vida que nos leva a aceitar, criar e prolongar conflitos, porque sem eles a existência se confundiria com o aniquilamento. (RIBEIRO FILHO, In: *Careta*, 26 de maio de 1928, p. 11).

O cronista afirma que o sentido da vida está centrado na desordem. Cabe ao homem tentar estabelecer a ordem desejada, selecionando o que lhe convém, mas sabendo que essa tentativa não passa de mera ilusão, pois ao findar a resolução de uma adversidade, o atrito é restabelecido procurando dar seguimento ao próprio sentido da existência humana, isto é, a constante inquietude.

Até mesmo uma máxima do texto constitucional passa a ser conteúdo para a apreciação do cronista. Utilizando-se do título “Por dizer; por escrever”, que surge várias vezes na relação das crônicas, assim se posiciona Ribeiro Filho:

> Há dias um jornal do Norte trouxe na íntegra a sentença de um juiz que começava por esta interessante afirmação: “Considerando que todos são iguais perante a lei.” É da constituição esse aforismo e dizem que está na consciência jurídica do país, como incorporada à mentalidade de todos os cidadãos de qualquer confissão política e social de nossa república e até mesmo o universo inteiro.
> Infelizmente termo a termo não é assim. Quando se indaga que lei em face da qual a igualdade dos cidadãos esplende com tamanha magnificência, verifica-se que é uma lei abstrata, não formulada, não escrita e de caráter etéreo e divagante pelas regiões incolores da utopia.
> Seria ridículo pretender que o homem pobre seja igual ao homem rico perante as leis que regulam a transmissão das heranças ou que dispõem sobre falências e concordatas; ninguém mete na própria cabeça que o soldado é igual o oficial, o amanuense igual ao patrão, ou mesmo nas leis do amor o feio igual ao bonito.
> (...)
> O caso da igualdade perante a lei, do mesmo modo, significa apenas isto, que “todos são iguais perante os preços vigentes do mercado”. A lei aqui é a única real, é a única positiva, é a que regula as relações econômicas entre os homens dentro de uma sociedade desigual para exploração da mais-valia. (RIBEIRO FILHO, In: *Careta*, 22 de dezembro de 1928, p. 15).

A matéria que o cronista teve a oportunidade de ler no jornal, assunto que passou a incorporar o interesse de sua crônica semanal, desperta um olhar

revoltado diante de uma definição que tem caráter positivista e que não corresponde à condição de acentuada desigualdade da sociedade. Entende-se que esse texto constitucional intenciona estabelecer a imparcialidade da justiça para com os fatos, seus cidadãos, e da própria lei em si. Entretanto, na vida prática do dia-a-dia, interesse específico do cronista, o texto constitucional está distante de se ver plenamente. Provavelmente a indignação do escritor tenha emergido pelo fato da sentença começar com a máxima, o que de certa forma transmite um ar de supremacia do operador da justiça. Ao final da crônica, Ribeiro Filho explica que só há igualdade nos preços estabelecidos nos mercados. Ironicamente o escritor afirma que a suposta igualdade só está presente nas relações de consumo, relações essas que são próprias dos que detém o capital. A discussão que a crônica estabelece, deprimentemente, é um fato que ainda conduz a sociedade brasileira.

Em fevereiro de 1929, o tema do carnaval é revisitado pelo cronista, que procura dar seqüência ao título que, como já observado, se repete várias vezes, "Por dizer; por escrever", assim se declarando:

> O logro da chuva, em que um supersticioso veria o protesto da natureza, amorteceu e quase matou esse indecoroso carnaval que é uma das sobrevivências religiosas mais detestáveis de quantas se cultivam na degradação da nossa sociedade reacionária.
> Mas não foi a chuva quem quase matou o carnaval; é muito raro o concurso dos elementos efêmeros na obra invisível da renovação social. Quem ou o que fez o carnaval descer de ânimo e de expansão foi a miséria econômica conseqüente ao crescimento da riqueza da classe dominante.
> A miséria aumenta de volume e de extensão; o aspecto econômico da luta comum já impressiona os menos capazes de compreender o único fundamento da absurda sociedade em que vivemos de guilheta ao pé e cães na consciência. O velho folião, o velho idiota, como o jovem estouvado e o novo arrivista já sentem que o próprio prazer se faz a peso de ouro, e nem todos têm pelo carnaval um bilhão de liras a tocar na galhofa da soberania.
> O carnaval vai assim morrendo, ano a ano; ano a ano se modifica e se desola, passa das classes inferiores para a ralé alta, dos portadores de espontâneas alegrias aos portadores dos talões de cheques; tal qual este último que consistiu em canções obscenas e idiotas, e ricos bailes de ricas fantasias. (RIBEIRO FILHO, In: *Careta*, 23 de fevereiro de 1929, p. 15).

A princípio, a impressão que a crônica transmite é que seu autor tem antipatia pelo carnaval. Porém, à medida que a narrativa avança, nota-se tratar de um

depoimento que discorda da forma como a festa é conduzida. No último parágrafo do trecho transcrito é fácil perceber que a aversão é para com a elite, grupo reduzido que tenta tomar a cena do carnaval. Na visão de Ribeiro Filho, além do custo da festa estar beirando a cifras absurdas, as próprias "alegrias espontâneas" da população menos favorecida financeiramente, verdadeira marca do carnaval, tende a ser substituída pelo sorriso artificial das elites. Logo, a crônica pode ser interpretada como um brado de denúncia diante do novo panorama que o carnaval passa a descortinar. Felizmente parece que este panorama não vigorou, pelo menos integralmente, pois a manifestação popular no carnaval, com seus blocos e bandas, ressurge a cada ano nos bairros da cidade.

Há uma relevante crônica com o título "Manuscritos" que procura tratar de uma importante característica da cultura brasileira, a saber: o sério e problemático sentimento do mando, da chefia. Veja-se o trecho:

> O Brasil é a terra dos chefes. A idéia do mando, o ideal de obediência vêm de longe, são fórmulas alarmantes da desigualdade em que se baseia a nossa escandalosa civilização.(...)
> Há em nós, como por toda parte, as meias dúzias que enfeixam, condensam, absorvem, exploram, tripudiam sobre as dúzias do resto. Aquelas é que cultivam praticamente e ideologicamente a doutrina romana do direito de mando e do dever da obediência.
> (...)
> No nosso país quem não é chefe está fora da lei, é um desapoiado, um desamparado dos códigos e dos costumes, em oposição ou em neutralidade perante os fatos rudemente concretos da sociedade e da vida.
> O meio de escapar ao não ser nada é procurar ser tudo, e aqui só se concebe alguma coisa através dos letreiros e das placas douradas das chefias. (...) (RIBEIRO FILHO, In: *Careta*, 20 de julho de 1929, p. 13).

É quase que inconsciente a supervalorização que se dá a palavra "chefe", além da cobiça de significativa parcela da população em atingir este título. A crônica também faz lembrar a antiga fala nacional: "sabe com quem está falando?". Esta proposição pode ser compreendida com o mesmo vigor da palavra "chefia". A intenção é impor o respeito e a ordem necessária. Também nota-se que a palavra

“chefe” traz a marca da obediência, da submissão que, inevitavelmente, a maioria das pessoas está condenada.

Na busca de aprofundamento do estudo dos problemas nacionais, Ribeiro Filho, por intermédio da crônica de mesmo título que a anterior, “Manuscritos”, usado para várias crônicas, transmite o seguinte parecer:

> Há alguns cavalheiros ilusionistas, mal ou bem postos nas margens da política, que põem na fome uma esperança até hoje nunca justificada por nenhum fato histórico excepcional.
> (...)
> Aqui mesmo, no nosso extraordinário país, que a irrisão dos frenéticos proclama ser o primeiro do mundo, a importância do governo é maior, precisamente nas regiões isoladas pela fome. No nordeste o flagelo é cuidadosamente mantido, tecnicamente, cientificamente zelado para que o governo possa exercer o seu domínio absoluto. (RIBEIRO FILHO, In: *Careta*, 14 de setembro de 1929, p. 11).

A condição do nordeste brasileiro permanece no mesmo estágio anotado por Ribeiro Filho em 1929. Já pode-se afirmar, inclusive, que é da miséria, seja física ou intelectual, que muitos espertos têm se apropriado para alcançar lugares na política e na própria confiança popular. O problema da fome é sério, preocupante, mas não há nenhuma iniciativa fortemente estruturada pelo poder do estado no sentido de solucioná-la. O que se tem visto são parcos programas, com interesse nitidamente eleitoreiro, espalhando migalhas pelas regiões famintas do país.

Voltando-se para a estrutura administrativa nacional, o cronista passa a analisar a condição do orçamento estabelecido pelo congresso para o ano de 1930. Com o título numericamente sugestivo, “25%”, a narrativa nos esclarece acerca da realidade do funcionário público:

> A infeliz gente que serve ao governo, a todos os governos, e jamais à nação, viu o congresso encerrar-se sem nenhuma esmola a mais no quinhão legal a receber este ano.
> Em lastimosa situação financeira, completamente destituído de noções econômicas, rudemente dividido pelas aberrações de uma hierarquia jesuítica e depressiva, o funcionário, cujo máximo progresso foi o de substituir a lustrosa casaca pela manga de camisa, passará mais um ano na chorosa crise em que naufragarão mais algumas esperanças de seu espiritismo sedativo.
> (...)

> Sempre o mesmo, vendo sempre um chefe em todos os seus atos de volição, invariavelmente na pauta do insultuoso livro de ponto que os diretores apõem à incompreensão dos seus deveres, o funcionário só teve uma evolução no decurso de toda a história secular da classe; ele, de católico, figura obrigatória das procissões romanas, se fez espírita e se tornou figura assídua das sessões de histéricos e espertalhões que receitam briônia e cássia médica.
> (...)
> Como pode reagir um homem que tem acima de si vinte superiores e abaixo, além da vida, a esmola futura da quarta parte do pataco com que morre de fome? Isso não é possível.
> Na série negra dos seus orgulhosos desastres o funcionário não verá jamais o ponto final, e não o verá porque já aceitou a teoria suprema de que morrer de fome é o mais glorioso destino de um humilde servo dos governos. (RIBEIRO FILHO, In: *Careta*, 04 de janeiro de 1930, p. 11).

O tema do funcionalismo, recorrente em várias crônicas, é trabalhado na crônica "25%" mostrando o desestímulo deste servidor do Estado que se vê diante de mais um ano sem reajuste de seu salário. A narrativa também aponta a falta de investimento estatal na infra-estrutura da máquina governamental. Segundo Ribeiro Filho, com tanto depaupério, só resta ao funcionário associar-se às crenças ocultas para encontrar uma resolução para suas dificuldades. No entanto, o cronista vê com olhos céticos esta alternativa que considera mais uma forma do funcionário ser passado para trás. A modulação final do texto mantém o mesmo sentimento do início, isto é, incredulidade na melhora das condições de trabalho.

Para não dizer que os fatos históricos mais marcantes do período de publicações das crônicas foram deixados de lado, o texto "Aspectos esquecidos" trata exatamente do início do governo de Getúlio Vargas:

> Se houvesse liberdade de consciência neste pobre país, e neste país pobre, e às consciências livres se perguntasse por que razão deveriam ser castigados os fatores, cúmplices, sócios e apaniguados dos governos antecedentes, infalivelmente a resposta seria essa:
> – Por vilania!
> (...)
> Há um pudor incrível em desvendar a nossa vilania nacional. Também meses antes da investida de outubro, quando alguém dizia que os nossos homens de governo eram ladrões, surgiam bandos de vilões opinativos que se indignavam do atrevimento dos que diziam essas coisas desprestigiosas e dissolventes. Entretanto a Revolução mostrou que realmente nós vivíamos sob o domínio dos Ali-Babás e dos quarenta ladrões. (RIBEIRO FILHO, In: *Careta*, 20 de dezembro de 1930, p. 15).

O cronista transmite neste último parágrafo citado que a Revolução de 30 trouxe moralidade para a história do país. Nota-se uma confiança no novo período político que o país instaura, período marcado por denúncias das administrações anteriores, cercadas de roubos e de repressões. Claro que a proposta revolucionária de 1930 foi importante para o Brasil. O que não se esperava foi o período ditatorial. Mas a história política brasileira, de vez em quando, também apresenta as duas faces.

Com o tom de galhofa e ironia, características de boa parte das crônicas de Ribeiro Filho, o escritor, valendo-se do já conhecido título "Por dizer; por escrever", passa a tratar da questão das roupas usadas pelas pessoas:

> O traje é hoje em dia uma necessidade, não só porque a extravagante moral dos costumes o obriga, como também devido à tendência cívica de cada indivíduo querer provar aos outros que não anda nu.
> Nestas ocasiões o bom cidadão deve usar ternos no valor aproximado a um uniforme de gala, entrando nesse cálculo o guarda-chuva e as peles que por acaso traga cautelosamente no bolso do revólver.
> Se, por outro acaso, a moda exige que se suprima o colete, é conveniente que a camisa seja verde e amarela, e a gravata vermelha.
> (...)
> A exteriorização do nobre valor da cidadania, aquela que nos dará amanhã direito de voto as futuras cortes constituintes vem a ser a gravata.
> Esta deve ser de seda e a mais forte que exista nos armarinhos, porque o bom cidadão pode ser enforcado de um momento para o outro e, nobremente, heroicamente, discrecionariamente economiza ao orçamento as despesas com uma corda. (...) (RIBEIRO FILHO, In: *Careta*, 26 de dezembro de 1931, p. 11).

A roupa na crônica é só uma desculpa para tratar da cidadania. O texto usa a metáfora da blusa verde e amarela, cores símbolo do patriotismo brasileiro, e acrescenta o uso da gravata vermelha (quiçá simbolizando a Revolução de 30), acessório duplamente importante. Se, por um lado, a gravata é a marca da ideologia política do momento que o país atravessava — 1931 —, por outro sua função pode ser o próprio aniquilamento daquele projeto que sonhou com as mudanças sugeridas na Revolução.

Encaminhando a finalização desta tentativa de apresentar Domingos Ribeiro Filho cronista, passo a citar a seguir um trecho de uma crônica de 1932, quando o escritor, mais uma vez aproveitando-se da inspiração do mês de maio, anuncia:

> Com um belo dia de sol, como nós cariocas conhecemos, algumas naturezas impressionáveis e poéticas parece acharem uma compensação de tormentos e ansiedades que a vida acumula no interior das casas e das repartições onde se disputa do amor e do pão atinge as vertigens de um drama. (...)
> Poetas e estetas enganam-se asperamente nos seus êxtases aurorais. A vida é cada vez mais rude e mais fria; o encanto compensador dos dias de belo sol se esvai como as nuvens de algodão que as altas correntes tangem sem destino no espaço; a doçura das manhãs de maio que eles cantam, é aproveitada pelos implacáveis proventuários da miséria humana para aumentar a conta de seus créditos e haveres. Ao desgraçado que estrebucha e se lamenta não faltará quem diga:
> "Mas com um dia lindo deste você ainda se queixa?
> O sol nasce para todos. Em que país do mundo poderia você achar esse carinho de luz e este esplendor de apoteose?"
> E o desgraçado, que acaso leu algum verso ou discurso acadêmico, achar-se-á realmente um bruto, abaixo da possibilidade animal de se aquecer ao sol e de cantar a beleza das iluminações tropicais. (RIBEIRO FILHO, In: *Careta*, 28 de maio de 1932, p. 11).

O que se pode reparar nesta crônica é que o escritor, ao mesmo tempo em que apresenta um cenário atraente - cidade do Rio de Janeiro, mês de maio, dia de belo sol com o céu com nuvens que lembram algodão —, não se deixa envolver. Este olhar desconfiado, mesmo nos textos mais líricos, transpassa a produção do cronista Ribeiro Filho. A todo o tempo pode-se detectar que o sentimento do cronista é comedido, pautado, sempre preparado para investir contra qualquer ataque, sempre preso à conturbada condição do seu tempo histórico.

É possível que esta seja a interpretação que se pode concluir de Ribeiro Filho cronista. Ao mesmo tempo em que a denúncia é evidente, nota-se também uma espécie de desconfiança ou mesmo descrença diante dos problemas para que procura chamar a atenção, como se o escritor percebesse nitidamente ser uma voz dissonante com as idéias impostas pelo seu tempo. E, quando desconfia, no fundo no fundo sabe que as forças estrangeiras se apoderam do ideal de preservação dos interesses nacionais. Como Domingos Ribeiro Filho morre em 1942, em plena

Segunda Guerra Mundial, um dos maiores massacres do século XX, teve tempo para presenciar o poderio das forças estranhas em territórios desconhecidos. Morre quando a Guerra instaura o ciclo dominante da irracionalidade, da ausência de sentimentos nas relações humanas, fato que perpetuaria, nesses últimos sessenta anos, a barbárie e a discórdia a que o planeta está submetido.

Em suma, mesmo diante de tanto pessimismo e medo, desejo que a empreitada que procurou resgatar o cronista Ribeiro Filho tenha dado conta de sua principal proposta, recuperar para as Letras a significativa contribuição deste escritor desconhecido. Com este trabalho, que em momento nenhum deseja ser definitivo, creio estar abrindo caminho para outros pesquisadores interessados em resgatar os ícones abandonados pela historiografia literária, quem sabe possivelmente reintegrados em uma nova história da literatura brasileira.

2 A *EXALTAÇÃO* DE ALBERTINA BERTHA

2.1 A PRESENÇA DE ALBERTINA BERTHA NA LITERATURA BRASILEIRA

> O romance *Exaltação*, no seu conjunto, apresenta, quer pela concepção, quer pelo estilo, qualidades extraordinárias.
> O poder descritivo da autora tem um cunho singular e o colorido da paisagem exibe notas fulgentes, que recordam a escola dos coloristas italianos, e, às vezes, o modo do pintor inglês Turner.
>
> Araripe Júnior (In: BERTHA, 1916, p. 05).

Albertina Bertha de Lafayette Stockler nasceu no Rio de Janeiro em 7 de outubro de 1880. Morreu na mesma cidade em 20 de junho de 1953. Era filha do Conselheiro Lafayette Rodrigues Pereira e deixou uma obra composta por cinco volumes, a saber: *Exaltação*, romance de estréia publicado em 1916; *Estudos*, 1ª série, de 1920; *Voleta*, romance, publicação de 1926; *Estudos*, 2ª série, lançado em 1948; *E ela brincou com a vida*, última produção romanesca, datada de 1938. É preciso esclarecer que os títulos *Estudos* contêm uma série de textos tratando de psicologia, análise de romances de Goethe e Lord Byron, conferências pronunciadas pela autora, entre outros.

O romance *E ela brincou com a vida* retrata a vida do casal Iza Maria e Julio Arnaldo. Este, industrial poderoso, mantém um padrão de vida exuberante, residindo, inclusive, em Copacabana. Aquela, levada por um impulso impróprio para a época, visto que o romance parece situar-se no início do século XX, procura

acatar os cortejos de outros homens, amigos do próprio casal, além de provocar o desejo desses homens.

No entanto, o marido Arnaldo também almeja outras mulheres. Tentando dissuadir-se desta idéia resolve fazer uma viagem com Iza para Paris, onde pretende adquirir máquinas mais possantes para sua fábrica. A bordo do navio que os conduziria à Europa conhecem Luiz Octavio que vem a despertar o interesse de Iza, dando seqüência a sua busca por outra experiência amorosa. O marido, em contrapartida, termina por envolver-se com uma prostituta francesa. Aos poucos o relacionamento do casal se esvazia, Iza Maria envolve-se com Luiz Octavio, Arnaldo parte para uma viagem às costas africanas, deixando apenas um bilhete em que declara o fim do casamento.

Ao final do romance Iza Maria retorna ao Rio de Janeiro com a promessa de reencontrar Luiz Octavio nessa cidade. Porém, Arnaldo adoece e é levado para tratamento em Paris. Luiz Octavio se vê na contingência de ter que cuidar do amigo enfermo. Arnaldo vem a falecer e Luiz Octavio parte para o Rio de Janeiro e reata o compromisso amoroso com Iza.

Voleta é o título do romance que tem como personagem a senhora Voleta de Andréia, uma espécie de meia irmã de Ladice, personagem principal do romance *Exaltação*. Trata-se de uma narrativa angustiada do início ao fim. Voleta de Andréia, casada com o senhor Pedro Andréia passa parte de sua vida desejando outro homem. Somente com a morte prematura do marido, um socialista que passa a anarquista e é morto em um atentado, Voleta consegue usufruir o prazer com o amante Roberto. A idéia básica deste romance é o jogo da recusa e da entrega, banhado pelo erotismo subjacente na linguagem da personagem Voleta. Aliás, esse teor erótico é uma marca no vocabulário da obra de Albertina Bertha.

Publicado em 1916, o romance *Exaltação* alcança, em 1931, conforme verificado em volume na Biblioteca Nacional, logo quinze anos depois do primeiro lançamento, a casa da sexta edição. Pode-se dizer que a obra foi lida no período das publicações citadas. O que não se explica facilmente é o fato da historiografia literária não mencionar o nome de Albertina Bertha.

Brito Broca, em *A Vida Literária no Brasil — 1900*, faz brevíssimo comentário sobre a estréia da autora. Tal só se dá quando Broca menciona o nome de Araripe Júnior na escala dos críticos brasileiros que aparece no capítulo XX, intitulado "Críticos Militantes e Cronistas". Para explicar a permanente atuação crítica de Araripe Júnior durante o século XIX, cita o fato de ter sido Araripe o "descobridor" de Agripino Grieco, assim como o responsável pelo "aparecimento" de Albertina Bertha:

> Araripe Júnior somente no século passado teve atuação de crítico militante, (...)
> Mas foi, certamente, quem lançou Albertina Bertha, enviando capítulos do romance *Exaltação* para serem publicados no Jornal do Comércio acompanhados de uma carta a Félix Pacheco, na qual louvava entusiasticamente os méritos da obra: "O jornal publicando esses fragmentos — escrevia ele — não fará senão concorrer para que o horizonte das nossas letras desponte um astro de primeira grandeza". (BROCA, 1960, p. 244-45).

Ora, o que se pode observar é que este texto da carta é o primeiro registro sobre *Exaltação*. O tom elogioso não ecoa em outros críticos da época. Lima Barreto, crítico eminente, registra nas suas *Impressões de Leitura* pertinente observação acerca da personalidade de Albertina Bertha:

> Muito inteligente, muito ilustrada mesmo, pelo seu nascimento e educação, desconhecendo do edifício da vida muitos dos seus vários andares de misérias, sonhos e angústias, a autora de *Exaltação*, com auxílio de leituras de poetas e filósofos, construiu um castelo de encantos, para seu uso e gozo, movendo-se nele soberanamente, sem ver os criados, as aias, os pajens e os guardas.
> Do alto do seu castelo, ela percebe as casas dos peões e homens de armas, lá embaixo, rasas com o solo, e só a flecha

> da igreja do burgo se ergue um pouco acima dele. Ela não lhe adivinha os obscuros alicerces robustos. (BARRETO, 1956b, p. 117).

Lima Barreto não poupa os traços de uma personalidade recatada, moldada à vida burguesa e distante, segundo o próprio Lima, da experiência da vida humana nas suas camadas inferiores. Procura traçar o perfil da pessoa Albertina Bertha, talvez um caminho para se chegar à escritora. Porém, na correspondência do autor de *Clara dos Anjos* encontra-se uma carta a Albertina Bertha, onde se torna nítido o interesse de Lima Barreto pelos autores estreantes, como se pode notar quando o mesmo menciona já ter lido o romance *Exaltação*:

> De há muito tinha lido o seu famoso livro, mesmo antes de receber o exemplar, que tão bondosamente me ofereceu. (...) O seu livro é bem um poema em prosa, e um poema de mulher, de senhora, pouco conhecedora da vida total, dos altos e baixos dela, da variedade de suas dores e das suas injustiças. Vivendo à parte, em um mundo muito restrito, a senhora, muito naturalmente, não podia conhecer senão uma espécie de dor, a dor de amar; e, dessa mesma, a senhora faz dela uma Exaltação. (BARRETO, 1956e, p. 283-84).

É perceptível como o teor da correspondência equipara-se ao texto crítico anteriormente citado. O que chama a atenção é o fato de serem discursos tão diferentes. Enquanto na carta Lima Barreto trata o romance *Exaltação* como um poema em prosa, típico de uma mulher absorvida pelo limitado convívio burguês, na crítica Lima ressalta as mesmas qualidades do berço bem nascido, mas ressente-se do olhar unívoco da autora que reflete na personagem principal, Ladice.

Praticamente um ano depois, Albertina Bertha responde à carta de Lima Barreto, confirmando algumas observações levantadas:

> Agradeço-lhe a sinceridade com que se refere ao meu livro e ao meu modo de ser. Diz-me que, vivendo à parte, num mundo especial, hei de naturalmente simplificar a vida e só conhecer uma espécie de dor — a dor de amar.

> Talvez; sei apenas que há dias em que a minha alma traz as sete dores: dores cruciantes, estéreis, lívidas, sem lágrimas, sem consolo, sangüíneas.
> (...)
> Ah, bem sei que transformo a realidade, que a douro apesar da minha visão física, que a não descrevo com minúcias, com detalhes de verdade, que a dignifico, que a elevo, que minto... Mas que fazer se sou assim, totalmente eivada desse mal divino e ingênito, dessa morbidez inexplicável, mas incisiva e penetrante, veneno das minhas vísceras e do meu espírito. (BARRETO, 1956e, p. 285-86).

O tom da correspondência, mais para depoimento desculpando-se dos defeitos, é uma espécie de explicação, tentativa de justificar o modo de ser que termina por revelar-se na narrativa do romance *Exaltação*. Este trecho da carta-resposta permite entrever o estilo da autora, estilo esse repleto de sobressaltos, perturbações, surpresas. Os personagens de *Exaltação*, principalmente Teófilo e Ladice, mais esta que aquele, transitam pela narrativa o tempo todo impulsionados por desejos repentinos, atitudes bruscas, "exaltando" os grandes sentimentos, como por exemplo, o amor, e tornando-o a condição principal de suas experiências.

Por outro lado, ainda no que diz respeito à recepção crítica do romance, publicado em 1916, foi possível resgatar alguns textos em jornais do período. O primeiro, encontrado no jornal "O Imparcial" e assinado por Osório Duque-Estrada, destaca os defeitos do estilo e as incorreções gramaticais:

> Lastima é (exatamente por se tratar de obra de tamanho tomo e de tanto fulgor literário) que não possua a autora um pouco mais de sobriedade no estilo e, muito principalmente, pois evitaria assim o grande número de deslizes e incorreções de que está lastimavelmente inçada uma grande parte do seu trabalho.
> O transbordamento da frase, sempre igual e mantido no mesmo diapasão torna-o por vezes monótona, posto que animada sempre de frêmitos artísticos, cheia de brilho, de vibração, de colorido e de opulência; porque resulta não raro explosiva, sem ordem, sem medida.
> As incorreções gramaticais pululam por dezenas de página e (...) (DUQUE-ESTRADA, In: *O Imparcial*, 28 de fevereiro de 1916, p. 02).

Em uma fase onde as regras gramaticais situavam-se com tanta irregularidade, é estranho notar como a crítica se detém em dados pouco relevantes, quando poderia ocupar-se tratando dos aspectos que merecem destaque na narrativa em si. Interessante destacar que este mesmo tipo de crítica sofreu Lima Barreto. Com seus textos avessos a rigidez gramatical, o autor de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, teve sua obra associada ao descaso pelas regras da gramática. Mas, voltando à citação anterior, a monotonia destacada, segundo o crítico explicado pelas frases desmedidas, desordenadas, explosivas e iguais, justificam-se, segundo pode-se analisar com a leitura da obra, por se tratar de enredo carregado de inquietação, principalmente porque procura tratar do amor inebriante de uma mulher casada por um poeta, o que termina em um texto que retrata, por suas frases desconexas, o sistema nervoso de seus personagens, levando o leitor a compreender o êxtase requerido no título da obra.

Ao final de seu artigo, Duque-Estrada depõe a favor da autora:

> Isso, porém, não diminui de muito o grande e extraordinário valor da Exaltação, que é, positivamente, um trabalho de pulso e que honraria a pena de qualquer dos nossos escritores de renome. (DUQUE-ESTRADA, In: *O Imparcial*, 28 de fevereiro de 1916, p. 02).

Ressente-se do tom que chamo até de preconceituoso com que Duque-Estrada trata da obra de Albertina Bertha, ou seja, a obra só teria mérito se assinada por um autor já consagrado. Como é uma mulher quem escreve sua pena não merece honra.

Este modo como termina suas observações acerca de *Exaltação* equipara-se ao texto publicado no Jornal do Comércio, na sessão intitulada “Livros Novos”, de fevereiro de 1916:

> O romance Exaltação, da Srª Albertina Bertha, não é uma estréia vulgar. É uma afirmação de um talento cheio de ardor, singular nas suas sensações, original e sincero. O Sr. Araripe Junior, que leu o romance há anos, em manuscrito, escreveu a autora: "Ainda não me restabeleci da surpresa que me causou a *Exaltação*. Continuo a garantir que o seu livro será o mais vibrante dos romances publicados no último decênio. Salvo "Os Sertões", de Euclides da Cunha, não conheço estilo mais percuciente. É esta a verdade que sustentarei na liça, com o valor de cavaleiro medieval."
> A Srª Albertina Bertha não é um temperamento banal. É uma escritora que revela, exprime, estampa estados de alma tão singulares, situações tão bizarras, sensações tão estranhas, que tudo no seu romance se ressente dessas anormalidades, e tudo, estilo, composição, contextura, tipos, fábulas, é ardente, vivaz, desequilibrado, fogoso, brilhantemente exótico e amorosamente bárbaro e sincero. (LIVROS novos, In: *Jornal do Comércio*, 24 de fevereiro de 1916, p. 02).

É nítido que, para este crítico, que infelizmente não assina o texto, o romance, mais que um lançamento, é uma consagração. Destacando o estilo, o crítico termina por traçar o perfil psicológico da própria autora, na tentativa de estabelecer uma relação que sabemos estar intimamente mesclada nessas duas entidades. Observa-se que o próprio estilo criticado por Duque-Estrada é aqui reverenciado, explicado como necessário desequilíbrio para justificar o perfil também desequilibrado da personagem Ladice.

Ainda recorro ao crítico desconhecido, quando afirma:

> A leitura é atraente e empolgante. As frases febris, com exaltações dignas de poemas, cheias de achados felizes, prendem o leitor e a autora, na ansiedade de exprimir sensações fortes, carrega nos atributos, enfileira adjetivos, insaciável e ardente...
> (...)
> Mas tudo isso é secundário. O que dá valor excepcional ao livro é o ardor magnífico dos símbolos que atordoam, é o ardor do estilo que traduz com emoções os estados de alma singulares que se desenvolvem com crescente exaltação. (LIVROS novos, In: *Jornal do Comércio*, 24 de fevereiro de 1916, p. 03).

No jornal *A Voz da Liga Católica das Senhoras Baianas*, publicado em setembro de 1916, mesmo ano da publicação de *Exaltação*, foi possível encontrar instigante e provocador texto sobre o romance de Albertina Bertha. Assinado por Anna Ribeiro de Góes Bittencourt, o artigo é contra a leitura da obra, assim se posicionando:

> Ouvindo falar do grande sucesso do romance *Exaltação* de Albertina Bertha, desejei conhecê-lo porque sempre me desperta interesse a notícia de que uma patrícia minha, transpondo o círculo de prazeres e frivolidades mundanas, em que as mais das vezes se encerra a mulher brasileira, ainda as possuidoras de um talento cultivado, oferece aos cultores das letras os produtos de sua inteligência e saber.
> (...)
> Não nego à autora deste livro um belo estilo; e sem dúvida cedendo à sedução desta beleza é que Araripe Júnior teceu-lhe o elogio pomposo que lhe serviu de batismo.
> Todos sabem a importância de um bom padrinho; muitas vezes é o fator de um brilhante futuro.
> (...)
> Pretender igualar *Exaltação* ao livro do infeliz Euclides da Cunha!
> Que injustiça! Colocar ao lado de uma obra de peso, útil, primorosamente elaborada, o produto funesto de uma imaginação exaltada!
> (...)
> Não conheço a festejada autora, nem ao meu cantinho chegou notícia alguma sobre sua personalidade.
> Desejo, pois, que a sua infeliz heroína seja apenas o produto caprichoso de uma imaginação exaltada.
> (...)
> Depois de escritas estas linhas, deparei, no *Diário da Bahia* com um bem elaborado artigo com o pseudônimo...
> Fez-me a impressão que sempre experimentamos ao encontrar pensamentos, idéias que percutem agradavelmente em nosso espírito.
> Falava de certa mocinha que tendo lido este livro sentiu-se mal, passando uma noite agitadíssima.
> E, pergunto eu, porque leu-o esta jovem?
> Provavelmente, porque estava longe de imaginar o que continha, sabendo ser escrito por uma senhora, e as mulheres devem ser sempre olhadas como guarda avançada da moralização.
> Eis o grande perigo de semelhante livro!
> Faz depois o articulista notar quanto a exaltação está próxima da demência e termina aconselhando a Albertina Bertha que calque aos pés os louros obtidos, que só irão bem a uma

> fronte de bacante; que calque aos pés o seu livro; que o queime!
> Baldado conselho! Vendo tão aplaudido o seu romance, a autora não mudará de rumo.
> Só nos resta, portanto, fazer um apelo às mulheres criteriosas, para que lhe fechem as portas, para que lhe neguem um lugar em sua estante, onde a sua presença só pode acarretar-lhes o descrédito.
> Sobretudo pedimos às mães de família que proíbam às suas filhas a leitura de um livro tanto mais perigoso quanto tem o falso brilho que deslumbra, o perfume inebriante que estonteia.
> Estendemos este apelo aos homens sensatos e creio que eles são ainda bem numerosos. Proíbam os pais de família a suas filhas essa leitura corruptora, elemento de destruição para a família. Todos sabem que a família é célula da sociedade. Destituídas as células, o corpo social será destruído. (BITTENCOURT, In: *A Voz da Liga Católica das Senhoras Baianas*, setembro de 1916, n. 6, p. 91-3).

Desculpando-me pela extensão da citação, mas reconhecendo sua importância, passo à análise. Como se pode observar, o texto da autora tem um tom de intriga, muito mais do que o estudo do enredo. Logo no início faz menção ao nome de Araripe Júnior, associando-o ao sucesso do romance, o que segundo Anna Bittencourt se comprova pela força do apadrinhamento. É claro que a apresentação de Albertina Bertha pelas mãos de Araripe Júnior contribuiu consideravelmente para sua estréia, mas justificar o sucesso da autora por esse caminho é um pouco exagerado. Não se pode acreditar que um livro alcance várias publicações em tão pouco tempo, como é o caso de *Exaltação*, por uma apresentação de um crítico em um jornal. Ora, o fato é que o livro despertou interesse e foi lido em sua época. Talvez esse o grande incômodo para a “Liga Católica das Senhoras Baianas”.

Como se não bastasse esse recurso de acusar o sucesso ligado ao padrinho, a autora do artigo deseja que a figura de Ladice, personagem principal da obra, seja um simples capricho da imaginação de Albertina Bertha, jamais um reflexo de sua personalidade. Neste momento a crítica começa a assumir o tom de preconceito.

Pouco interessa se a personagem é o alter ego da autora, o que importa é a grandeza desta personagem e sua contribuição para outra possibilidade de interpretação da figura da mulher, do feminino.

A crítica chega a sugerir que o livro seja queimado. Como Anna Bittencourt reconhece o avançado sucesso da autora, sugere que as mães e pais de família recusem o livro em suas estantes, uma forma de preservar suas filhas. Como se pode notar o artigo assume teor de texto medieval, com forte odor de inquisição, sem abrir mão das ferramentas fundamentais para sua estrutura: fogueira para queimar os livros, proibição e execração do nome Albertina Bertha. Em pleno século XX, com tantos avanços tecnológicos, apesar de ser início do século, é impressionante como determinados mecanismos de torturas ainda sobrevivam. O discurso religioso, mais uma vez, se reveste de moralidade, “exaltando” sentimentos arcaicos em nome de uma verdade que sempre foi difícil de existir na sua plenitude — a família —, imagem cultuada pela igreja católica até nossos dias. A autora do artigo, com certeza, estava impregnada de valores que vinculavam a figura da mulher a sua mera função de procriadora ou dona de casa, sem poder para participar dos prazeres que a vida pudesse proporcionar, como por exemplo, a sexualidade.

A questão feminina, analisada pelo viés da sexualidade, felizmente, assumiu ou tenta assumir em nossos dias papel mais favorável à mulher. Essa independência talvez se explique pelo leitor de hoje, diferente e mais esclarecido que os leitores do passado. Temístocles Linhares, posicionando-se de maneira negativa sobre a literatura de Albertina Bertha, assim se manifesta sobre o termo “obra-prima” empregado por Araripe Júnior:

> Já agora, assustado, apreensivo, indagará o leitor: - Essa é a obra-prima?

> Antes de responder, urge considerar que o leitor de hoje não é o mesmo do tempo de Araripe Júnior. Afinal, os leitores mudam com o tempo, obedecendo a outros padrões de leitura. Um leitor de hoje não pode ser igual ao da época romântica, pois os seus sentimentos e inquietações variam de acordo com o estilo de vida de cada momento histórico. (LINHARES, 1987, p. 375).

Apesar do crítico salientar o tempo todo sobre a inferioridade da obra de Albertina Bertha, reconhece, conforme a citação, que toda obra atende a leitores de determinado tempo histórico, logo pondera que a obra da autora, em especial o romance *Exaltação*, teve um público leitor respeitável.

Não se pode deixar de lembrar que o leitor do passado, sendo ele estudante, estava propício a leituras formuladas pela escola. Como Albertina Bertha foi considerada uma autora com temática audaciosa, tudo leva a crer que seu nome nem sequer tenha sido cogitado para leitura extra-classe, o que vigora até hoje.

Pode-se ter uma idéia de que comentário a Senhora Anna Bittencourt não faria dos romances de sensação publicados entre o final do século XIX e início do século XX. Apesar de considerados menores, romances pornográficos, ou qualquer outra designação classificada como menosprezo, esses livros eram sucesso de venda. Não recomendados para mulheres, o que reforça o preconceito exposto anteriormente e explica o interesse na manutenção da distância da figura feminina nas questões sexuais, tais obras alcançaram recordes de vendas.

Segundo Alessandra El Far, no livro *Páginas de Sensação*, os romances classificados como pornográficos eram possibilidades oferecidas aos homens para extravasarem seus desejos mais íntimos. As mulheres não podiam partilhar tais leituras:

> A crença de que os “romances só para homens” teriam sobre a “frágil personalidade” da mulher influência perniciosa fortalecia-se ainda mais diante de um dos principais efeitos do livro pornográfico: o incentivo à masturbação. Numa época em

> que os médicos e juristas apontavam para os perigos da busca do prazer feminino fora da esfera do casamento, os textos obscenos, interessados em instigar a imaginação criativa de cada leitor em proveito de sua própria satisfação sexual, constituíam um verdadeiro flagelo a ser combatido. (EL FAR, 2004, p. 268-69).

Como se vê, o preconceito não se limita à religião, abrange também outras importantes instituições sociais, como a medicina e o direito. Então, é possível compreender que os principais aparelhos de controle do Estado, em pleno século XX, ainda confluíam sobre o controle da mulher.

Com o excelente resultado de vendas dos "romances para homens", as editoras rapidamente recorreram a outras alternativas que atraíssem mais esse tipo de leitor. Ainda segundo Alessandra El Far:

> Ao longo dos anos as expressões "romances para homens" e "leituras só para homens" foram unindo-se outras denominações que também passaram a qualificar os livros destinados ao público masculino. Em meio aos anúncios, os editores chamavam a atenção dos leitores para o lançamento das suas "coleções rubras", "de fogo", "leituras de gênero alegre", "contos para velhos", "obras destinadas aos solteirões" que prometiam proporcionar "momentos de verdadeiro prazer e delícia" até mesmo ao consumidor mais taciturno.
> O sucesso das publicações para homens revigorou a produção de revistas de cunho pornográfico na virada do 1900, que, além de imprimirem em suas páginas textos de humor malicioso e picante, apostaram na edição de brochuras de "leitura quente". O *Rio Nu*, criado em 1898 e extinto em 1916, foi o grande exemplo dessa empreitada. Com pouco tempo de vida, os proprietários desse periódico bissemanal informavam aos interessados a respeito dos "deliciosos romances" à venda nos escritórios da redação. Aos poucos, criaram coleções que logo fizeram concorrência aos volumes comercializados nas livrarias. (EL FAR, 2004, p. 274).

O que explica o sucesso dessas publicações, além do interesse do público pela temática, é o fato dessas edições serem vendidas a preços módicos. Recorrendo mais uma vez a Alessandra El Far, tem-se a seguinte informação:

> Na década de 1880, o preço cobrado por um livro em formato brochura variava de cem réis ($100) a 1 mil-réis ou 2 mil-réis (1$000 ou 2$000), conforme o número de páginas, o tratamento editorial e o gênero em questão. Uma quantia pequena se considerarmos que no mesmo período uma dúzia de retratos era vendida a 5 mil-réis (5$000), um jantar barato no largo da Carioca ou na rua do Ouvidor custava de 1 mil-réis (1$000) a 3 mil-réis (3$000), e que os chapéus à disposição no comércio da rua Uruguaiana oscilavam entre 3 mil-réis e 16 mil-réis (3$000 e 16$000). Um ferreiro, por exemplo, recebia, em 1888, 3$333 por uma diária de serviço, ao passo que um trabalhador não especializado ganhava em torno de 1400 réis (1$400). Nessa época, os salários de serventes, contínuos e amanuenses empregados no funcionalismo municipal era maior, indo de 60 mil-réis (60$000) a 100 mil-réis (100$000) por mês. Nos primeiros anos da República, as novas políticas econômicas postas em prática pelo Governo Provisório geraram uma significativa inflação e, por conseguinte, o aumento dos preços e salários. Na virada do século, os livros populares chegavam a ser anunciados por 3 mil-réis e 4 mil-réis (3$000 e 4$000), dependendo da edição e do número de volumes de um mesmo título. Apesar da crise financeira, os livros populares conseguiam manter os baixos preços, ou seja, em ambos os casos o trabalhador pobre tinha de gastar em média um terço, ou menos, do que ele ganhava em um dia de serviço para comprar um romance para "o povo" de sucesso, ou então, algumas poucas moedas de cem ou duzentos réis para obter um enredo de menor repercussão. O profissional mais bem qualificado possuía uma margem bem maior de gastos, podendo adquirir, ao longo do mês, bem mais de um exemplar. Apesar das diferenças, as publicações impressas de baixo custo já se mostravam acessíveis a setores sociais bastante distintos. (EL FAR, 2004, p. 85-6).

Beneficiado pela temática abordada, o romance de sensação, escrito por homens e para homens, alcançou respaldo na sociedade da época. Editores alcançaram altas cifras com tais vendas, e a literatura mais uma vez comprovou que nem sempre o que o cânone estipula é o real. Jamais os críticos e historiadores literários poderiam deixar de fora esses enredos. Quando o mencionam, é quase no espaço relegado ao rodapé das páginas de seus livros, mesmo assim em breve comentário.

A partir dessas informações sobre os romances considerados para homens, e sabendo que o enredo de *Exaltação* foi pouco recomendado para as mulheres da

época, como classificar o romance de Albertina Bertha? A questão não é propriamente classificar se o romance é para homens ou mulheres, porque essa é uma questão ínfima diante do texto em si. O que interessa é saber por que a literatura de autoria feminina é vista como menor?

Esta indagação reporta a outra autora desse período. Trata-se de Gilka Machado. Como sua poesia procura tratar da questão do erotismo, tema visto como impróprio para mulheres na época, sua obra, aliás, como quase toda a obra feita por mulheres, foi abolida dos compêndios literários. Parece que o grande problema estava em ousar falar da sexualidade, como se a mulher estivesse fora do jogo do sexo, e que realmente chega-se à conclusão que estava. Como não podia sentir o prazer, ou não devia expor esse sentimento, o que é mais sensato pensar, só lhe restava viver sob a submissão masculina. Essa punição em torno do sexo feminino já é antiga, aliás, o corpo sempre sofreu castigos por sua tentativa de mostrar-se. Como esclarece Sylvia Paixão, no livro *A fala-a-menos*:

> A sociedade sempre procurou reprimir o corpo, demonstrando medo do prazer que dele emana. Porque o corpo é a mais alta expressão de que somos seres descontínuos e incompletos, à procura da outra metade perdida. No momento em que nascemos, a união se rompe e a continuidade se desfaz. A separação e a ausência são formas de se individualizar, e nós temos medo dessa individualização que atesta a nossa descontinuidade. (PAIXÃO, 1991, p. 136).

Mais do que o medo do prazer emanado do corpo creio que o grande receio esteja no descontrole das formulações induzidas pelas instâncias sociais (igreja, judiciário). Até o século XVIII-XIX havia um claro apelo pela composição corporal ligada à idéia de família, com o par homem-mulher. A partir do século XIX, e de forma evidente no século XX, percebe-se um interesse ligado ao prazer entre os corpos, o que talvez tenha dado margens para outras possibilidades de

relacionamentos, até então acontecendo, porém escondidos, como o homossexualismo e o lesbianismo.

Eliane Vasconcellos, em seu livro *Entre a agulha e a caneta*, uma análise da mulher na obra de Lima Barreto, assim se posiciona sobre a mulher na sociedade brasileira:

> Os diferentes discursos sobre o sexo, sobre o comportamento sexual e as diferentes formas de relação entre o homem e a mulher elegeram a família como único reduto no qual ele é tido como não pecaminoso, lícito e regular, pelo menos no que diz respeito à mulher. A família passou a ser o espaço socialmente legitimado para as relações sexuais. A posição de ambos dentro desta instituição difere. Ele é um indivíduo pleno, completo: não precisa da mulher para realizar-se; ela, ao contrário, só se completa quando ligada a ele. Quando não é casada, está à espera de casar-se. (VASCONCELLOS, 1999, p. 30-1).

A pesquisadora procura chamar à atenção para as regras impostas pela realidade social. Como Albertina Bertha procurou delinear a personagem central de seu romance – Ladice – como uma mulher que, mesmo casada, busca acalmar sua infelicidade conjugal na companhia de um amante, o que para o início do século XX deveria ser considerado um absurdo, sua narrativa terminou por ser repudiada pela ousadia com que tratou da “instituição” casamento.

A inferioridade com que a mulher é tratada lembra outra autora descrita por Lima Barreto no seu *Diário Íntimo*. Trata-se de Carmem Dolores. Lima Barreto assim a vê:

> Moça, e moça circunspecta, não podendo, em obediência aos costumes, viver a vida agitada e desigual de um rapaz do seu temperamento, ela se protege no estudo e na leitura. Vive que nem um beneditino ou um solitário do Port-Royal, toda entregue às obras e às concepções. É ela, entre nós, uma das poucas pessoas que possuem um perfeito conhecimento de toda a evolução da língua francesa. A sua biblioteca é rica dos antigos documentos dessa língua, e quem a visita poderá ver além do Froissart, Villehardouin, todas as gestas do ciclo

> carolíngio, *Renaud de Montauban*, *Canson de Roland*, etc., nas edições mais autorizadas.
> Além desse conhecimento, que é valioso, Dona Carmem Dolores possui uma ciência perfeita do inglês, traduz Chaucer, como se fosse um autor dos nossos dias; e há anos que se dedica ao estudo da metafísica alemã e dos teólogos da Idade Média. É um raro tipo de autora, entre nós: bela, não é *coquette*; ilustrada, não é pedante; gloriosa, não se exibe. A sua peça – *Desencontro* – espantou a crítica nacional, pelo rigor da concepção, arrojo das idéias e louçania do diálogo, quente e nervoso.(BARRETO, 1956f, p. 138-39).

É fato a importância do nome Carmem Dolores para a literatura brasileira. O problema é que o grau de erudição da autora, conforme explica Lima Barreto, encontra uma barreira difícil de transpor no seu tempo, isto é, o preconceito que a sociedade impunha à figura da mulher. A esta praticamente só caberia o casamento, como um hábito, ou, quem sabe, ser professora primária. A mulher não participava da esfera pública, que competia ao homem.

Para se ter uma noção do preconceito sofrido pela figura feminina nas primeiras décadas do século XX basta lembrar que a própria Carmem Dolores, que já é um pseudônimo, assina também com um nome masculino. Como informa Brito Broca:

> Chamava-se na vida civil Emília Moncorvo Bandeira de Melo e iniciara a carreira literária numa *enquête* feita pelos redatores do *Almanaque do País*. Escrevera a princípio por diletantismo, depois, forçada pelas necessidades econômicas, pôs-se a desdobrar-se em colaboração permanente em jornais e revistas. Com o pseudônimo de Júlia de Castro publicara, primeiramente, uma séria de contos no *O País*. Na *Tribuna* aparecera como Leonel Sampaio, assinando artigos literários; adotara finalmente o pseudônimo de Carmem Dolores, com que se tornou conhecida na coluna *"A Semana",* de *O País*. Espírito combativo, defendera o divórcio e várias reivindicações femininas. (BROCA, 2005, p. 326-27).

Além de se aproximar de Lima Barreto na defesa do divórcio, Carmem Dolores, utilizando-se da literatura também como fonte de sobrevivência, o que faz

vislumbrar os obstáculos que teve de enfrentar, também teve de abrir mão de um pseudônimo associado à condição de seu sexo, para, utilizando um nome de homem – Leonel Sampaio – tentar se esconder da repulsão com que a sociedade tratava as escritoras mulheres.

Outro nome feminino deste período que é importante lembrar, mesmo não fazendo parte do círculo literário, por suas atuações na Biologia e no Direito, é Bertha Lutz. Mesmo com toda a sua luta em defesa da mulher, infelizmente não se encontra menção à sexualidade feminina, assunto este restrito à intimidade.

Retomando o livro de Eliane Vasconcellos, encontro a seguinte explicação:

> A presença masculina tinha importância impar na vida de uma mulher. Pobre daquela que não fosse definida em função de um homem! A mulher era tida como menor e o próprio Código Civil perpetuava-lhe esta situação, colocando-a ao lado dos relativamente incapazes: os maiores de dezesseis anos e menores de vinte e um, os pródigos, os silvícolas. Esta discriminação veio a desaparecer, em 1962, e só na atual Constituição a mulher tem seus direitos equiparados aos dos homens. Agora ela já pode ser cabeça do casal. (VASCONCELLOS, 1999, p. 133-34).

Nota-se nitidamente o tom irônico com que a Pesquisadora Eliane Vasconcellos trata a condição da mulher: Só (grifo meu) “agora ela já pode ser cabeça do casal”. Mas esse agora tem um pouco mais de quatro décadas e, a que tudo indica, precisaremos de mais tempo para, talvez, amenizar a condição feminina nesta realidade masculina. O Código Civil de 1916, escrito por homens, não poderia legar outro espaço para a mulher, a não ser o de dona de casa. A atual Constituição mencionada pela autora tem menos de vinte anos, e a condição submissa da mulher brasileira tem o tempo do nosso descobrimento. Vale lembrar que a mulher só veio a participar do sistema eleitoral, finalmente com direito de votar, em 1932.

O próprio Lima Barreto, na crônica “No Ajuste de Contas...”, no volume *Bagatelas*, publicada originalmente no A.B.C. de 11 de maio de 1918, portanto dois

anos após o Código Civil de 1916, que só veio a ser colocado “em prática” em janeiro de 1917, assim se manifesta sobre a questão do divórcio:

> Eu sou por todas as formas de casamento; não me repugna admitir a poligamia ou a poliandria; mas transigiria se fosse governo. Continuaria a monogamia a ser a forma legal do matrimônio, mas suprimiria toda essa palhaçada de pretoria ou juizado de paz. O Estado só interviria para processar e condenar o bígamo; tudo o mais correria por conta das famílias dos nubentes. Os pais é que se encarregariam do processo, hoje chamado – “papéis de casamento” – e das cerimônias que fossem do seu gosto realizar; e o Estado só saberia do “caso”, como atualmente, com o nascimento, por comunicação escrita das partes, para o competente registro. Não haveria nunca comunhão de bens; a mulher poderia soberanamente dispor dos seus.
> O divórcio seria completo e podia ser requerido por um dos cônjuges e sempre decretado, mesmo que o motivo fosse o amor de um deles por terceiro ou terceira.
> A muitos leitores parecerão absurdas essas idéias; não pretendendo convencer desde já todos, espero que o tempo e o raciocínio irão despertar neles simpatia por elas e a convicção da sua utilidade social. (BARRETO, 1956h, p. 95).

É preciso acrescentar a visão privilegiada com que Lima Barreto percebeu os problemas de seu tempo. Por ser tão convincente na sua exposição sobre o divórcio, fato que ainda hoje encontra reflexos de preconceito daquele tempo, é que Lima Barreto teve sua obra tão desprezada. Não interessava aos homens do início do século XX darem espaço para a mulher, e quando alguém toma da pena a seu favor, só merece ser repudiado.

Vale chamar a atenção para o fato de que a grande questão envolvendo a literatura de autoria feminina é o preconceito e a descrença diante dos escritos das mulheres. Hoje esta situação parece amenizada, mas no início do século XX havia quem desconfiasse que por detrás da escrita feminina havia um homem, tamanho o desprezo.

2.2 *EXALTAÇÃO:* NARRATIVA EXALTADA

> A muitos leitores, porém, parecerão de uma abundância excessiva de adjetivação, devida quiçá à influência dannunziana. Há um lirismo insóbrio! Mas é preciso não perder de vista que essa parte do livro contém justamente o delírio, as folias, as comunicações de amantes, vítimas de uma formidável intoxicação pelo amor: além de tudo instruídos, cultos e devotados pela ansiedade da realização de um tipo ético *ultra vires*.
>
> Araripe Júnior (In: BERTHA, 1916, p. 05).

É hora de verificar a relevância dos comentários feitos sobre o romance no ponto anterior. Até onde a *Exaltação* é exaltada? No estilo, na pressa com que as imagens se constroem e se destroem diante do leitor? É notório que o êxtase da narrativa de Albertina Bertha já se apresenta nas primeiras linhas do romance. Ladice está em presença de sua prima Dinah quando seu temperamento começa a ser delineado pela autora:

> – Eu sou a virgem panteísta, a sacerdotisa do sol — dizia Ladice a sua prima Dinah. – Todas as manhãs, recebo na boca essa hóstia de flamas...
> (...)
> – Vês, — e mostrava-lhe a palma da mão — aqui tenho a vertigem do azul, das alturas, da imensidade.
> (...)
> – Ah! Dinah, ter dezoito anos, este céu, esta natureza sempre verde, e um coraçãozinho que ora guarda as sombras, a melancolia dos ciprestes, ora é como um íris aberto, gritando ao sol: - mais, ainda mais! Que me será a vida? Que destino terei? – Depois de uma pausa – Com certeza, a minha vontade não prevalecerá, apesar da inteligência, e das ousadias que trago... (BERTHA, 1916, p. 09).

Além do jogo sensorial que pode ser aplicado para explicar o caráter de Ladice, a narrativa antecipa a ausência de possibilidade de decisão sobre o seu destino. A protagonista de *Exaltação* não tem oportunidade de determinar a sua vida. Tendo nascido em uma família tradicional, o próprio esposo será escolhido

pelos pais, e para esse ajuste o parceiro deverá estar de acordo com os padrões de exigência da época em que o romance é ambientado, e tudo indica ser início do século XX. Logo, cabe à mãe, a Srª de Santo Hilário, as orientações sobre o melhor partido:

> A Sra. de Santo Hilário temia as doutrinas audazes, a natureza independente, a inteligência poderosa de sua filha e a sua avidez sempre crescente, e dominadora, para os altos estudos. Senhora de costumes antigos, esforçava-se por cercear-lhe essas sementes bravias, esses princípios rebeldes, que, com certeza, a deveriam levar por descaminhos perigosos. Ansiava por transmitir-lhe, qual recebera de seus antepassados, intactos como um imóvel, uma herança, um objeto, as regras estipuladas por uma moral secular; o seu zelo exagerado então descia aos mínimos pormenores, tornando a vida de Ladice quase intolerável. Sem o saber, abafava-lhe a exuberância própria da idade, destruía-lhe o encanto máximo de toda criatura humana — a individualidade, essa vitória soberba do ser subjetivo.
> Ela seguia, de resto, os hábitos de seu tempo, do nosso meio, da educação que tivera, e, como toda pessoa carregada em anos possuía a grande habilidade de transformar entes vivos em maquinismos, em órgãos conduzidos por imperativos abstratos, em paridades submissas, amorfas...
> A sua obsessão, agora, que Ladice surgira da adolescência, era casá-la com um homem digno, de posição. A respeito do amor, a Srª de Santo Hilário conservava-se em um mutismo desolador: "com a convivência a dois, ele virá depois" — ajuntava ela às suas reflexões. (BERTHA, 1916, p. 10-1).

Mas Ladice não concorda com essa opinião. Vê no casamento a "carta de alforria" capaz de retirá-la do mundo de posturas mesquinhas a que estava condicionada. Seu primeiro momento de ruptura acontece por meio da leitura de uma revista, onde surge o texto do poeta Teófilo Fernão de Almeida, naquele momento residindo em Paris:

> Falando a respeito ao seu primo João Dalmada, que chegara da Europa, este lhe deu as informações precisas. – É um grande intelectual, de ar meigo e maneiras distintas; na sua *garçoniére* elegantíssima reúne, todos os sábados, artistas e homens eminentes; mas o seu característico principal é um romantismo extravagante. Imagina tu uma natureza instável, trabalhada por âncias múltiplas... Não descansa, viaja sempre,

> e, até às vezes, se perde em lugares exóticos... É irresistível, de resto, é adorado pelas mulheres — concluiu ele. (BERTHA, 1916, p. 12).

Bastou esta simples descrição para criar-se na mente abundante de Ladice o desejo de amar o poeta Teófilo. Deste momento em diante a personagem principal de *Exaltação* passa a viver em busca desse encontro que, conforme seu pensamento, será a contemplação de sua vida. Pelo que se nota o arrebatamento amoroso é construído pelo poema que lê na revista e pela pequena imagem criada sobre Teófilo por seu primo João Dalmada, o que já comprova uma personalidade impulsionada pelas fortes oscilações que sua vida está sujeitada. Ladice se encontra tão embebida da imagem de Teófilo que chega a registrar no seu diário, intitulado "Livro Proibido", momentos fictícios de encontros furtivos com o poeta. Sua vida, agora atormentada pela presença de um homem que nunca havia conhecido, se desdobra em sonho e ardente desejo, mesmo no campo hipotético:

> Era, porém, na tranqüilidade da noite, acordada, fitando a escuridão, meio recostada nas almofadas, que ela vivia a sua vontade dominadora, a sua emoção exclusiva: transportava-se, então, ao seu lado, acompanhava-lhe os passos, balbuciava-lhe palavras de amor, acariciava-lhe a fronte magnífica, repousava a cabeça sobre o seu ombro másculo e forte, detinha a boca junto de sua boca, como a eternidade amorosa, demente, tenaz, diante da imortalidade. E assim continuava, voltava, saboreava, repisava os mesmos pensamentos até que extenuada, adormecia. (BERTHA, 1916, p.21).

O objeto de desejo de Ladice — Teófilo — é tão idealizado a ponto da personagem se sentir ao lado do seu amante. Mas o fato é que é um amor incompleto e falho, pois o outro não é presente, fazendo parte somente da criação mental de Ladice, uma obsessão delirante, um devaneio típico de quem vive das sensações da imaginação, do encantamento.

Gaston Bachelard assim se manifesta sobre o sonho:

> O sonho da noite não nos pertence. Não é um bem nosso. É, em relação a nós, um raptor, o mais desconcertante dos raptores: rapta o nosso ser. As noites, as noites não têm história. Não se liga uma a outra. (...) Nessas seminoites o nosso ser ainda está ali, arrastando dramas humanos, todo o peso das vidas malfeitas. (BACHELARD, 1988b, p.139).

A vida mal elaborada de Ladice é transportada para o sonho, criado pela aspiração da realização com o poeta Teófilo. Mas como todo sonho, se desfaz logo que a consciência retoma o corpo.

Além de Dinah, João Dalmada é uma espécie de confidente, pessoa que tem acesso aos sentimentos e arrebatamentos de Ladice. João não só ouve como aconselha:

> João que se picava de ser fino psicólogo feminino, havendo a sua estada no estrangeiro grandemente concorrido para isso, notava as transformações porque ela passava; achava-se mais mulher, com um jogo de claro e escuro, de tons severos e corados, cheia de flexibilidades estonteantes...
> (...)
> – Mamãe sempre terrivelmente severa descobre o mal em tudo o que digo e faço... Acreditas que me proíbe de ir à janela, apesar de distar da rua três metros?
> – É risível... Não estamos mais nos tempos medievais. Teus pais laboram em um grande erro. Mais tarde, a reação pode ser violenta — acrescentou ele baixinho, como se falasse consigo. – O casamento é uma prisão, porém mais branda. Espera, filha, e alcançarás certa liberdade...
> – Ah! João, não pretendo casar-me...
> – Mas, então, mudaste de opinião?
> (...)
> – E teus pais? Eles te casarão, apesar de ti. Tenho certeza de que não agirás, desde que mostrem o máximo em te entregar ao primeiro mortal que apareça, cheio de dinheiro e de juízo...
> – Talvez. Mas, nessas condições, terei toda a irritação do sacrifício voluntário. Entendes? Se me não separar, — acrescentou ela, esmigalhando as flores — será simplesmente por causa de minha natureza, de meus princípios...
> – E a sociedade?
> – Sou dela, apenas um átomo isolado, alheio a tudo; vivo sob o meu sol, o meu único destino, meu pedaço de terra... (BERTHA, 1916, p. 24-5-6).

Como se pode notar, Ladice não pretende deixar de lado o desejo de conduzir o seu próprio destino. Mesmo diante das imposições comportamentais da época, e pode-se notar que a postura da mãe da personagem deixa entrever os procedimentos de educação exigidos dos filhos, Ladice não se acanha, e, segundo suas próprias palavras, um casamento arranjado estará condenado à separação. Quando perguntada sobre a reação da sociedade diante de sua possível separação, Ladice afirma não estar se importando muito com as posições impostas pela sociedade. Segundo a personagem, apesar de viver em uma sociedade com moldes determinados, tem suas próprias aspirações, suas próprias resoluções. Esta personalidade é pelo menos audaciosa para a época em que o enredo é ambientado.

Seis meses depois a personagem se apresenta na mesma condição extasiada:

> Durante seis meses, a vida de Ladice não sofreu alteração. Com a entrada do inverno, a estação surgira festiva, cheia de ânsias e palpitações novas, fortalecida pela calma dos passeios: os nervos, o cérebro, as sensações, após repousos prolongados, pausas estéreis, após haverem haurido frescores de montanhas, perfumes agrestes, beatitudes de vida campestre, purezas rústicas, impacientavam-se por expandir, derramar, vazar, esgotar, essa agitação, essas energias e curiosidades renascidas, cumuladas, famintas. (BERTHA, 1916, p. 33).

A excessiva adjetivação cria uma imagem da personalidade de Ladice influenciada pela natureza. O inverno, caracterizado pela pouca luminosidade e calma, parece estabelecer estreita relação com o estado nervoso da moça. Só que essa harmonia não é para o espírito angustiado de Ladice, despertando uma ansiedade que virá a se acentuar com a imposição de sua mãe quanto ao casamento com o Dr. Assis:

> Nessa tarde, à hora do jantar, a Srª de Santo Hilário, contente, interroga a filha, a respeito do dr. Assis:

> – Então, Ladice, que impressão te deixou esse rapaz tão distinto?
> – A de uma bolha de sabão, atravessada por um raio de sol...
> – Principias com as tuas hilaridades. É tempo de tomares a coisa a sério, de perderes esse mau hábito — atalhou sua mãe.
> – Deixa a menina rir, Maria — respondeu o barão: O propósito, a seriedade virá com os anos. Foi justamente esse humor álacre que virou a cabeça do advogado e de muitos outros que sei...
> – Ah! Papai — e Ladice corou.
> (...)
> – O advogado está positivamente enamorado de ti. Todo o tempo que esteve comigo, só me falou de teus predicados... (...) – Dirigindo-se a Ladice, continuou: - É um rapaz de bastante inteligência. Produziu defesas brilhantes no júri, pertence à família de consideração e rica... (BERTHA, 1916, p. 42-3).

Eis o grande interesse da Srª de Santo Hilário, aproximar a filha de um homem com condições econômicas fartas. Não há preocupação com os sentimentos de Ladice, o que está em jogo é um casamento com um homem rico, e o Dr. Assis, importante advogado, parece ser a "luva perfeita a essa mão".

As opiniões de Ladice divergem das de sua mãe, no entanto pela educação que recebeu e respeito a seus pais, só lhe cabe aceitar o destino, traçado muito mais pelas imposições da Srª de Santo Hilário:

> Semanas, meses se passavam, sucediam-se...
> Os pais da senhorinha de Santo Hilário continuavam no firme propósito de casarem-na com o dr. Assis.
> Cada vez que o advogado os visitava, a Srª de Santo Hilário, mansa, agradável, risonha, se dirigia à filha com frases, que eram ordens veladas:
> – Teu casamento agora depende de uma simples formalidade. Já o estimo como a um filho. Não poderias recusá-lo... De resto, é o desejo de teu pai, e meu...
> Ladice, pois, laborava na sua própria infelicidade, qual cúmplice consciente; fria, impassível, calcava as conseqüências terríveis que surgiriam desse ato, para sua sensibilidade extraordinária. Todas as suas volições, revoltas, forças, se encontravam, reprimidas, amarradas, vencidas pelo respeito, generosidade, temor, obediência... Ela se resignava, entregava-se, dava-se, inteira, às vontades de seus progenitores; ela caminhava para essa união tão contrária aos

> seus sentimentos, fixa, sugestionada, morta, indiferente, apática; ela se atirava para esse enlace com o dr. Francisco Everardo de Assis, angustiada, dolorosa, contrariada, mas decidida, fatal, heróica, magnífica de abnegação e resoluções. (BERTHA, 1916, p. 49-0).

Essa abnegação será seu grande sofrimento. O relacionamento de Ladice com o Dr. Assis, determinação das circunstâncias e particularmente de sua mãe, aponta, segundo suas próprias palavras, seu desgosto diante da vida. Ladice, mesmo sabendo não amar o Dr. Assis, se sujeita, provavelmente motivada pelo seu temperamento decidido, mas muitas vezes submisso ao desejo alheio, desprendido de suas vontades.

Assim, chega o dia de se iniciar o íntimo contato com o Dr. Assis, por meio de um jantar oferecido a ele. Ladice está triste, procurando afastar o seu amor pelo poeta Teófilo, mas sua atitude não passa de um mero disfarce para manter este novo momento de sua vida:

> – Ah! Doutor, um amor igual àquele nunca mais terei... Ele nos atravessa a existência uma só vez... É a penugem da papoula que o vento faz esvoaçar, e não volta mais... É o verde tenro dos rebentos, que o sol do meio dia cresta, e desbota para sempre... – Ladice sentia nos nervos a nostalgia dos crepúsculos, das horas tardas...
> – Sim, senhorinha de Santo Hilário, compreendo... Mas, em se tratando de uma alma ardente e mordida como a sua, o segundo amor será também veemente; sobretudo no seu caso... A senhora se acha diante de um fato consumado, irrevogável; dir-se-ia um não, pronunciado por Deus... (BERTHA, 1916, p. 67).

Dessa forma, se desenrola a perspectiva do relacionamento da Senhorinha de Santo Hilário com o conceituado advogado. Este aceita o fato de Ladice ter tido um primeiro amor, prometendo, inclusive, no seu convívio com ela, um amor mais completo e intenso, movido quiçá por um ardente desejo, conforme fica evidente em

trecho anterior, ainda no episódio que procurou mostrar o jantar oferecido ao Dr. Assis:

> – Sou um homem positivo, mas, ao seu lado, sob a sua dominação, desapareço, para surgir idealista, romântico, um outro eu, enfim... Reflexo, pálido, esvaído, longínquo de sua pessoa. – E, depois de curto silêncio, sério, inquiriu-lhe de repente: - Senhorinha, nunca amou?
> Tomada de improviso, surpreendida, Ladice, empalidecendo, encarou-o; as suas pálpebras se comprimiam, o seu respirar se tornava pesado.
> – O amor, na Senhorinha deve ser imenso — objetou ele, sem se perturbar, e parou, a ver o que ela respondia. Ladice, porém, permanecia calada. – Queria dizer-me, nunca amou?
> – Não sei... – E seus olhos baixaram, acompanhando os movimentos inconscientes dos dedos sobre a toalha.
> – Seja franca; sim, ou não?
> – Meu Deus, que teimosia!
> – É do máximo interesse para mim. – E os traços se lhe contraíram, para ter a calma necessária.
> – Deveras? – Ladice saboreava a sua própria soberania. Detinha-se, risonha sobre a ânsia, a expectativa ávida do advogado.
> – Por piedade; sim, ou não? — repetiu ele, baixinho.
> – Sim — balbuciou ela, levando aos lábios a taça de champanha. Na retina brilhava-lhe o triunfo da maldade, a alegria da deserção, a palpitação de uma nova surpresa, um outro futuro... (BERTHA, 1916, p. 59-0).

Logo após esse primeiro contato com o Dr. Assis, Ladice confidencia para o seu primo João Dalmada não amar o futuro esposo:

> – Se soubesse o quanto estás linda, assim, nesse vestido apertado, de melenas soltas, e garganta nua... Como te invejo o futuro noivo...
> – Não tenhas inveja... És mais bonito que ele...
> – Sim, mas serás dele e não minha...
> – Que te importa, se gosto mais de ti que dele...
> – Será possível? Então, não o amas? — inquiriu-lhe João, atônito, retendo-lhe as mãos.
> – Não, não o amo; nem terei outro amor — respondeu ela, baixando os olhos.
> – E ficas noiva nessas condições?
> – Apenas obedeço à vontade imperiosa de meus pais. Morreriam, se não aquiescesse...
> – Mas, Ladice, não poderás viver sem amor...
> – Bem sei que passarei dias insuportáveis... mas que fazer? Ah! que fazer? — e suas mãos torciam-se, agoniadas.

> – Espera. Talvez, mais tarde, encontres o teu ideal... Feliz do homem a quem amares — acrescentou ele, examinando-a.
> – Já te disse que nunca amarei...
> – Tu me repetes essa frase com tanta pertinácia, que creio teres uma paixão infeliz...
> Ladice enrubesceu.
> – Esse rubor te trai... Tenho certeza mesmo... Oh! amas alguém... Diz-me quem é!...
> – João, é um segredo que deve permanecer entre mim e Deus... não insistas...
> – Não te mereço confiança? Somos grandes amigos... quase o teu paizinho...
> – Pois bem, mas só no teu ouvido. – E Ladice, rápida, com um joelho no sofá, as mãos nos cabelos de João, boca rente à sua orelha, murmurou-lhe baixinho – É Teófilo. – E, escondendo a cabeça, ajuntou: - Não te zangues... (BERTHA, 1916, p. 71-2).

Parte dessa confissão será transmitida por Ladice ao próprio Dr. Assis. Na passagem, ela ocultará o amor por Teófilo, afirmando somente não ter condições de amar o advogado. Transcrevo o trecho:

> Nessa noite, o Dr. Assis se apresentou em casa de Ladice para pedi-la em casamento.
> Ao enfrentar a senhorinha de Santo Hilário, risonha, esguia, flamante, como um desejo agudo, ele sentiu-se perplexo, constrangido, cheio de acanhamento... Pela primeira vez, seus olhos fugiam dos olhos de Ladice, desviavam-se deles, não se animavam a se deter naqueles olhos, que pareciam misturar-se, unir-se, fundir-se, fazer uma só linha escura, brilhante, movediça...
> (...)
> – Oh! que ventura indizível vê-la sempre ao meu lado, chamá-la minha. Ser-me-á flor viva, perfume dos dias, a dona do meu corpo e da minha alma! Ah! como a vida me é dadivosa! — exclamou ele, fitando em Ladice olhos que ora lampejavam, ora eram vidrados, sem raios, sem luz...
> – O quanto é mesquinho o meu sentimento comparado com o seu... Terá em retorno apenas a minha amizade, não lhe devo esconder; seria uma mistificação. Minha consciência opina para que eu o recuse... Não será feliz. – A voz de Ladice era feita do som de todas as dores...
> – Já pesei as conseqüências... Quero-a minha assim mesmo sem amor... — interrompeu ele vivamente.
> – Não se engane a meu respeito... Sou cheia de defeitos... Creio não possuir qualidade alguma que me recomende como futura mãe de família... Adoro a paz, a solidão, as coisas estranhas... Sou extremamente independente. Gastarei os

> dias a ler, a estudar... Rio-me muito, digo tolices; mas também tenho melancolias impenetráveis, que me roem as próprias fontes da existência; é-me um mal ingênito. Peço-lhe respeite a minha liberdade, como lhe respeitarei a sua... E, o momento, doutor, em que estiver enfarado de mim, quando me não amar mais, seja franco, não recorra a subterfúgios, diga-me abertamente. (BERTHA, 1916, p. 80-1-2-3).

Contudo, o casamento comprova que o primeiro amor, o amor por Teófilo, ainda vive em Ladice. O Dr. Assis não consegue reverter o rumo do sentimento de Ladice, e esta, por conseqüência, encontra a dor:

> Há dois anos que Ladice está casada.
> Durante esses dois anos, Ladice vivera a frase de Schiller: - Ousa enganar-te e sonhar.
> Ela se entregara inteira, a esses sonhos que eram os contornos, a massa, a essência das realidades, que lhe deviam vestir o senso, o espírito; que lhe deviam estar sempre ao alcance dos lábios, das mãos, dos olhos, do perfil...
> Vivera de esperanças saídas de esperanças: todas as noites dizia: "Amanhã, terei uma surpresa..." E essa certeza sem base, frouxa, falha de raciocínio, mas, profundamente inveterada, agia dentro dela como excitante, invadia-lhe as pulsações, as energias, enchendo-as de estímulos, de vitórias..."
> (...)
> Ah, o tormento de uma vida vazia! Ah, a agonia de se falsificar eternamente! Oh, a vontade alucinante de chegar-me a Francisco e dizer-lhe: - Não sou tua; não te amo; vou para o meu amor... Os meus carinhos são feitos de caridade; são esmolas de uma bondade; são mudos, frios, mortos... Eu te não amo... (BERTHA, 1916, p. 87-8-9-101).

O segundo trecho transcrito é encontrado registrado no diário da Srª de Assis. O confidente solitário de Ladice é o amigo das horas difíceis, onde o desespero pela vida falsa e artificial encontra voz nas páginas do velho companheiro, sempre silencioso, mas receptivo.

A personalidade de Ladice é de uma pessoa sonhadora, emotiva e que se envolve no contexto da vida. Esta informação pode ser comprovada por meio da citação seguinte, quando a personagem descreve o mês de julho:

> Julho chegara; mês do inverno do nosso equador, sem frio, sem neve, sem gelo; mês de dias exuberantes, de manhãs brancas, de tardes fugazes, em que a natureza na prisão de um símbolo se rasga, se abre maravilhosa e pura, em apogeus de lírios, de eflorescências raras... mês da luz, do verdor da mocidade, da beleza; mês de frenesis, de vertigens, de brisas cantantes; mês em que a terra toda sorri em efusões de alegria, em que as flores, os arbustos, as trepadeiras se cobrem de sinfonias de beijos, de suspiros, de ternuras; em que as falenas volúveis e loucas esvoaçam, adejam, estonteadas, do asfódelo ao malmequer, do açafrão a gesta espinhosa; mês em que as laranjeiras frondosas se curvam ao peso de frutos de cor do sol, em que sazonam os lábios redondos, túrgidos, velinos; mês em que as ervilhas verdes, as favas arqueadas, as cenouras fusiformes, os legumes cheirosos nos dão vontade de beber a festividade, a alegria das manhãs, em suas folhas nervosas, alongadas, estreitas; mês em que isolada no mato, amarelece a flor do ipê, como eclosão universal, das frondes sem flores, mês em que os gaturamos, os pintassilgos, os sabiás, gorjeiam poemas de amor em berços perfumados, em côncavos de magnólias; mês em que os olhares das mulheres são parados, lentos, como se elas ouvissem palavras meigas, carícias perturbantes, em que as suas gargantas se apertam, se contraem, em que seus corações batem com mais força, sem saberem porque... Julho, mês das noites claras, sem murmúrios, sem mistérios, dos sonos sutis, leves, deliciosos, que nos não deixam acordar e que nos emprestam a sensação de repousarmos sobre as de pombas, sobre juncos dourados, em lagos sombrios... mês do ardor, da fecundidade, da reprodução da planta, da erva tenra, dos seres orgânicos... (BERTHA, 1916, p. 113-14).

Como se pode observar, a descrição transcrita é quase como um tratado sobre o mês de julho e suas qualidades. A personagem praticamente personifica julho, apontando todas as suas vantagens, aprofundando sua análise quando explica o estado de espírito das mulheres neste mês. Na visão determinista de Ladice, é como se o mês influenciasse na sensibilidade feminina, a ponto de influir no olhar, na audição e no próprio amor.

O ânimo de Ladice é recuperado com a notícia de que o poeta Teófilo se acha no Rio de Janeiro, cidade onde se passa o enredo. É através de uma festa de caridade que a mulher de nervos abalados encontra seu amante, até então

conhecido somente pelos poemas e pela imagem criada pelo seu primo João Dalmada. Chegam a conversar e Teófilo promete uma visita ao casal Assis. Dessa visita despontará o desejo indisfarçável de Teófilo, correspondendo ao amor desesperado de Ladice:

> Francisco levantou-se e foi buscar, a fim de lhe mostrar, um livro curioso, cuja encadernação datava do século XVI.
> Os dois ficaram sós... Os seus hálitos se confundiam antes de seus espíritos. Ele a achava deliciosa, com reminiscências de virgem: membros delgados, elasticidade, traços clássicos, certa ingenuidade encantadora a velar um temperamento nervoso, apaixonado, extravagante; tipo acentuado da mulher moderna: intelectualidade, erudição, sensibilidade castigada, graça espontânea...
> – Que livro estava a ler, quando entrei? — indagou ele, em um tom baixo, meigo.
> – Poemas de Edgar Poë. – E Ladice passou-lhe o volume — Conhece-o?
> – Algumas — respondeu ele, folheando-o: - É musa satânica a sua. E virando o livro, leu na margem traduzidos e fortemente sublinhados os seguintes versos:
> "Eu não sou como os outros são,
> eu não vejo como os outros vêem,
> eu não posso tirar as minhas paixões
> de uma fonte comum...
> E tudo o que eu amo, amo sozinha..." (BERTHA, 1916, p. 147-48).

Além dos versos identificarem traços de Ladice, o diálogo transcrito aponta a maneira como a Srª de Assis é vista pelo poeta, isto é, Teófilo a deseja, a vê como uma mulher à frente de seu tempo, corajosa e sensual. A partir deste encontro a vida secreta entre esses dois apaixonados inicia-se, com encontros íntimos dentro da própria residência do Dr. Assis. O adultério está consumado:

> A senhora de Assis tinha por hábito receber em seu "boudoir" as pessoas que a procuravam durante o dia. Ao ouvir o tilintar da campainha, dirigiu-se precipitadamente para o espelho a fim de arranjar os cabelos que lhe caiam, de todos os lados, em cachos, em ondas, maliciosos, enchendo-lhe o rosto dos sopros quentes, de manchas estranhas... Em seguida, endireitou-se toda, afastou-se um pouco, olhou-se novamente, sorriu ao notar que estava corada e que os olhos brilhavam

> muito... Cerrou as persianas, e... Teófilo entrou... (BERTHA, 1916, p. 156).

A familiaridade com que Teófilo circula pelo espaço da casa da Srª Assis aponta uma descontração atípica para o tempo em que o romance é publicado. O recato e a disciplina típicos das famílias burguesas são abalados pela maneira como a traição é construída no enredo. No Romantismo, o adultério também está presente, só que adulterando a estrutura familiar desajustada, como é o exemplo de *Lucíola*, que termina por se adulterar para manter o básico para sua família. O romance *Exaltação* apresenta um tom romântico que pode ser aproximado ao exagero da segunda geração romântica, fato que pode ser comprovado com o desfecho dramático da narrativa, como se pretende mostrar adiante. Por se tratar de um texto ambientado na transição do século XIX para o século XX, pode-se afirmar que foi audacioso por parte da autora traçar um caminho diferente para a personagem principal – Ladice -, que desafia a ordem imposta para o matrimônio. Como explica Jurandir Freire Costa:

> No período de ascensão do otimismo civilizatório burguês, o romantismo teve como manter sua eficácia simbólica. A projeção narcísica dos ideais de perpetuidade nos filhos e netos; a submissão das mulheres ao papel de esposa e mãe; as regras do pudor e dos preconceitos sexuais; a liberdade sexual do homem; a indissolubilidade do casamento e, finalmente, as grandes paixões utópicas e revolucionárias na esfera da política, da arte, da ciência, da tecnologia, nos séculos XVIII e XIX, contribuíram para que o ideal romântico de felicidade se conservasse simultaneamente intocado e circunscrito à área da satisfação afetiva individual. (COSTA, 1998, p. 102).

Como Ladice opta por ter a realização amorosa independente do esposo, subvertendo o sistema do casamento, estava condenada ao sofrimento, visto que o sistema social não permitia a autonomia da mulher. Esta nem sequer podia optar

pelo divórcio, tendo que manter o casamento e sua estrutura: filhos, netos, liberdade sexual do esposo.

O casamento arranjado e a infelicidade conjugal criam um ambiente propício para a busca de uma fuga que sustente a exaltação permanente na pessoa de Ladice. Este mesmo casamento é o cenário onde se desenvolve a traição. A vida política de Francisco de Assis obrigava-o a oferecer constantes jantares, o que favorecia a intensa aproximação de Ladice e Teófilo, este sempre convidado para essas reuniões. E o marido, mesmo diante de atitudes tão atrevidas, nada percebia. Francisco de Assis, nome sugestivo, parecia envolvido na humildade e abnegação típicas do santo italiano:

> – É a última noite de lua cheia. Levar-me-ás à Praia de Botafogo. Quero ver a água, o luar, as montanhas, dizia Ladice ao seu marido.
> (...)
> – Meu Deus! Como és feliz em te conservar surdo à poesia que dilacera e desvaira, aos teus apelos insistentes, contínuos, atordoantes trazidos pelas brisas... nós e ela somos elaboradas pelo mesmo mistério. Oh, Francisco, desconheces essa volúpia terrível — sentir-se a natureza... — e o seu olhar caia sobre os raios oblíquos da lua que se erguia lentamente por detrás da colina...
> De fato Francisco não penetrava muito na personalidade de sua mulher. Ele era um homem positivo de idéias bem definidas, calculadas, sólidas, estáveis, sem fantasias nem ductilidades; talvez fosse devido a uma saúde perfeita, o equilíbrio, a harmonia de sua moral. Faltava-lhe certa agitação de nervos, certa febricidade de imaginação, um sensualismo ideal místico, um sonhar incessante de loucuras extraordinárias, assim como a paixão que ardia no coração de Ladice perenemente como a vida em todo o universo... (BERTHA, 1916, p. 179-80).

Possivelmente as idéias calculadas não permitiam ver o espírito agitado de sua esposa. Esta distração torna a atmosfera adequada para a infidelidade. Além disso, há, por parte de Ladice, a capacidade de persuadir Francisco, tornando as

situações da vida voltadas para seus interesses, e o mais importante é o permanente contato com Teófilo.

Além disso, a aproximação de Ladice com Teófilo termina por mostrar o modo de ser deste. A personalidade do poeta pode ser percebida através de um passeio que fazem na Enseada de Botafogo. Todo o fulgor da sensibilidade artística de Teófilo encanta Ladice, que a cada dia se convence do seu amor pelo poeta. Transcrevo o trecho que elucida o modo de ser de Teófilo:

> A aragem agora se tornara mais fresca, mais sutil e entrava pelos cabelos de Ladice, pelas rendas do vestido. Teófilo, a seu lado, mostrava-lhe as montanhas de além, apagadas, indecisas, esfumaçadas e dizia-lhe: "Meu Deus, como eu desejava saber as reminiscências, as recordações que elas trazem em seu bojo, em seus flancos, em seu granito, dos primeiros navegantes que aportaram a estas plagas, das caravelas enfunadas, arquejantes, desalentadas, pejadas de um punhado de gentes aventurosas, épicas, guerreiras, ávidas de renome, de liças, de tesouros, de riquezas!... Montanhas, ilhas, rochedos, que fostes testemunhas dessa posse primitiva, sem resistência, infantil de quem chega primeiro e grita: é meu! Dizei-me o rancor, as imprecações, o pavor desses índios de arcos tesos, de flechas molhadas de curare, prontos a trespassar, a varar os usurpadores de seus direitos... Murmurai-me a crueldade que usaram para com elas, esses selvagens bravios, errantes, livres, que viviam a vida primeira, essa boa vida ingênua que se gasta entre uma sesta e uma caçada, sem tormentos de imaginação, nem sutilezas de moral... Indígenas impetuosos, destros, temerários, nativos de minha terra, eu vos saúdo, vós que trazeis na cor avermelhada de vossos membros rígidos e desenvoltos a flâmula ardente da liberdade, o bafo adusto de nosso sol, de nosso clima, e no negror de vossos cabelos lisos, compridos, soltos e abundantes, a virgindade estuante de nossas florestas, as sombras atrás de nossas matas... Contai-me as pelejas esforçadas, as rebeliões, bonomia dos padres da catequese, a fidalguia de Duguay-Trouin, com seus formosos cachos de ouro ainda mais crespos pelas brisas tropicais, os tambores, os pífaros, as fanfarras, os tiros de arcabuzes, de bestas, de trabucos, anunciando a chegada real de D. João VI... Quanta revelação, quanto segredo, quanta verdade quisera eu arrancar da mudez desses granitos que sentiram passar sobre o seu dorso o sopro trágico de quatro séculos, que assistiram e ainda assistem a essa agregação de centros de força, de atração e de repulsão de um povo que se

> esforça, que trabalha para o triunfo!...” (BERTHA, 1916, p. 188-89).

Por meio desta descrição, pode-se notar, ainda, que a força da imagem esteja presa à paisagem geográfica, o olhar sentimental do poeta. Teófilo utiliza-se da natureza para buscar visualizar o passado histórico brasileiro. A beleza da transcrição está exatamente nesta capacidade de tentar resgatar a história dos primeiros tempos dos europeus no Brasil. E é exatamente esta capacidade de sonhar que encanta Ladice.

Também Lima Barreto, em crônica publicada em 19 de julho de 1917, no jornal *O Debate*, procura, por meio de uma conversa com o Corcovado, trazer as imagens antigas da cidade do Rio de Janeiro. Cito parte da crônica “O que o ‘gigante’ viu e me disse”:

> Um dia destes deu-me vontade de trocar algumas palavras com o “Gigante de Pedra”. Os cariocas atuais andam muito esquecidos do seu gigante; mas eu, graças à leitura de Gonçalves Dias e outros velhos poetas, ainda me lembro muito dele.
> (...)
> Procurei conversar com o “Gigante de Pedra”, que é o númen tutelar da minha leal e heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, sobre o desembarque de forças militares de nações estrangeiras, nas plagas da Guanabara e arredores.
> O “Gigante”, um pouco aborrecido com o esquecimento em que o tem deixado a Musa nacional, não me quis responder logo; mas, por fim, cedendo às minhas instâncias e a um bom trago da água da Carioca que ele desde muito não bebia, fez-se mais cordato e me disse:
> – Ando tanto esquecido da história destas terras, onde estou desde quase a formação do Globo, que me é impossível contar todos os desembarques de forças militares estranhas a ela, desde que existo. Entretanto, meu caro senhor, vou fazer o possível por me lembrar dos que vi desde o quinhentos para cá. Era de Cristo. Ouça.
> (...)
> – Bem. Dessa época para os nossos dias, o primeiro desembarque de forças militares estranhas a que assisti, foi o das de um tal Nicolau Durand de Villegagnon. Conhece?
> – Tenho notícias.

> – Diziam-me que era um homem hábil, nauta audaz, natural da Provença, cavalheiro de Malta e, creio, sobrinho de um grão-mestre famoso, Villiers de l´Isle-Adam.
> – Que vinha ele fazer?
> – Estabelecer a “França Antártica” aqui; o que fez, ao chegar, em um cachopo, quase raso ao mar.
> – Conseguiu?
> – Espere. Transferiu a tal “França Antártica” para um ilhota um pouco mais considerável e procurou fortificar-se...
> – Não conseguiu firmar-se?
> – Como está vendo, não. Dele e dos seus companheiros, só resta o nome à ilhota. (BARRETO, 1956i, p. 179-80).

Como o poeta Teófilo, Lima Barreto nesta belíssima crônica, mais para conto, procura por meio de um diálogo com o “Gigante”, rever a história da cidade de São Sebastião. Nas duas narrativas há uma invocação às montanhas, praticamente personificando-as, para que elas esclareçam o que viram. A única diferença entre os textos comparados está no fato de Teófilo poetizar sua indagação, enquanto Lima Barreto busca não só entender o passado, mas compreender a tristeza do “Gigante”. Transcrevo mais um trecho da crônica:

> Quis disfarçar e perguntei-lhe:
> – Não viu outros desembarques?
> – Vi, vi.
> – Ele falava irritado e irritado e continuou:
> – Vi, meu caro senhor; vi este de 4 de julho último. Dois mil homens em armas, com bandeiras, tambores e música; dois mil homens de forças estrangeiras desembarcarem no meu Rio de Janeiro e serem recebidos com festas, palmas... Nunca vi isto, nunca talvez venha a ver mais...
> (...)
> Deu um suspiro e por fim me disse:
> – Naqueles tempos, meu caro senhor, não havia Estados Unidos; e o carnaval internacional não divertia todos os espíritos.
> Mais uma vez lembrei-me de Baudelaire que traduzira o grande escritor americano Poe, esquecido e desprezado pelo seu país; e refleti com o “Gigante”:
> – Não havia Estados Unidos, naqueles tempos! (BARRETO, 1956i, p. 182-83).

Lima Barreto não perde a oportunidade de lançar a sua verve irônica. Por meio do gigante personificado, o autor de *Numa e a Ninfa* aponta a presença imperialista dos norte-americanos como a causa da diversão que a cidade viveu neste desembarque de 4 de julho. Mas trata-se de uma diversão carnavalesca, o que não havia antes. A melancolia com que o Gigante retrata a interferência estadunidense na realidade global se faz sentir até hoje nas mentes daqueles poucos que conseguem vê-la.

Porém, como esta tese não tem a pretensão de analisar o poderio norte-americano na realidade mundial, retomo a análise de *Exaltação*. Assim como Teófilo convence Ladice de sua personalidade romântica e sonhadora, o poder de convencimento da Srª Assis é tão pertinaz que chega a definir o lugar onde passará uma temporada com o marido:

> – Ir para a Europa agora, não desejaria também — ajuntou ela, lentamente.
> – Si fizéssemos um passeio a Friburgo ou Petrópolis, por exemplo?
> – Petrópolis? — repetiu Ladice involuntariamente, sentindo entrar pelo corpo vida nova.
> – Sim, Petrópolis, apraz-te a idéia? Poderemos passar lá quatro meses em um "cottage" rodeado de flores e de arbustos... Far-te-á bem esta estadia nas montanhas...
> – Será uma bela digressão...
> Essa resolução alvorotou-a profundamente. Todo o resto da tarde seus pensamentos se voltaram para essa cidade que vira, ao sair da adolescência, e que tão forte impressão lhe deixara. (BERTHA, 1916, p. 222-23).

O distanciamento momentâneo faz com que Ladice se comunique com Teófilo através de cartas. Nesses documentos, às vezes longos textos, outras vezes pequenos bilhetes, Ladice expõe todo seu sentimento pelo amor recém descoberto. Transcrevo uma carta para elucidar o teor da paixão arrebatadora que envolveu esta senhora casada:

> Eu não sou mais eu mesma... Sou o teu corpo, e toda a tua invisibilidade, a tua crença, a tua paixão, o teu capricho, a tua força, o teu romantismo, a tua idéia... Trago nos olhos, os teus olhares quentes, perfumados, esses olhares que atiravam sobre mim a tua agonia, a tua sensação, o determinismo sublime de teu ser... Esses teus olhares que me imobilizam, que me fazem viver em ti com obstinação... Rio como tu ris, falo como tu falas... finjo trazer nos gestos, no meu silêncio, em minhas tendências, essa tua extravagância oriental, sombria, extraordinariamente perturbante que aprendeste com as mulheres de Constantinopla, com as gregas... Todo o mundo me diz: não és a mesma... Parece que sofreste, que gozaste muito, que viajaste, que adquiriste experiências, conhecimentos, que estudaste...
> Sorrio. Oh! eles não sabem dos esplendores que carrego no meu seio...
> Estou separada de ti, porém em ti... Recebe o beijo de minha alma... Leva-te, entusiasmo, vida, juventude, loucura, intemperança, efervescência, amor de ti mesmo... (BERTHA, 1916, p. 226-27).

E será por meio dessas cartas que João Dalmada, amigo do poeta Teófilo, descobrirá o envolvimento amoroso de sua prima:

> – Por que me motejas? Dize-me, serias capaz de passar pela vida indiferente às suas tentações, aos olhares, à admiração, à ardência dos homens? Entregarias à morte um corpo imaculado, virgem de sensações impuras, serias capaz? – Ladice não replicou, somente seus dedos empalidecidos se apertavam cada vez mais. – Oh! não me ousas responder. Tens consciência de que não és mais a Ladice que conheci, e cujo coração eu outrora segurava nas mãos como se fora um fruto, através do qual, eu via todos os sentimentos, todos os segredos pudicos... Enquanto hoje tens amores proibidos. – E seus olhos se fixavam no rosto de Ladice, satânicos, vitoriosos, selvagens...
> – Em que razão, em que provas tu te estribas? Perguntou-lhe a Senhora de Assis, indignada.
> – Ainda ontem, estiveste em casa de Teófilo.. E lá deixaste angélicas e uma carta escrita em papel almaço... – João a enfrentava resoluto, os lábios serrados.
> (...)
> – E que tens tu com isso? A minha pessoa é livre...
> – Pertences ao teu marido e à sociedade...
> – Repito-te que sou livre... Se estou com Francisco é porque quero...
> – Seria mais digno que o abandonasses...
> – Se não o faço é por piedade...
> – Se ele souber, matar-te-á...

> – Que importa... Será o meu triunfo... (BERTHA, 1916, p. 244-45).

Através do diálogo, pode-se perceber que Ladice já está completamente magnetizada pelo relacionamento com Teófilo. O que motivou a transcrição deste trecho do romance é o fato do primo João Dalmada dizer que Ladice pertence à sociedade. A mulher, muito mais que cativa do marido, estava presa aos padrões sociais impostos, e, conforme ficou explícito na fala do primo, amar um outro homem fora do enlace matrimonial correspondia em desacatar os preceitos sociais, o que poderia acabar em morte. É sabido que muitos crimes cometidos por maridos traídos terminaram impunes visto tratar-se de "lavar a honra". Em tempos nada remotos matar era permitido, desde que a justificativa estivesse voltada para a preservação da dignidade, o bem maior da imagem da família.

Conseqüentemente, depois do desdobrar dos acontecimentos, o início da estada em Petrópolis não é como o planejado. Ladice se encontra desnorteada, os sentimentos se embaralham e o sofrimento se instala:

> Havia alguns dias que Ladice subira para Petrópolis.
> Ela levara para essa cidade serrana uma alma, um corpo, dilacerados, consumidos de saudades, de impaciências, de tormentos surdos, contumazes, angustiosos, incoerentes: - a entrada de Dinah para o convento, perturbara-a, impressionara-a, quebrara-lhe a harmonia do espírito, fizera reviver-lhe no íntimo, sensações esquecidas, apagadas, cenas da Bíblia, temores, dúvidas sobre a sua salvação, remorso, impotência ante a virtude e a fidelidade violadas e perdidas... A sua excitação aumentava... ela cedia à algazarra atordoante de seus nervos, à inconsciência de sua razão... Rajadas violentas de delírio lhe passavam céleres pelo cérebro, zurzindo-o, fustigando-o, açoitando-o, tresmalhando o raciocínio, a vontade, os esforços supremos, os argumentos da convicção, arrastando-a assim, a uma crise fugaz, porém intensa de alucinação; idéias fixas, dementes, cruzavam-se terríveis, dominantes, imperiosas, absolutas, ora repetindo-lhe de contínuo: " – não és mais a mulher honesta; a cristã que sofre, que é mártir, que é pura, que tem auréola", ora impelindo-a a gritar a sua culpa, a proclamar-se pecaminosa, a fugitiva ardente que abandonara o seu Deus pelo seu amante... Era

> uma luta ingente, titânica, extenuante, que ela travava, com um inimigo feroz, duro, sanguinário, desumano, pior que a morte — a loucura... Mas a certeza de rever Teófilo, a mudança de cenário, o ar oxigenado, o verdor, a diafaneidade dessa cidade langorosa, que encima a Serra dos Órgãos como se fora uma coroa de flama, e de lirismo, começavam a revigorar-lhe os nervos abatidos, a dissipar-lhe as trevas inquietantes, a torná-la a Ladice que exulta, a amorosa triunfante, que ousa tudo por amor de seu amor... (BERTHA, 1916, p. 249-50).

O sentimento da Srª de Assis oscila entre o sagrado e o profano, mas, indubitavelmente, este último predomina sobre o primeiro. Provavelmente o sentimento sagrado veio à tona pela lembrança da prima Dinah. Como a prima estava comprometida com a vida religiosa, Ladice repensa suas atitudes e teme a punição divina. Esta dúvida remonta a pressão com que uma mulher era educada no tempo em que a narrativa é escrita, início do século XX.

Lima Barreto, na crônica "O convento", publicada na Gazeta da Tarde, em 21 de julho de 1911, por ocasião da venda e derrubada do Convento da Ajuda, localizado na Cinelândia, centro do Rio de Janeiro, assim se manifesta sobre o poder da igreja sobre as mulheres:

> (...)
> Nenhum deles se enterneceu com a próxima morte daquelas paredes; e havia tanto motivo para isso! Um convento de freiras é de alguma forma quinto ato de dramas amorosos.
> Certas vezes serviram de prisão doméstica, prisão às ordens desse juiz-algoz, o pai de família, sempre obediente aos vagos códigos de honra e a pureza da família, metendo as filhas e parentas nos conventos, quando implicava com o namorado que tinham, ou não o julgava de nobreza suficiente para a sua prosápia.
> Em outras, havia de ser voluntária a reclusão; mas, num pequenino cérebro de mulher, naturalmente esse piedoso desejo vinha de uma decepção amorosa ou de uma forte crença na indigência de sua beleza. O amor de Deus vinha após o amor dos homens; e aquelas paredes que vão ruir sob os aplausos dos estetas e anticlericais, longe talvez de estarem impregnadas de sonhos místicos, estão, talvez, saturadas de decepções, de desilusões, de melancolias, e desesperos, posso bem dizer, de revoltas bem humanas. (BARRETO, 1956h, p. 84).

Como se vê, Lima Barreto entende ser o convento uma prisão para aquelas que não se submetessem aos desejos de seus entes, principalmente a figura do pai. Mas na narrativa de Albertina Bertha, a personagem principal – Ladice – opta por transformar seu amor extra-conjugal, impossível de ser realizado plenamente, em um drama muito maior, como será explicado mais à frente.

O pouco que o romance mostra acerca da personalidade do Dr. Francisco de Assis pode ser observado através de um diálogo estabelecido entre este e Ladice:

> – Não quero destruir crenças — disse ela — apenas abolir costumes arraigados na ignorância e acobertados pela moral. Oh! se todos descessem até a luz suprema, até a essência das coisas... Como o mundo seria outro! — E os seus olhares se perdiam nos tons fuscos da tarde que desaparecia.
> – A moral na boca feminina deve merecer acatamento, respeito; é sagrada como a religião.
> – A moral — Ladice sorriu, é a veste fornecida por cada século para cobrir as convenções humanas então em moda... Ela varia como o tempo, como qualquer mulher histérica.
> – Mas, Ladice, de onde tiraste estes conceitos? Falas como uma revolucionária.
> E as suas sobrancelhas se contraíram.
> – Fui buscá-los na minha inteligência, na observação, no sofrimento, nos atos dos próprios homens...
> – São os efeitos da educação viril que recebeste... É um mal terrível, este modernismo, esta mania tola, de instruir-se a mulher, como se fora um rapaz.
> – Desejavas então que eu fosse ignorante, e que apenas soubesse ler e escrever?
> – Garanto-te que serias muito mais feliz... Perderias esse romantismo que te enferma — replicou ele, sem segunda intenção. (BERTHA, 1916, p. 256-57).

O que o diálogo demonstra é o olhar preconceituoso de Francisco de Assis diante da emancipação intelectual da mulher, preconceito, aliás, praticamente unânime na época em que o romance é ambientado. O personagem crê, inclusive, que Ladice seria mais feliz sem o conhecimento aprofundado que as leituras trouxeram para sua formação, bastando saber ler e escrever. Pela forma como diz,

Francisco vê uma vantagem considerável a mulher saber ler e escrever, o que reforça o sentimento frio que o marido tem diante da esposa.

Provavelmente este diálogo tenha despertado em Ladice a percepção da forma de pensar do seu marido, o que funciona como pretexto para manter o relacionamento furtivo com o poeta. A afronta do trato de Ladice com seu amante Teófilo também sobe a serra, se expandindo e aprofundando. Em Petrópolis os encontros furtivos permanecem, e as declarações de amor são incessantes:

> – Eu ainda não disse tudo: Há coisas em ti fugidias, que não posso fixar... A tua dor, por exemplo, quem a define? Na tua sensibilidade reverberam todos os trabalhos da humanidade e da natureza. Registras, nas sensações, mutações invisíveis, intangíveis... Perdoa-me, querida, essas lacunas involuntárias.
> Ladice um pouco mais serena, apesar das lágrimas que lhe turbavam os olhos, respondeu-lhe: - Fizeste de mim, um ser extraordinário, esquisito, soberbo. (...)
> E o teu amor Teófilo, tu o descreves de uma tal forma, que o adivinho imenso, novo, sadio, forte, terrível, irreverente, eterno, como as raízes da esperança no universo... Ah! meu Poeta, quanta magnificência tens...
> Como eu te amo! Como eu te amo... E repetindo essas palavras, ela o estreitava como uma alucinada, chorando mais, ainda mais. Eles permaneceram assim alguns instantes na meia luz e no silêncio, entrelaçados. (BERTHA, 1916, p. 263-64).

Por outro lado, o romance, ainda que de forma tímida, assinala uma inquietação frente ao desprezo do Estado com os bens arquitetônicos:

> Ao defrontar o parque Imperial, Teófilo observou:
> – Este palácio devia ser integralmente conservado como uma recordação tangível do passado.
> – É pena haverem-no retalhado, assim, sem piedade, - retorquiu Teófilo.
> – Sobretudo para nós, povo sem tradições, dono de uma história escassa em fastos – atalhou o poeta. (...)
> – Dentro de alguns anos far-se-á justiça cabal, ao reinado de D. Pedro II, como um dos mais fecundos — atalhou o deputado. Lastimo não o haver conhecido pessoalmente, residi sempre fora...
> – Vi-o bastantes vezes em festas oficiais — disse Francisco.

> – Em pequenina, passeando com a governanta, muitas vezes me acariciou os cabelos — acrescentou Ladice. (BERTHA, 1916, p. 289).

O trecho é singular, pois é um dos poucos momentos na obra onde os personagens voltam-se para o passado. Francisco aparenta ser o mais saudosista, enquanto para Teófilo há uma preocupação da preservação do bem imóvel representado pelo Palácio Imperial de Petrópolis, o que retoma o sentimento de interpretação do poeta, como no trecho transcrito anteriormente, quando Teófilo tenta entender a visão dos viajantes diante da natureza do Rio de Janeiro, especialmente o Pão de Açúcar. Ladice simplesmente destaca o fato do imperador acariciar os seus cabelos.

Quase ao final do enredo, o narrador retoma a figura dos pais de Ladice e de sua prima Dinah:

> – Admira-me que tua mãe haja deixado Paris. Ela aprecia tanto as modas...
> – Voltarão em breve. Estão atualmente em Nice, por causa do frio... Oh! João que saudades, apesar de ter sempre notícias...
> Longas pausas se seguiram.
> – E Dinah, já a viste depois de noviça?
> – Ainda, não. Há três meses que aqui estou sem descer. Ela me escreve; mas as suas cartas muito concisas só me falam do céu, da sua felicidade, da salvação eterna... (BERTHA, 1916, p.315).

Não existem por parte de Ladice grandes afinidades com seus pais e a própria prima Dinah. Esta, agora religiosa, se afasta definitivamente do modo como a Srª Assis concebe a vida; aqueles, sempre se distanciaram da filha rebelde pelos sentimentos excessivos e nervosos.

Ao contrário do que aparenta a integridade do amor de Ladice por Teófilo, o desenrolar dos fatos comprova um itinerário doloroso para a personagem principal. Em visita à casa de Teófilo, Ladice encontra uma carta de mulher:

> Querido Teófilo
> Por que me abandonas? Em vão a nossa filha te chama e os meus parentes indagam de tua ausência. Alguma “francesa” perversa te roubou a mim? Será possível que não ouças a voz da mulher que te adora e que se acha doente por causa de ti? Ah, Teófilo, lembra-te de que há 10 anos, que vivemos juntos, que tenho sido uma companheira fiel e amorosa.
> Há 6 meses que não te vejo; quase que não me escreves e quando o fazes não me respondes às perguntas... Meu Deus, que haverá? Céus, que desgraça me ameaça? Apresar dos carinhos que me prodigalizam, só desejo pelos teus. Em nome de nossa filha, vem. Tem piedade de quem te ama muito, muitíssimo.
> Um beijo da mulher que te adora.
> Rahel. (BERTHA, 1916, p. 323).

Esta correspondência despertou a angústia de Ladice. Revirando os papéis de Teófilo encontrou outras cartas que mostravam o intenso amor de Rahel, mulher de Teófilo. Inclusive, recados em letra de criança, provavelmente a filha do casal. Um telegrama recente dizia que Rahel estava adoentada e precisava da presença do poeta. Mesmo diante das evidências, Ladice ainda tem um momento de amor com Teófilo, o último encontro dos amantes.

Posteriormente a este episódio, Ladice procura, mesmo discretamente, pedir perdão ao esposo, o Dr. Assis, que nada compreende na sua atitude. Utilizando-se também de uma carta, espécie de testamento, Ladice se suicida:

> Às 9 horas Ladice disse a Francisco — Vou escrever para a Europa, não me interrompes; assim que acabar irei dormir... – E ela o beijou e abraçou-o. A Senhora de Assis entrou para a sala de estudo, fechando a porta, à chave, e tomando da pena, endereçou a Teófilo a seguinte carta:
> Meu Téo.
> A sua figurinha bizantina se vai imobilizar... Entra para a eternidade envolta em gaze, em cetim, em perfumes como a dádiva orgânica da Vida, da Natureza, à Terra faminta, à Terra escura, fria, gélida...
> Uma picada no braço e a tua Ladice já não será mais, ao receberes estas páginas que são ela, a sua boca, os seus cabelos, o seu corpo estreito e pálido, as suas invasões formidáveis, a sua agonia rubra de ti, o seu desejo que tem a profundeza, as propulsões, os desdobramentos infinitos das raízes e das frondes. Téo! O meu amor me não deixa viver...

> (...)
> Téo! Morro, morro, tendo-te em mim... (BERTHA, 1916, p. 336-39).

É este o desfecho do romance. Exaltado pela adjetivação descomedida, demasiado pelos acessos românticos da protagonista, *Exaltação* é uma narrativa temporalmente desajustada. O romance transita entre os aspectos sensuais que envolvem a atmosfera feminina no Romantismo e o jogo híbrido das sensações típico do Simbolismo. A personagem Ladice pode ser associada ao fulgor feminino que os românticos cantaram; em contrapartida, todo esse fulgor só pode ser expandido quando o jogo sinestésico se instala. Dessa mistura a autora faz despontar uma personagem feminina que, embebida no desejo profundo de permitir a fruição de seu prazer, o que só encontra passagem no sexo proibido, experimenta a junção dos sentidos para realizar plenamente sua vida. Dessa ânsia de realização pessoal, Ladice pode ser vista até mesmo como uma mulher egoísta, mas jamais se pode legar à personagem a busca incessante pela realização de seus sentimentos, de seus desejos. Albertina Bertha constrói um texto do "intermezzo", relato atrasado de outro tempo. Talvez essa coragem tenha importunado os críticos do início do século, que praticamente se abstêm de comentários sobre a obra, com exceção de Duque-Estrada e o texto do autor desconhecido publicado no Jornal do Comércio, mencionados no início deste capítulo.

Assim, se Albertina Bertha peca pelo exagero no delineamento da personagem Ladice, cumpre seu compromisso ao buscar criar um espírito cuja grande virtude é obedecer a seus desejos. E esses desejos quando afrontados, não dispensam a sua maior audácia, morrer pelo amor não correspondido na totalidade. Até o final do enredo a personagem principal, atuação central da narrativa, não vacila no esboço de suas perspectivas, mesmo que para isso tenha que cometer o

suicídio. A exaltação se faz presente do início ao fim do romance, confirmando até mesmo os despropósitos de Ladice, despropósitos que assumem o papel do propósito da autora, ou seja, criar um enredo pautado pelo nervosismo exaltado.

3 *HISTÓRIA DE JOÃO CRISPIM*: UMA BIOGRAFIA ROMANCEADA DE LIMA BARRETO

3.1 A LITERATURA DESCONHECIDA DE ENÉAS FERRAZ

> O drama de Lima Barreto sempre me comoveu profundamente. As inúmeras vezes que conversei com o grande romancista, não raro em companhia de Enéas Ferraz, Schettino, Agripino Griecco, pude observar que atrás daquele desleixo se escondia alguma coisa de muito puro, nobre, forte. Sua revolta era contra a sordidez e as aparências hipócritas da sociedade, não contra o homem. Para este, ele guardava todas as simpatias, dedicando aos humildes todo o seu amor.
>
> Di Cavalcanti. (In: BARRETO, 1997, p. 435).

José Enéas Marcondes Ferraz Filho nasceu em São Paulo, a 26 de junho de 1896. Veio muito jovem para o Rio de Janeiro, e, além da função de auxiliar de consulado, assumida em 1918, também se dedicou às Letras. Seu romance de estréia, *História de João Crispim*, é motivo deste capítulo. O livro é pouquíssimo conhecido, até mesmo por estudiosos e, segundo o próprio autor, foi escrito para cem leitores, o que leva a crer ser este o número total da única publicação feita em 1922. As obras subseqüentes do escritor foram *Adolescência Tropical*, publicado em 1934 e *Uma Família Carioca*, publicado também em 1934, ambos romances; *Crianças Mortas*, coletânea de contos de 1947; *Symphonie Enfantine*, publicado em 1970. O escritor vem a falecer em São José dos Campos em 19 de março de 1977.

Com o romance *Adolescência Tropical*, Enéas Ferraz retoma o ambiente do Rio de Janeiro como pano de fundo para sua narrativa. Trata o romance da história

do jornalista Inocêncio, que aprende a profissão por meio de empregos que vai galgando após o falecimento do pai, quando tinha apenas treze anos. O menino termina por ser criado por uma tia-avó que logo o expulsa de casa, quando passa a trabalhar em uma companhia varrendo, espanando os móveis, uma espécie de serviços gerais. Freqüenta como leitor assíduo a Biblioteca Nacional, de onde vem a colher seus conhecimentos. É preciso ressaltar que a manutenção do emprego de jornalista se dá por meio das manobras políticas que são oferecidas e aceitas por ele, o que indica parte de sua personalidade, interesseira e ambiciosa. Esta faceta do personagem é usada por Enéas Ferraz como uma crítica aos costumes da época. Além disso, em vários momentos do romance Inocêncio retoma sua infância e relembra com pesar a figura de sua mãe, morta quando ele tinha sete anos de idade. Entre um desenvolvimento e outro, o rapaz se apaixona por Florinda e passa nessa companhia bons momentos. No ano de 1918, com a gripe espanhola dizimando a população do Rio de Janeiro, Florinda vem a falecer e Inocêncio termina na solidão que praticamente pontuou toda a sua vida.

Já *Uma família carioca* trata da história de Venâncio da Silva Cardoso. Viveu parte de sua infância em um casarão em São Cristóvão. Com a morte da mãe, será criado por uma negra chamada Bibi. Depois passa a viver em um colégio interno por quatro anos, até a morte do pai. Começa a trabalhar como guarda-livros, profissão que exercerá durante muito tempo. Passa a residir em uma pensão, onde conhece Georgina, filha de Dona Sancha, dona da pensão, com que vem a se casar. Logo depois têm um filho, de nome Paulo. Nascem mais três filhas: Adélia, Lúcia e Júlia. O casal muda-se para uma casa no Engenho Velho. Vivem alguns anos no subúrbio, mesmo com os protestos de Georgina, que odiava o local. Mudam-se para São Cristóvão, Mangue, finalmente Laranjeiras. Com essas mudanças o romance termina por traçar um perfil do Rio de Janeiro, relatando seus costumes, sua gente.

Depois de muitos anos Cardoso vai embora de casa. Passa a residir em um quarto alugado no Mangue, aonde poucos dias depois vem a enlouquecer.

O livro de contos *Crianças Mortas* trata da morte na fase inicial da vida. A obra é composta por uma série de contos onde a doença, a morte prematura e os enterros das crianças são ponto alto da narrativa. O interessante é que Enéas Ferraz procurou retratar a temática da morte das crianças pautando-se na verdade dos acontecimentos, sem utilizar-se de dramas, simplesmente procurando mostrar que a morte da criança se distancia do sofrimento, visto a fase ingênua que este momento da vida proporciona. Tudo indica ter sido este o primeiro texto da literatura brasileira a tratar de tema tão delicado. Mais tarde, precisamente em 1954, Cornélio Penna retomaria o tema com o instigante romance *A Menina Morta*.

Como o texto de maior interesse para este capítulo é o romance *História de João* Crispim, procurei fazer uma pesquisa em periódicos do início do século XX, onde foi possível encontrar três críticas sobre esta publicação. A primeira, assinada por Terra de Senna, pontua o descaso da sociedade brasileira para com a leitura:

> O Sr. Enéas Ferraz é um rapaz excessivamente otimista.
> "Escrevi este livro para cem leitores" diz ele abrindo o seu prefácio.
> Ora, para um rapaz como o Sr. Enéas Ferraz , que é novo, não joga futebol, não tem a 'imbecilíssima preocupação do Brasil com S ou com Z', não é gramaticóide e nem faz caso de uma mulher bonita, a absoluta certeza dos cem leitores é um caso de excessiva boa vontade para consigo próprio, ou, então, o jovem escritor, possui realmente cem amigos colecionadores de autógrafos, o que não autoriza a ninguém a acreditar que eles, os amigos dedicados, leiam todas as 248 páginas do volume. (SENNA, 1922).

Mais adiante, o crítico já reconhece semelhanças do personagem principal — João Crispim — com Lima Barreto:

> João Crispim é um boêmio incorrigível, pernóstico imitador de Lima Barreto.

> Julga-se até, no principio da história, que o moço escritor vai descrever o autor de 'Numa e a Ninfa'. O Sr. Enéas Ferraz fez do seu personagem um proprietário de subúrbio, que tem um amigo insuportável e bebe até fazer filosofia. (SENNA, 1922).

Porém, o momento crucial do texto é quando Terra de Senna desvaloriza o romance:

> Vai assim a '*Historia de João Crispim*' pelas páginas do livro, ora monótona, ora emotiva e, de quando em quando, com fortes tiradas de dramalhão a José Oiticica, com os indispensáveis ataques à sociedade, às leis, à polícia, ao carnaval e outros poderes constituídos...
> (...)
> E pegando da pena, o Sr. Enéas Ferraz, num rasgo de independência literária, enforcou o pobre Affonso e em seguida, numa noite de carnaval, para 'fantasiar' a tragédia, atirou o pobre do filósofo sob as rodas de um automóvel, descrevendo o atropelamento, com todos os detalhes, a entrada no necrotério, inclusive, com a desenvoltura e competência de um velho repórter policial.
> Para nós, quem matou o filósofo não foi o automóvel sinistro; foi a inexperiência do Sr. Enéas Ferraz como romancista.
> Um filósofo não pode morrer sob as rodas de um veículo qualquer. (SENNA, 1922).

O episódio da morte do filósofo é utilizado pelo crítico como fator depreciador. Em momento algum há quebra de verossimilhança, até porque o filósofo estava bêbado e atravessa a avenida sem o reflexo necessário para ter a dimensão da distância do automóvel. Parece que o crítico exagera na observação, exigindo do autor uma morte condizente com a função social representada pelo personagem. Mesmo um filósofo, bêbado ou não, pode ter a infelicidade de ser atropelado por um veículo. O trânsito no Rio de Janeiro, desde o advento dos veículos mais velozes, parece ser um problema constante.

Quanto aos ataques aos poderes constituídos, creio ser um dos momentos mais pertinentes da narrativa, pois o autor, por meio do personagem, questiona as estratificações que a sociedade estabelece como rígidos critérios a serem seguidos.

O Senhor Terra de Senna afirma que o fato do autor procurar tratar dos problemas brasileiros, torna o texto um dramalhão, mas não é isso que ocorre. Há na narrativa uma manifestação expansiva contra a elite. Enéas Ferraz se utiliza do personagem João Crispim criando um discurso que procura denunciar as vantagens que sempre estão a favor de uma minoria beneficiada.

Pelo tom do texto, parece que a crítica pretende atacar muito mais Lima Barreto, utilizando-se do tom biográfico do romance, que investir contra o próprio autor Enéias Ferraz. Pelo tom combativo com que Lima militou na literatura no início do século XX, angariou muitos desafetos, e, talvez, este crítico seja mais um na lista do escritor considerado "maldito".

Por outro lado, a segunda crítica, assinada por Antonio Simples[1], além da análise que esboça acerca da ausência de leitores no Brasil, o que impossibilita o crescimento da literatura, aponta os defeitos do romance de estréia de Enéas Ferraz e as qualidades que a narrativa apresenta:

> É claro que o livro não é perfeito. Tem descuidos, tem defeitos mesmo. Mas tem muito mais qualidades. Revela-nos, para começar, uma coisa raríssima entre nós: o temperamento de um romancista, servido por uma estilística sugestiva. De sorte que, desde as suas primeiras páginas, a *Historia de João Crispim* é uma leitura que prende, que interessa, que às vezes chega a seduzir... É muito. Na juventude do Sr. Enéas Ferraz é muito! <u>E é mais ainda a coragem com que se liberta das influências da moda literária, dessa preocupação pequenina de regionalismo e de patriotada que por ai anda</u>.
> Quis e procurou fazer o seu livro, com uma honesta, com uma sincera e impávida verdade. Decorreu dessa preocupação alguns exageros, algumas *boutades*, que lhe dão, de longe em longe, um tom de polêmicas. Mas nem por isso a História de João Crispim deixa de ser um livro bom. Noutro qualquer país, em face das qualidades com que já se afirma, poder-se-ia vaticinar que o Sr. Enéas Ferraz viria a ser um grande escritor. Aqui é mister a gente limitar-se a dizer que ele é uma estréia surpreendente, no meio da geral paspalhice que nos aflige. (SIMPLES, 1922).

O que interessa nesta longa citação é o trecho sublinhado. O crítico questiona os dogmas a que a literatura está condicionada, mencionando o afastamento do autor de *História de João Crispim* desses critérios preestabelecidos. A clareza do crítico vai além das anotações dos defeitos da narrativa, observando que a maior qualidade do romance é a ousadia de criar um texto singular, afastando-se dos padrões ditados pelo momento. Esta página do Sr. Antonio Simples, ou melhor, José do Patrocínio Filho, só vem confirmar a necessidade de construção de uma escrita autônoma, com estilo individual e próprio, conforme nos ensina Bourdieu: "O verdadeiro tema da obra de arte é a maneira propriamente artística de apreender o mundo, ou seja, o próprio artista, sua maneira e seu estilo, marcas

[1] N' *A Imprensa,* onde o diretor Alcindo Guanabara escreve diariamente seu artigo político ou sobre questões gerais, podemos assinalar a colaboração de Souza Bandeira, Afonso Lopes de Almeida, Afonso Costa, *José do Patrocínio Filho*, por volta de 1911, *sob o pseudônimo de Antônio Simples*.... In: BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 2ª Edição, revista e aumentada. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1960, p. 223-24.

infalíveis que exerce sobre sua arte." (BOURDIEU, 2004, p. 111).

O terceiro texto, encontrado no periódico *A Pátria*, só vem validar a opinião de Patrocínio Filho. Segundo Bezerra de Freitas:

> Amarga, profundamente amarga e ferina é a "História de João Crispim" que o espírito desabusado de Enéas Ferraz acaba de nos contar em duzentas e tantas páginas de um realismo vigoroso, cru e exato.
> (...)
> Enéas Ferraz mete a ridículo e com muita felicidade, esse nacionalismo inexpressivo e desorientado que anda por ai em panfletos e jornais sem leitores, se bem que amparado pelos cofres do Estado.
> A "História de João Crispim" é um romance experimental e a grande virtude de Enéas Ferraz consiste nessa independência de idéias e sentimentos que fez de sua obra um documento verdadeiramente humano, profundamente sincero, forte e original. (FREITAS, 1922).

Wilson Martins, na *História da Inteligência Brasileira*, assim se manifesta acerca da obra de Enéas Ferraz:

> Tão nacionalista quanto os romances de Lima Barreto, a História de João Crispim é um estudo de costumes cariocas, com vivas críticas à sociedade da época e numa perspectiva predominantemente sarcástica; mas é o romance urbano, o que os nossos raramente são, fazendo de Enéas Ferraz, mais do que um grande escritor, o grande romancista que poderia ter sido. Ficamos lhe devendo, apesar de tudo, o único retrato verdadeiramente vivo de Lima Barreto, isto é, com a palpitação das obras de arte, como se ele fosse apenas um personagem de ficção. (MARTINS, 1978, vol. VI, p. 288).

Além de antecipar a questão biográfica presente na narrativa de Enéas Ferraz, o que será discutido adiante, Wilson Martins trata o nacionalismo como um tema profundamente pertinente na obra do próprio Enéas Ferraz e também de Lima Barreto, fato que só pode ser entendido como equivocado, pois o nacionalismo nos dois autores, como observado anteriormente pelo artigo de Bezerra de Freitas, tem fundo crítico e chega a ser visto por Lima Barreto, por meio do personagem Policarpo Quaresma, no romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, como um sonho, uma inconsistência racional que terminou por tomar todas as forças de sua existência, só percebendo o erro quando já estava condenado à morte. O crítico Wilson Martins é mais feliz quando pontua o romance como um estudo dos costumes cariocas, pois é neste sentido que o livro precisa ser apreciado pelo público leitor.

Em texto publicado em 17 de abril de 1922, Lima Barreto, por meio do jornal *O País*, escreve um artigo intitulado “História de um Mulato”, onde registra suas impressões após a leitura do romance:

> O livro do Senhor Enéas Ferraz — História de João Crispim — aparecido recentemente, apesar de umas ousadias fáceis que a sua mocidade desculpa, é obra de mérito que merece ser lida.
> (...)

> No final de contas, a estréia do Senhor Enéas Ferras não é uma simples promessa; vai muito além disso, sem que se possa dizer que seja uma afirmação, mesmo porque nós só nos afirmamos com o conjunto de nossas obras, e o Senhor Enéas Ferraz ainda pode e deve compor muitas outras. (BARRETO, 1956b, p. 92-5).

O que Lima Barreto não percebe, ou melhor, não esclarece na crítica que anotou, é a aproximação física e principalmente psicológica entre a personagem João Crispim e a sua própria pessoa. Enéas Ferraz, nutrido de profundo carinho pelo já consagrado escritor Lima Barreto, amizade mesmo, traça o seu personagem utilizando como modelo a própria vida do "Mestre", como ele tratava o autor de *Triste fim de Policarpo Quaresma*.

Esta amizade pode ser explicitada por meio de uma carta de Lima Barreto para Enéas Ferraz. Apesar de Lima Barreto, com seus 41 anos, estar escrevendo para um rapaz de 25 anos, o que explicaria a menção gentil com que o trata, o conteúdo da correspondência aponta para um interesse de Lima em ajudar o jovem Enéas Ferraz em publicar o seu livro:

> Meu caro Ferrazinho,
> Quanto à edição do teu livro, vamos fazer esse trato. Eu tenho um compadre que é quase dono de uma tipografia. A edição de um milheiro, edição modesta, não pode passar de 1.500$000. Tu arranjas quinhentos mil-réis, eu entrego-os ao compadre e fico fiador do resto, o qual tu pagarás aos poucos, com a venda do livro e como puderes. (BARRETO, 1956d, p. 239).

E tudo indica ter sido este o acordo estabelecido entre Lima Barreto e Enéas Ferraz, visto que o romance surge em 1922 publicado pela Livraria Schettino.

Além disso, há uma crônica de Enéas Ferraz, publicada no jornal *O País*, de 20 de novembro de 1922, com o título de "A Morte do Mestre" (em anexo, na íntegra, na página 179), onde dezoito dias após o sepultamento de Lima Barreto, o autor de *História de João Crispim* presta sua homenagem:

> Depois de Machado de Assis, Lima Barreto foi o único romancista verdadeiro dos últimos tempos. E, se a grande qualidade de um escritor é ser humano, ele foi maior que o criador de Dom Casmurro. Foi ainda muito mais sincero, mais natural, mais comovente, mais simples. Lima Barreto foi um grande simples. Eis porque ele foi um mestre. (FERRAZ FILHO, 1922b, p. 03).

Como se pode observar, Enéas Ferraz era um grande admirador de Lima Barreto. Seu texto em confronto com o depoimento de Di Cavalcanti, mencionado na epígrafe da primeira parte deste capítulo, comprova a forte personalidade de Lima Barreto, personalidade esta tão bem delineada pelo biógrafo do escritor, Dr. Francisco de Assis Barbosa.

3.2 JOÃO CRISPIM: PERSONAGEM INSPIRADO EM LIMA BARRETO

> Invejo — mas não sei se invejo —aqueles de quem se pode escrever uma biografia, ou que podem escrever a própria. Nestas impressões sem nexo, nem desejo de nexo, narro indiferentemente a minha autobiografia sem fatos, minha

> história sem vida. São as minhas Confissões, e, se nelas nada digo, é que nada tenho que dizer.
>
> Fernando Pessoa (In: *Livro do desassossego*, p. 54).

A idéia da biografia é o que desperta maior interesse nesta busca de interpretação do romance de Enéas Ferraz. Segundo a leitura do texto, *História de João Crispim* nada mais é do que uma biografia disfarçada de romance. Possivelmente o contato com Lima Barreto marcou profundamente a pessoa de Enéas Ferraz, a ponto de ele se utilizar das imagens reais vividas pela experiência de contato com o escritor para construir seu personagem ficcional e todo o cenário onde se desenvolve o enredo. Segundo Bergson, em *Matéria e Memória*:

> A operação prática e conseqüentemente ordinária da memória, a utilização da experiência passada para a ação presente, o reconhecimento, enfim, deve realizar-se de duas maneiras. Ora se fará na própria ação, e pelo funcionamento completamente automático do mecanismo apropriado às circunstâncias; ora implicará num trabalho do espírito, que irá buscar no passado, para dirigi-las ao presente, as representações mais capazes de se inserirem na situação atual. (BERGSON, 1999, p. 84).

E é exatamente o que acontece com Enéas Ferraz. O escritor busca na memória imagens do passado vivido, transportando-as para a sua criação, no caso o personagem João Crispim. Nesse processo muitas imagens serão retorcidas, criando um quadro diferente do original, mas com inspiração nele.

Como foi publicado poucos meses antes da morte de Lima Barreto, o romance de Enéas Ferraz antecipa os últimos e atormentados instantes de vida do escritor. As imagens que a narrativa fornece, comparadas com a biografia de Lima Barreto, são uma busca de registro que a memória de Enéas Ferraz guardou e trouxe a público por meio do personagem João Crispim de Araújo.

É claro que o delineamento do personagem João Crispim não é uma imagem integral da vida de Lima Barreto. Registrar todos os momentos da vida de uma

pessoa, por mais lúcida que seja essa memória, é impossível. Para Bachelard, forte opositor da idéia bergsoniana de duração como continuidade imediata e profunda da memória:

> Não dispomos de uma recordação substancial, positiva, unificada, que nos permitisse reproduzir uma ação destra. É preciso inicialmente pesar as recordações contraditórias e realizar o equilíbrio entre os impulsos inversos. Essas operações discursivas acidentam o tempo; rompem a continuidade de uma evolução natural. (BACHELARD, 1988a, p. 70).

Essa descontinuidade explicita-se pelo não aprofundamento das relações e imagens da vida do personagem principal do romance. A vida agitada e irregular de João Crispim, tão próxima da vida de Lima Barreto, se transforma pouco a pouco em outra vida, talvez mais compreendida pelas explicações do narrador.

Também, é preciso compreender o grau de complexidade da biografia. Por mais bem intencionada que seja, nenhum trabalho biográfico alcançará o resultado pleno de sua proposta. Segundo Dante Moreira Leite:

> Toda biografia é trabalho de interpretação e, portanto, de imaginação criadora. Por isso, nenhuma biografia é definitiva, e sempre será possível refazê-la, a partir de dados basicamente iguais, pois todo biógrafo faz viver o biografado, mais ou menos como o ficcionista faz viver as personagens de sua imaginação. (LEITE, 1979, p. 25).

A biografia não pode ter caráter definitivo porque não se apreende uma personalidade por uma única face, logo a biografia deve ser compreendida como uma face dentre as inúmeras que o sujeito pode apresentar. Na vida em sociedade as representações são imposições sutis e pouco perceptíveis. O indivíduo muitas vezes nem se dá conta do cenário e de sua atuação teatral dentro de papéis definidos sem a sua interferência. Segundo Erving Goffman:

> O primeiro ponto a ser considerado no que se refere a biografias é que assumimos que um indivíduo só pode,

> realmente, ter uma, o que é garantido muito mais pelas leis da física do que da sociedade.
> (...)
> Note-se que essa unicidade inclusiva na linha de vida está em flagrante contraste com a multiplicidade de "eus" que se descobrem no indivíduo ao encará-lo sob a perspectiva do papel social onde, no caso de a segregação entre papel e audiência estar bem manipulada, ele poderá sustentar com bastante facilidade egos bem diversos e, até certo ponto, pretender que não é mais algo que já foi. (GOFFMAN, 1978, p. 73).

Por outras palavras, com a variada disposição que a vida em sociedade tem para alterar a singularidade do sujeito, torna-se difícil pretender uma singularidade do eu. Ao que tudo indica, só há a pluralidade do sujeito que se pretende singular, restando para a biografia a contingência de captar uma tonalidade dessa pluralidade.

Diante desta exposição inicial, cabe, portanto, uma análise detalhada do romance *História de João Crispim*. Para esta empreitada recorrerei, sempre que preciso, à biografia de Lima Barreto, às crônicas, ao *Diário do Hospício* do escritor, entre outros títulos, tudo isso em busca de relatos que auxiliem na comprovação da proposta inicial, ou seja, a condição biográfica do romance de Enéas Ferraz.

Os traços psicológicos pontuados por Enéas Ferraz para o personagem João Crispim são bem parecidos com os traços que conhecemos da personalidade de Lima Barreto. João Crispim é um andarilho incorrigível, com o hábito de vagar durante toda a madrugada, bebendo em vários botequins, quase sempre na companhia do seu celibatário e solitário amigo Affonso Pina, poeta que termina por suicidar-se ao final do enredo:

> Logo ao chegar a casa, quase sempre entre sete e oito da manhã, João Crispim, segundo era seu costume, deitava-se exatamente como vinha da rua — apenas sem o chapéu e a bengala, que ele ia colocar pesadamente sobre a cômoda, a um canto do quarto; feito isso, dormia como um inocente,

> durante quatro, cinco, sete horas. Nisto consistia o traço mais metódico de sua vida. (FERRAZ FILHO, 1922a, p. 09).

Este costume metódico também acompanha Lima Barreto. Em lúcida página publicada no volume *Cemitério dos Vivos*, na primeira parte que trata do *Diário do Hospício* (Volume XV das Obras Completas), com trinta e oito anos de idade, destituído de toda a força criadora que o álcool havia consumido desde os trinta anos, o escritor confessa:

> Muitas coisas influíram para que viesse a beber; mas de todas elas, foi um sentimento ou pressentimento, um medo, sem razão nem explicação, de uma catástrofe doméstica sempre presente. Adivinhava a morte de meu pai e eu sem dinheiro para enterrá-lo; previa moléstias com tratamento caro e eu sem recursos; amedrontava-me com uma demissão e eu sem fortes conhecimentos que me arranjassem colocação condigna com a minha instrução; e eu me aborrecia e procurava distrair-me, ficar na cidade, avançar pela noite adentro; e assim conheci o chope, o whisky, as noitadas, amanhecendo na casa deste ou daquele. (BARRETO, 1956c, p. 47-8).

Enquanto Lima Barreto exaspera-se com a sua condição financeira, João Crispim tem uma vida mais digna. Para este não faltaram os bens materiais, e pode-se afirmar que esteve, após a morte dos pais, até com uma pequena fortuna que o mantinha na sua vida boêmia. No romance de Enéas Ferraz, diferente da vida de Lima Barreto, o pai morre antes de sua mãe. Esta vem a falecer três meses depois de Crispim ter concluído o curso de Engenharia na Politécnica, profissão, aliás, que não chegou a exercer. Mas o que chama a atenção é o fato de o alcoolismo incorporar-se na vida de João Crispim após a morte de sua mãe. Este mesmo sentimento de perda terrível diante de um ente querido norteia a mente do escritor Lima Barreto, apesar de ter perdido a mãe ainda criança, motivo talvez de maior sofrimento:

> Vou lhes contar uma história que talvez lhes cause ensinamento. Isto foi quando eu tinha seis anos. Meu pai tinha enviuvado e nós morávamos em uma casa muito pobre na Rua do Riachuelo. Todos os sábados, eu pedia a meu pai um tostão para dar a uma pobre velha que me ia esmolar, à porta da minha rótula paterna. Dei-lhe sempre a esmola e ela me beijava. Desses beijos, tenho eu ainda grandes saudades... Ela era velha, esquálida; mas, mesmo assim, ainda e sempre me lembrei dos seus beijos... (BARRETO, 1956a, p. 266).

Como se pode notar, a ausência da mãe de Lima Barreto é tão marcante em sua vida que ele aos trinta e sete anos de idade escreve esta crônica onde relata de maneira dramática o desejo de ter os afagos e os beijos de sua mãe, substituídos pelos da mendiga.

Por outro lado, os traços físicos de João Crispim são quase um auto-retrato de Lima Barreto:

> João Crispim era um tipo forte de quarentão; a estatura um pouco atarracada, entre mediana e baixa, flácida e pesada, fazia lembrar uma daquelas figuras de ouro escuro, de um deus chinês, maciço e gorducho, sentado entre duas colunas de um templo cheio de sombra e de silêncio. A cor, dum rosado fosco, assim como o cabelo, preto e onduloso, revelavam-lhe logo a raça mestiça. A cabeça grande, quase desproporcional; a testa larga e alta, era toda a expressão de sua fisionomia: os olhos de um castanho claro, abertos, rasgados, um tanto empapuçados pela vida irregular e agitada, tinham essa vivacidade triste e irônica dos intoxicados; o nariz era tão pequeno que passava despercebido, e o bigode preto e caído, escondendo os lábios grossos, dava ainda uma outra expressão à sua face bochechuda, onde uma barba rala e falha estava sempre por fazer; no alto, ao lado das fontes, o cabelo embranquecera de todo. A primeira vista era um tipo feio, exótico, quase repugnante. (FERRAZ FILHO, 1922a, p. 10-1).

Observe-se um depoimento de José Vieira, contemporâneo de Lima Barreto:

> Lima Barreto era de estatura acima de mediana. Rosto pequeno, mais para redondo que comprido. Menos moreno que Machado de Assis, tinha o cabelo mais rebelde. O chapéu de palha gasto que, comumente, usava, deixava-lhe no meio das têmporas uma aba de pixaim saliente se o

> boêmio demorava em ir ao cabeleireiro. Testa curta, nariz largo, boca grande, os olhos castanhos-escuros, reduziam-se pela intumescência das pálpebras, aumentada nas fugidas de casa maiores. Não o vi magro senão nos últimos tempos. Aparentava o que se diz cheio de corpo; e não o tomem por gauche de maneira. Mas vestia descuidadamente.(...) Todo mundo gostava dele. (BARRETO, 1997, p. 463).

Além da proximidade dos traços físicos entre Lima Barreto e o "personagem ficcional" de Enéas Ferraz, conforme pode ser notado por meio das duas citações mencionadas, há a maneira como ambos são vistos pela sociedade. Segundo José Vieira "todo mundo gostava de Lima Barreto". Também João Crispim é amado por todos, que o tratam com imenso carinho, valorizando o seu interesse pelos livros e lamentando sua bebedeira inveterada. Aliás, a biblioteca de João Crispim é um dado interessante da narrativa:

> Crispim, depois de enxugar a última gota do copo, abriu a porta que dava para frente da casa e passou à sala onde ele fizera o seu gabinete de estudo e a biblioteca. Como as janelas estavam abertas, todo o bom fresco da tarde entrava. Original aquelas quatro paredes de João Crispim! Havia uns oitocentos a novecentos livros, talvez mil, talvez mais. Não se sabia ao certo, nem ele mesmo. A exceção dos que estavam arrumados numa larga estante, muito simples com as suas prateleiras que iam de um canto a outro da parede e tão alta quase como o teto, todo o resto era atirado, espalhado, empilhado nos cantos, por baixo das cadeiras e até sobre a grande mesa de trabalho, tão confusa e tão desordenada que parecia desaparecer (...) (FERRAZ FILHO, 1922a, p. 13-4).

Muito parecida é a biblioteca de Lima Barreto. Só que para Lima a biblioteca funciona também como quarto de dormir, além de ter um controle maior do seu acervo, cerca de 600 volumes. Como elucida Francisco de Assis Barbosa:

> Na casa suburbana da Rua Major Mascarenhas, a Vila Quilombo, como ele próprio a chamava, "para enfezar Copacabana", a biblioteca ocupava o cômodo mais amplo. Era onde o escritor trabalhava. Os livros estavam em ordem nas estantes. Era fácil encontrá-los, seguindo as indicações topográficas do inventário da Limana. Em amarrados,

> encontravam-se os originais, rascunhos, cadernos de anotações, as cartas recebidas, as minutas das cartas respondidas, recortes de jornais etc. Em suma, quando Lima Barreto morreu, na tarde de 1° de novembro de 1922, tendo sobre o peito um exemplar da *Revue des Deux Mondes*, como que esperava alguém que se dispusesse no dia seguinte a trabalhar no acervo que havia deixado. (DOYLE, 1981, p. 14).

Também, há um outro ponto no romance de Enéas Ferraz que é análogo às imagens que temos de Lima Barreto. Trata-se do cenário onde se passa a narrativa. O Rio de Janeiro, cidade paixão de Lima, é o espaço que Enéas Ferraz escolhe para desenvolver seu texto. O autor de *História de João Crispim* localiza seu personagem entre o subúrbio e o centro da cidade. Estes dois recortes da cidade são os mesmos percursos feitos por Lima Barreto. Façamos uma visita à casa de João Crispim:

> A casa em que vivia João Crispim ficava no Méier, e a rua ainda sem calçamento, esburacada, barrenta, triste, vinha dar quase diretamente à estação. E ai, como havia mesmo um botequim à esquina, ele entrava, bebia o seu cálice, dizia duas ou três palavras amáveis ao taverneiro ou a qualquer vagabundo que lá se achasse, pagava e ia tomar muito vagarosamente o seu trem. Às vezes preferia o bonde.
> Poucos minutos depois, desembarcando na central, imergia na cidade e no vício. (FERRAZ FILHO, 1922a, p. 15).

É muito parecida com a casa onde viveu Lima Barreto, bairro do Méier, subúrbio carioca, como tive oportunidade de verificar com uma visita ao local. Di Cavalcanti em artigo intitulado “O triste fim de Lima Barreto” também fornece uma descrição:

> Teve um triste fim o grande Lima Barreto. Enéas Ferraz, me telefonara.
> – Você não vai ao enterro do Lima?
> Subi a rua esburacada do subúrbio. Ele morava em Todos os Santos. No porão da casa o pai louco gritava. Chovia muito quando saímos com o caixão pesado escorregando de nossas mãos. O vagão mortuário levou-o da estação suburbana até a Central. Lembro-me da cara branca de

> adolescente afoito de Enéas Ferraz a olhar para o caixão do seu ídolo.
> (...)
> Nunca me esquecerei do grande Lima Barreto que eu conheci já nos seus últimos anos de vida. Lembro-me dele com uma ternura imensa. Como uma caricatura dolorosa, é como se eu o estivesse vendo encostado a uma porta modesta de botequim, a sorrir para a imbecilidade anônima dos bem conformados... (BARRETO, 1997, p. 435-36).

O tom marcadamente saudoso com que o narrador transmite suas recordações revela, além de apontar para o espaço físico onde viveu Lima Barreto, um sentimento de profunda amizade entre este carioca apaixonado pelo Rio de Janeiro e o escritor considerado maldito de Todos os Santos. É notável a imagem caricatural com que Di Cavalcanti, por meio das palavras contidas nas últimas linhas da citação, constrói o Lima Barreto que ele vivenciou na intimidade.

A questão da formação também pode ser cogitada como uma imagem similar entre a narrativa ficcional de Enéas Ferraz e a vida de Lima Barreto. João Crispim, mesmo sendo filho de uma família humilde, consegue concluir o curso de Engenharia na Escola Politécnica:

> Aos vinte e três anos João Crispim concluiu o curso de engenharia; e nesse dia, à tarde, quando chegou a casa, a velha o apertou ternamente nos braços, dizendo-lhe com os olhos marejados de lágrimas:
> – Era todo o sonho de teu pai, meu filho, ver-te formado... (FERRAZ FILHO, 1922a, p. 28).

Pelo que tudo indica, parece que Enéas Ferraz tenta reproduzir a trajetória de Lima Barreto. Para isso, o escritor procura remodelar a vida real formando toda uma perspectiva nova, criando um final menos árduo. Mas, apesar de todo empenho, os dados biográficos confirmam uma outra realidade. O fato é que Lima Barreto não tem a mesma sorte de João Crispim. Quando Lima Barreto entra para o curso de Engenharia da Escola Politécnica sua mãe já havia falecido. A única permanência

está no desejo do pai de Lima Barreto em ver o filho formado. Como enlouquece, o pai do escritor não consegue vê-lo concluir o curso, até porque Lima não chega ao final, visto que após a doença do pai termina por assumir a responsabilidade da família. Assim explica o Dr. Francisco de Assis Barbosa:

> Foi no ano de 1902, pela festa de Nossa Senhora da Glória, que João Henriques enlouqueceu. A doença chegou de repente, sem avisar, como os raios em céu de abril, perturbando a paz familiar que parecia tão firmemente consolidada. O almoxarife passara o dia em preparativos para atravessar a baía e vir até o continente na manhã seguinte cumprir a sua devoção, rezar aos pés da santa.
> (...)
> Nos últimos tempos tornara-se cada vez mais taciturno. E só se expandia em raros instantes de bom humor. A lembrança de Nossa Senhora da Glória tornara-o, com certeza, comunicativo, voltando por um momento a ser o mesmo homem dos primeiros anos da vida na ilha, quando assumira o posto de escriturário das Colônias.
> No meio da noite, porém, o silêncio da pequena casa no sítio do Carico foi cortado bruscamente por gritos lancinantes que vinham do quarto de João Henriques. O almoxarife delirava. Acudiu-o incontinente o filho Carlindo (Afonso não estava em casa). Por entre as frases desconexas que proferia, percebia-se que o pobre homem, alucinado, estava possuído pelo pavor de ser preso. Era a loucura!
> (...)
> Atormentado pelo drama íntimo, o jovem estudante da Politécnica arcava sozinho com todo o peso da responsabilidade de cuidar de uma numerosa família (...)
> A sua vida como que estava em suspenso. Abandonara a Escola Politécnica. Deixara de freqüentar a Federação de Estudantes. (BARBOSA, 1988, p. 93-100).

Esses dados podem ser confirmados por meio do desabafo feito pelo próprio Lima Barreto no seu *Diário Íntimo*. Em 14 de janeiro de 1905 o escritor declara:

> Perdi a esperança de curar meu pai! Coitado, não lhe afrouxa a mania que, cada vez mais, é uma só, não varia: vai ser preso; a polícia vai matá-lo; se ele sair à rua, trucidam-no. Coitado, o seu delírio cristalizou-se, tomou forma. Pobre de meu pai! Uma vida cheia de trabalhos, de afanosos trabalhos, acabar assim nesse misterioso sofrimento que me compunge! (BARRETO, 1956f, p. 85).

Revendo a questão do amor no romance de Enéas Ferraz, percebe-se que João Crispim nutre grande apreço pelos pobres, empregados, agregados que passaram pela sua vida. Nesse ponto há uma relação facilmente encontrada com o sentimento de Lima Barreto. Quando João Crispim retorna à casa suburbana onde nasceu e viveu com seus pais, encontra Felícia, antiga cozinheira da família que recorre a Crispim em busca de proteção para a velhice avançada:

> Porém, desde esse dia, Crispim ajudou a pobre negra a viver e, seis anos mais tarde, fez-lhe o enterro e comprou-lhe até o pedaço de terra para os ossos. Foi também por ocasião dessa visita que ele resolveu tomar o Tobias, o único neto da velha Felícia.
> Tobias veio logo no dia seguinte, risonho e retinto, muito vivo, lépido como um verdadeiro símio. Tinha dezoito anos; fisicamente, aparentava mais de vinte, mais espiritualmente tinha apenas cinco. (...) Crispim ensinou-lhe os seus hábitos, as suas maneiras, tratando-o como um igual; viveram assim doze anos,... (FERRAZ FILHO, 1922a, p. 78-9).

Também Lima Barreto teve um agregado que o acompanhou desde menino. Trata-se do negro Manuel de Oliveira:

> O velho Oliveira dava-me sempre mimos. Era uma fruta, era um bodoque, era uma batata-doce assada no braseiro do seu fogão, ele sempre tinha um presente para mim. Eu o amei desde aí, e quando, há anos, o levei para o cemitério de Inhaúma, foi como se enterrassem muitas esperanças da minha meninice e a adolescência, na sua cova...
> (...)
> Havia muita coisa de singular e curioso nessa pobre alma de negro que me acompanhou durante quase trinta anos, através de todas as vicissitudes.
> Devo-lhe muito de amor e devotamento.
> Conto um pequeno fato. Quando minha família atravessou uma crise aguda; quando veio a nossa tragédia doméstica, Manuel de Oliveira chegou-se a mim e emprestou-me cem mil-réis que economizara. (BARRETO, 1956a, p. 226-27).

É nítida a semelhança psicológica entre os dois agregados. Tobias não chega a emprestar dinheiro a João Crispim, mas o convívio entre os dois transmite ao leitor a harmonia de entendimento que os envolvia. Manuel de Oliveira, vivendo

tantos anos em companhia com Lima Barreto, passa a ser uma espécie de conselheiro e amigo íntimo, desses seres que se dedicam ao outro sem nenhum interesse a não ser a amizade.

A propósito da questão da amizade, no romance de Enéas Ferraz o personagem João Crispim praticamente não tem amigos, com exceção do poeta Affonso Pina:

> Na sua vida solitária e vagabunda, João Crispim não se esquivava, entretanto, um dos melhores amigos, o único que de vez em quando lhe subia ao quarto, em plena madrugada, a curtir alguma forte carraspana de cerveja. Chamava-se Affonso Pina.
> Era um paulistano, filho de italianos, antigo acadêmico de direito na sua terra, grande inteligência, culto e maluco. Pina era também poeta, poeta excêntrico, esse outro tipo completo de nevropata, fantasista mórbido, torturado, melancólico, fazendo da vida um eterno sonho de exaltação. (FERRA FILHO, 1922a, p. 47)

Tudo indica que Enéas Ferraz tentou imortalizar no seu romance de estréia, utilizando-se da amizade dos personagens João Crispim e Affonso Pina, sua amizade com Lima Barreto. Essa busca do autor de *História de João Crispim* é uma tentativa de mostrar o contato estabelecido entre esses dois romancistas do início do século XX, apesar de Lima Barreto estar se despedindo do mundo, enquanto Enéas Ferraz começava sua carreira de escritor.

Há, porém, um momento no romance onde o narrador conta como se dá o encontro de João Crispim com a prostituta Hermínia. O que é sugestivo na passagem é o momento em que o personagem sente que Hermínia havia usado cocaína. Transcrevo:

> – Fique, Crispim, fique... Eu quero! Tire a roupa; ande, depressa! Você verá que amorzinho nós vamos fazer... Oh! A três dias que não gozo nada... É só dormindo quase dia e noite, como uma besta...
> Crispim começou a despir-se, lentamente, sem desejo, sentindo uma espécie de repugnância, e de medo, ao mesmo

> tempo, quase covarde diante daquela criança; o pobre filósofo ficava assim, sempre que sentia nos beijos dela aquele bafo forte de cocaína. Eram beijos terríveis... o contato daqueles lábios que guardavam uma frieza dormente, uma frieza estranha, uma frieza lúbrica que lhe arrepiava toda a carne... (FERRAZ FILHO, 1922a, p. 65-6).

O tom abusado para descrever o encontro íntimo, pelo menos para a época em que o romance foi publicado, acaba por passar despercebido quando o narrador explica que essa postura da prostituta se mantinha graças ao uso da cocaína. Ora, a presença da cocaína na vida brasileira, especialmente no Rio de Janeiro do início do século XX, não é nenhuma novidade. A questão é que a literatura que se exigia, ou que pelos menos esperava o público leitor "prudente" da época, não devia contemplar essa faceta da vida. Essa forma de contar os fatos pode ter sido interpretada como uma audácia por parte do escritor Enéas Ferraz, o que presumo ser uma das explicações para o silêncio com que sua obra é tratada.

A discussão mais consistente sobre a questão da cocaína e a literatura só veio a público recentemente. É com a publicação de uma seleção de crônicas, reunidas no livro intitulado *Cocaína*, que a professora Beatriz Resende traz à tona uma questão tão antiga e tão atual. Por meio do título "Construtores de paraísos particulares", explica a Professora:

> Por mais que se fale na liberalidade de uma "*belle-époque* tropical", especialmente no Rio de Janeiro do final do final do século XIX ao início do século XX, a atuação da "Liga da moralidade", a prática freqüente do empastelamento de jornais e a censura tinham como base o conservadorismo, a religiosidade e a misoginia. Na verdade, a censura e a ameaça de apreensão de livros acusados de atentar contra a moral nunca chegaram realmente a impedir a circulação de obras que podiam mesmo ter suas vendas aumentadas, transformando-se em pioneiros do *best-seller*. De alguma forma, porém, tornavam sua leitura clandestina — eram volumes que não deviam aparecer nas estantes das casas de família. Esta é a primeira forma de exclusão a que me refiro. A segunda, responsável sobretudo pela eliminação de vários dos autores aqui apresentados de nosso cânone literário, diz

> respeito à recusa imposta pela força do movimento modernista entre nós a autores que não se enquadrassem perfeitamente em suas propostas, não fizessem parte do clã. O sucesso do ideário e da estética modernista, sobretudo a partir dos anos 1930, implicou na desqualificação das propostas artísticas do momento que lhe foi imediatamente anterior, forte principalmente no Rio de Janeiro. (RESENDE, 2006, p. 17-8).

Apesar de a Professora Beatriz estar tratando de cronistas, alguns hoje conhecidos, como Benjamin Costallat, Ribeiro Couto, Théo-Filho, por exemplo, a explicação sobre o desprezo para com textos que procuravam tratar de tema tão poroso — cocaína — dá conta de mostrar os rígidos padrões com que a literatura "bem comportada" estava comprometida. O desvio dessa proposta própria para a "leitura de família" tornava o texto marginal, mesmo quando a experiência extrema do uso da cocaína podia estar associada à euforia que as mudanças trazidas pelo advento do século XX anunciavam. É por essa informação trazida na apresentação de *Cocaína* que acredito poder pensar a passagem onde o narrador de *História de João Crispim* retrata, ainda que ficcionalmente, um episódio comum na época. Se os cronistas foram banidos do cânone literário, conforme explica a Professora, que dizer de um estreante jovem e praticamente desconhecido? Como procurei apontar acima, seu nome é muito pouco mencionado.

Outro ponto convergente entre Lima Barreto e João Crispim está na cumplicidade com que exercem suas profissões: escritor e jornalista. Hoje se pode dizer que mais que um jornalista, Lima Barreto foi um etnólogo, alguém capaz de registrar os hábitos e costumes de um tempo decorrido. Mesmo assim, enquanto escritores, esses dois personagens, porque Lima Barreto termina por ser personagem de si próprio, o que é comum para quem tem sua vida tão pública, praticamente são desenhados sob o mesmo molde. Cito uma passagem do romance de Enéas Ferraz que deslinda essa imagem:

> João Crispim tinha exatamente trinta e sete anos quando assinou o seu primeiro artigo e, desde aí, ficou tido por todos, exceto por ele, como um grande jornalista. E, foi então, uma vida brilhante e rápida, que o tornou célebre em toda a parte onde chegavam os ecos das suas crônicas; mas ao mesmo tempo, Crispim era desconhecido do mundo. Para os que o conheceram de perto, era ele um grande erudito e um grande coração, para a sociedade, um homem sem família, tarado, sujo, e com alguma filosofia; para outros, simplesmente um original, um exótico, um irrisório. (FERRAZ FILHO, 1922a, p. 86).

Nesse trecho a narrativa assume tom de confissão. Por intermédio do narrador, o escritor Enéas Ferraz depõe acerca de como foi tratado Lima Barreto e sua obra. É um testemunho esclarecedor que procura enfatizar a existência do autor de *Clara dos Anjos*, o que também confirma a definição dada inicialmente, ou seja, o fato de *História de João Crispim* ser uma biografia romanceada de Lima Barreto.

Mas o ponto alto do romance *História de João Crispim* é quando o personagem João Crispim é internado no hospício:

> Era fantástica a sua vida durante essas crises. Cinco, seis, sete, dez dias, ninguém o via mais no jornal, e esquecido de voltar a casa, vagabundeava todo esse tempo pela cidade, sem despir-se uma só vez sequer, sem um banho e sem mesmo um pouco de água no rosto, quase sem comer, quase sem dormir, imundo, barbudo, enxovalhado, bêbado, um louco perfeito, cuja única maldade era parar nas horas intensas do dia, a cada esquina e a cada botequim, sorrindo e discursando aos transeuntes, e, à noite pelas ruas desertas e caladas, ir monologando para si próprio as coisas estranhas e talvez profundas que lhe rolavam no espírito e na alma... (FERRAZ FILHO, 1922a, p. 93-4).
> Na tarde desse mesmo dia, alguns amigos souberam que a polícia, como medida preventiva, havia recolhido o pobre João Crispim ao Hospício Nacional. (FERRAZ FILHO, 1922a, p.101).
> – Quando saíste do hospício?
> – Hoje de manhã.
> – E que tal aquilo?
> – Bom. O Moreirinha é um sábio amável!
> – Que Moreirinha?
> – O Juliano Moreira, o diretor! Bom tipo aquele. E bom de ciência, ciência de verdade, da legítima, nada de elegâncias e farofas de médico literato. (FERRAZ FILHO, 1922a, p. 118).

É curioso observar como o personagem João Crispim lembra Lima Barreto. Este também esteve por duas vezes internado no hospício, momentos onde o alcoolismo o tomava por completo e o escritor mergulhado em crises onde passava semanas vagando pelas ruas era finalmente recolhido no “casarão da Praia da Saudade”, como ele próprio tratava o Hospício Nacional. Pela segunda vez em que esteve internado, por ocasião de uma crise nervosa ocorrida no natal de 1919, Lima Barreto conheceu Juliano Moreira:

> Na Segunda-feira, antes que meu irmão viesse, fui à presença do doutor Juliano Moreira. Tratou-me com grande ternura, paternalmente, não me admoestou, fez-me sentar a seu lado e perguntou-me onde queria ficar. Disse-lhe que na Secção Calmeil. Deu ordens ao Sant’Ana e, em breve, lá estava eu. (BARRETO, 1956c, p. 38-9).

No que diz respeito às imagens entre o enredo de Enéas Ferraz e esta anotação no *Diário do Hospício* feita por Lima Barreto, não há dúvidas da proximidade entre essas duas consciências. O mesmo sentimento de admiração e carinho com que Juliano Moreira nutre a amizade de Lima Barreto é estendido para o personagem João Crispim. Certamente Enéas Ferraz conhecia bem toda a vida do célebre escritor, e por conseqüência sabia da sua estada no hospício e do convívio de Lima Barreto com Juliano Moreira. Estes fatos são reproduzidos no romance, com João Crispim vivendo a mesma experiência do Lima, como se fosse um alter ego, bem parecido com os modelos criados por Fernando Pessoa.

O tema da criança também faz parte da narrativa de Enéas Ferraz. Logo após sair do hospício, João Crispim desce do bonde em Copacabana, sem reconhecer onde estava, passa a admirar um grupo de meninos que brincam na areia:

> Quando o bonde parou no ponto terminal da linha, saltou, olhando muito para os lados, quase em transe de abordar alguém para perguntar que bairro era aquele. Mas, como estava mesmo parado em frente ao bar-restaurante do Leme, Crispim entrou e atravessando lentamente veio sair na avenida da praia;...
> (...)
> Um pouco mais adiante ele se deteve a olhar uma pirâmide de areia que três garotos levantavam numa algazarra alegre e entusiasta; e em volta deles, muito assanhado também, corria-lhes um grande cão felpudo e sujo, a língua de fora, cansado e satisfeito; eram todos amigos modestos e cada um tinha a sua idade;...
> Crispim, no seu amor pelas crianças, parado a alguns passos do grupo, contemplava-o com o seu bom sorriso; os petizes que já lhe havia dado pela presença, sorriam-lhe também, fingindo por continuarem a pirâmide com orgulho e interesse; e enquanto um cavava a areia do chão, o outro engrossava o monumento, e o terceiro, correndo a todo instante para o mar, voltava rapidamente com a mão em concha vazando a água que devia umedecer e solidificar aquele trabalho;... (FERRAZ FILHO, 1922a, p. 104-05).

Como se pode notar o trecho transmite uma determinada emoção, talvez não somente pela descrição envolver crianças, mas pela maneira como o narrador dispõe a cena. João Crispim é um mero observador da brincadeira em que as crianças estão entretidas. Ao observar transmite ao leitor esse momento espontâneo da vida, o momento onde a inocência ainda não foi maculada pela perversidade das receitas do bem viver social.

Lima Barreto, na crônica “Um domingo de Páscoa”, publicada no volume *Coisas do Reino de Jambon*, na parte que recebeu o nome de “Mágoas e sonhos do povo”, assim se manifesta sobre o tema da criança:

> De noite, pelas primeiras horas de treva, quando me recolho a casa e subo a ladeira que é a rua em que ela está, se encontro crianças, brincando de roda, eu me lembro dessa passagem do extraordinário Wells.
> Durante as cinco ou seis horas que passei no centro da cidade, tudo o que conversei, tudo o que ouvi, tudo o que percebi nas fisionomias estranhas, foram graves preocupações. Não são já de dinheiro, não é tanto o maximalismo que amedronta os pobretões, não é também a fórmula Rui-Epitácio que abala o

> povo e faz cansar os lindos lábios das mulheres. Meu pensamento vem pejado de questões importantes, algumas para mim unicamente, e outras para os meus descendentes, que não terei.
> Subo a ladeira e logo dou com uma roda de crianças a cantar:
> Ciranda, cirandinha!
> Vamos todos cirandar!
> Vamos dar a meia-volta,
> Volta e meia vamos dar!
> Para ouvi-las, paro um pouco, e, continuando a voltear, as meninas e infantes emendam:
> O anel que tu me deste
> Era vidro e se quebrou;
> O amor que tu me tinhas
> Era pouco e se acabou!
> Parado ainda, considero aquela dúzia de crianças de várias origens e diversa pigmentação, pondo-me a pensar na importância de tanta coisa fútil que me encheu o dia, para as quais devia ter o transcendente desprezo e a superior despreocupação que aquela meninada tem e manifesta com seu brinquedo pueril e inocente.
> No domingo de Páscoa, na sessão que as crianças me deram de seus brincos peculiares, há uma cantiga que é própria para desafiar a paciência de um sábio investigador, a fim de explicar-nos o seu sentido e objeto. Trata-se do "Sambalelê", cujo texto é assim:
> Sambalelê está doente,
> Está com a cabeça quebrada;
> Sambalelê precisava
> Uma dúzia de palmada
> O estribilho, que é acompanhado de palmas e sapateados, diz assim:
> BIS. Pisa! Pisa! Pisa! Ó mulato!
> Pisa! Pisa! Pisa! Ó mulato! (BARRETO, 1956g, p. 257-58-60-61).

Parece-me que a cantiga sofreu algumas adaptações. No estribilho mencionado na minha infância, se não me falha a memória, se ouvia: "Samba, samba, samba oh lelê; samba debaixo da saia oh lalá", cantado duas vezes, em forma de bis. O que é pertinente na extensa citação é o lirismo com que Lima Barreto descreve este momento da brincadeira de rua das crianças. Nessa crônica fica nítido o trabalho de etnólogo que o escritor executa, tomando nota de uma prática banal nas relações infantis, registrando, inclusive, as letras das cantigas de

rodas. E é nesse tom lírico que vejo uma aproximação do texto de Lima com o texto de Enéas Ferraz.

Também a imagem da cidade do Rio de Janeiro é um forte registro no romance *História de João Crispim*. Veja essa descrição sobre o subúrbio:

> Lembro-me ainda de certas coisas, já faz tempo, num baile de pretos, no subúrbio, e ao qual eu fui por simples gentileza, isto é, para não parecer orgulhoso a tal gente que nós outros chamamos os pobres, os simples, os honestos, essa mesma gente que trabalha de sol à sol e que às vezes não tem o que comer; depois, um convite desses na minha vida é coisa natural. Nesse clube, pois, e que ainda existe — Flor do Encantado — em lugar de encontrar essa gente dos dias comuns, essa gente honesta, crente, analfabeta e que passa doze horas sob a canga do trabalho, que vi eu?
> Que diferença, que metamorfose, Santo Deus! Tinha diante de mim todo um mundo de epiléticos que se atirava a uma dança nervosa e sensual, os corpos muito chegados, muito comprimidos, onde os gestos, as gargalhadas, as mímicas, as expressões, os ditos, os desejos disfarçados, morriam confundidos naquele sapateado. (...) (FERRAZ FILHO, 1922a, p. 120).

Esta passagem faz lembrar o carnaval carioca realizado dentro das quadras das Escolas de Samba. Como no tempo em que o romance foi escrito não havia a agremiação como concebemos hoje, a cena apresentada por Enéas Ferraz parece ser a visão primeira deste espetáculo tipicamente carioca.

Como Lima Barreto, Enéas Ferraz não deixa passar incólume a imagem da Baía de Guanabara, sempre lembrada pelos escritores. Transcrevo um trecho:

> Vagarosamente Crispim chegou à Lapa. Para os lados do mar, no horizonte, o céu com um fundo rajado de vermelho recortava a silhueta azulada dos montes, e no mar, onde passava deslizando a luz trêmula de alguma falua retardada, havia o reflexo desse céu maravilhoso das manhãs tropicais. Crispim, parado a uma esquina do Passeio Público, contemplava por entre galhos de árvores e bondes que passavam, o pequeno recanto da baía. (FERRAZ FILHO, 1922a, p. 170).

Veja-se como Lima Barreto, no *Diário do Hospício*, trata a Baía de Guanabara:

> O hospício é bem construído e, pelo tempo em que o edificaram, com bem acentuados cuidados higiênicos. As salas são claras, os quartos amplos, de acordo com a sua capacidade e destino, tudo bem arejado, com o ar azul dessa linda enseada de Botafogo que nos consola na sua imarcescível beleza, quando a olhamos levemente enrugada pelo terreal, através das grades do manicômio, quando amanhecemos lembrando que não sabemos sonhar mais... Lá entra por ela adentro uma falua, com velas enfunadas e sem violentar; e na rua embaixo passam moças em traje de banho, com as suas bacias a desenharem-se nítidas no calção, até agora inúteis. (BARRETO, 1956c, p. 38).

A similitude entre os escritos dos dois autores é evidente. Como Enéas Ferraz foi um grande admirador de Lima Barreto, o que leva a crer ter sido ele um leitor do escritor falecido precocemente — Lima Barreto morre aos 41 anos — penso que o próprio vocabulário, como a palavra "falua", além da imagem como um todo, tenha impregnado o autor de *Crianças Mortas*.

Ainda, a situação de semelhança entre o personagem João Crispim e Lima Barreto alcança até mesmo a crítica diante dos escritores inescrupulosos, cavadores de fama fácil. Lima Barreto foi totalmente contra esses homens que, segundo ele, não tinham a capacidade de transpor para o texto a autêntica imagem da alma brasileira. Observe a pintura que Lima nos fornece da escrita de Coelho Neto:

> O Senhor Coelho Neto é o sujeito mais nefasto que tem aparecido no nosso meio intelectual.
> (...)
> Os estudos do Senhor Coelho Neto sempre foram insuficientes; ele não viu que um literato, um romancista não pode ficar adstrito a esse aspecto aparente de sua arte; ele nunca teve a intuição de que era preciso ir mais além das antíteses e das comparações brilhantes. (BARRETO, 1956b, p. 189).

Da mesma maneira o personagem João Crispim compõe sua visão sobre os escritores do seu tempo. Em comunhão com as idéias de Affonso Pina, seu amigo poeta, o personagem principal do romance de Enéas Ferraz, quase que fotocopiando o pensamento de Lima Barreto, transmite a seguinte opinião:

> Mas o pasmoso, o inacreditável, dizia Affonso com um brilho de cólera nos olhos.
> – É que esse idiota escreveu e publicou o livro! Vê tu o que é o dinheiro!
> – Qual o título da coisa?
> – Bananas do sertão da minha terra! E entre parêntesis: romance nacionalista.
> – Bananas! Pobre literatura brasileira! Fez o filósofo gargalhando. (FERRAZ FILHO, 1922a, p. 137).

O tema da morte desponta no romance quando o poeta Affonso Pina decide dar cabo à sua vida. Por meio de uma carta ao seu amigo João Crispim, o poeta comunica sua decisão:

> Enfim, vou-me da vida, mas não sei para onde. Quem é que sabe lá onde fica esse céu e esse inferno? Eu não sei, e é justamente a incerteza da jornada que me faz partir, tal é a minha descrença, tal é a minha desilusão. Talvez que se tivesse a certeza do céu ou do inferno... Ora, já não me vale mais nada argumentar.
> E, agora, cá vai o último pedido, velho e querido Crispim: como deverás receber esta carta amanhã logo cedo, corre imediatamente aqui para o meu quarto, contempla-me um instante e avia-te: guarda alguns destes bons livros que me deram os melhores momentos da vida, põe o resto dos meus cacarecos fora e despacha-me para aquela fria mesa do necrotério, onde tu me pagarás o enterro, assim como me pagaste tantas vezes os cigarros e a cerveja, velho e magnânimo Crispim. (FERRAZ FILHO, 1922a, p. 198-99).

Logo em seguida, João Crispim se depara com o dramático quadro do amigo pendurado enforcado em uma estante:

> João Crispim, fazendo dois passos indecisos, parou adiante, tirando lentamente o seu chapéu, o corpo um pouco curvado, os braços caídos, pálido, conservando sempre o olhar no rosto do seu amigo. — Ao fundo do quarto, numa pesada estante de quase três metros de altura, Affonso pendia enforcado.

> (...)
> Ficando só, Crispim começou a observar ligeiramente o pobre quarto do poeta: havia muito simplesmente aquela estante cheia de livros, livros sobre uma pequena mesa ao centro do quarto, a cama de ferro ainda feita mas amafanhada, como se ele tivesse se deitado ali algumas horas antes, uma cadeira com a sua roupa de casimira e, como um único ornamento naquelas paredes frias e nuas, o retrato da mãe junto à cama;... (FERRAZ FILHO, 1922a, p. 203).

Antes do romance de Enéas Ferraz apresentar os últimos instantes da vida de João Crispim, é preciso rever a passagem onde o escritor aponta as características do carnaval no Rio de Janeiro. Transcrevo:

> Outra vez chegou o carnaval. Era na véspera, o grande sábado de Momo:
> (...)
> Às onze horas o filósofo saltava de um bonde na praça da Bandeira, cheia ainda de povo naquele sábado de carnaval.
> (...)
> João Crispim parado sobre a pequena plataforma dos bondes, sentia em volta o povo que se acotovelava, num delírio confuso; em plena orgia carnavalesca, em pleno bacanal, em pleno satanismo. Era um espetáculo brutal de volúpia. Toda essa massa compacta, gente de toda a casta, mulheres e homens, velhos, crianças, negros musculosos e sátiros, mendigos e prostitutas, ladrões e virgens risonhas, leprosos e assassinos, cafetões e gorduchas mamães, tudo isso se entrechocava familiarmente, face a face, ventre com ventre; tipos repugnantes colavam ao seio de uma menina; uma outra sentia um sujeito lhe cavalgando as traseiras, os bigodes roçando-lhe as orelhas; (...) Era uma batalha onde todos se procuram mutuamente excitar,... (FERRAZ FILHO, 1922a, p. 223-24).

A morte de João Crispim é anunciada pelos últimos dias angustiados com que ele passa a viver. Sentindo que suas forças vitais se extinguiram na vida imprópria das noitadas infindáveis em companhia do álcool, o personagem chega ao arrependimento, mesmo sabendo ser tarde demais para recompor o que o tempo havia consumido:

> Durante muitos anos, as duas únicas horas que João Crispim tinha de plena consciência, eram as que se seguiam logo que se acordava. Mas, só ultimamente, sentindo os anos

> a fugirem e tudo em volta a mudar, desde os homens até as ilusões, toda a sua cisma era para essa vida irregular, perdida, intoxicada, inútil, vida vazia, solitária, vida vagabunda, vida sem uma afeição, sem um amor, sem uma mulher, vida que ele tinha levado pelas tabernas e pelas ruas. (FERRAZ FILHO, 1922a, p. 220).

De modo equivalente, Lima Barreto passa seus últimos instantes de vida. Distante dos poucos amigos, sentindo dores por todo o corpo, aos cuidados da única mulher que o amparou por toda a vida, sua irmã Evangelina de Lima Barreto, a quem o escritor se confessa no leito de morte: “Quero que me perdoe tudo o que fiz. A minha vida...” (BARBOSA, 1988, p. 275).

O perdão a que Lima Barreto se refere é pela vida desregrada, entregue ao vício que o acompanhou sempre, preocupado constantemente com a condição de sua família e de seu pai desequilibrado mental. E foi o mesmo vício do álcool que destruiu João Crispim, levando-o para a morte, que terminou por passar despercebida de toda a cidade que assistia ao vigor do carnaval carioca:

> Então, no meio daquela caminhada solitária e vagabunda, talvez cansado, talvez com mais sede e mais desejo de álcool, João Crispim, parando de repente sobre a calçada, pôs a olhar para o outro lado da Avenida, seguindo um bonde vazio que passava. (...) E, quando dos lados da cidade, longe, uma luz verde apontou, pondo um grande reflexo que tremia sobre o asfalto escuro da Avenida, o filósofo que nada enxergava, vacilou um minuto nas pernas e desceu a calçada para atravessar; avançando dois passos a sua figura se iluminou ao foco verde e forte do automóvel, já bem perto, buzinando através de uma carreira vertiginosa e desenfreada; Crispim como que despertando do seu torpor ao zumbido daquela máquina que se aproximava, todo ele verdemente focalizado pela luz, cego, vacilou outro segundo, já então nervoso, cambaleando, como se não pudesse recuar nem avançar. Quando pode correr, o automóvel passa, enrola-lhe as pernas e atira-o a distância, quase junto ao meio fio da calçada, sob a sombra de uma grande árvore. (FERRAZ FILHO, 1922a, p.235).

Como se não bastasse esse triste desenlace, ainda em pleno carnaval o corpo de João Crispim permanece exposto em uma vitrine que havia no necrotério. Pelo que a narrativa indica, esta exposição era a maneira usada para tentar encontrar os parentes ou amigos que, porventura, passassem por aquela rua e pudessem providenciar o sepultamento. Transcrevo o trecho:

> Ao fundo, sobre o estrado da geleira, lá estava João Crispim, sentado muito serenamente numa cadeira. Era tão natural que parecia viver. Dir-se-ia que estava ali a pousar, ou então, esperando a hora para iniciar alguma conferência. Era espantosa a sua naturalidade. (...) E era o mesmo corpo pesadão, obeso, meio atarracado, caído um pouco para a frente, a roupa um pouco enxovalhada, e todo ele sujo, poeirento, amassado, a mesma barba por fazer manchando-lhe as bochechas rosadas, o bigode triste e caído escondendo o mesmo sorriso sutil e irônico, apensas agora parado a um canto da boca, um pouco lívida apesar da maquiagem; era o mesmo olhar bondoso e pensativo, brilhando sob a larga aba do chapéu, o seu extraordinário chapéu. (FERRAZ FILHO, 1922a, p. 243-44).

Lima Barreto tem o seu desenlace mais suave. O escritor morre em casa, estava protegido do ambiente da rua que o seduziu e contribuiu para sua ruína. Porém não estava distante do ideal de justiça que sonhou para o Brasil. Estava lendo uma importante revista francesa, sempre preocupado em atualizar-se com as informações do mundo:

> Lima Barreto sentara-se na cama, enquanto Evangelina dispunha a bandeja no travesseiro, que havia colocado sobre as pernas do doente. Uma hora depois, retornando ao quarto, encontraria o irmão morto. Continuava sentado, abraçado a um volume da *Revue des Deux Mondes*. (BARBOSA, 1988, p. 275).

Todos esses aspectos são inferências que mostram o quanto há de biográfico neste romance de Enéas Ferraz. João Crispim manteve sempre a mesma forma de ser, do início ao fim da narrativa, na presença do pai, da mãe, do amigo

Affonso Pina, do negro Tobias, ele foi o mesmo homem simples e de observações honestas:

> Crispim guardou sempre um traço comovente e raro: - o coração simples, bondoso, um pouco ingênuo; dai essa feição paternal e protetora que ele oferecia no seu tipo de eterno borracho, o discursador notívago das madrugadas, o filósofo vagabundo das ruas, o amigo anônimo dos humildes, o companheiro paradoxal de todos os beberrões, o rato sutil das livrarias, o incorrigível contador de histórias. (FERRAZ FILHO, 1922a, p. 37-8).

Osman Lins, em artigo publicado no Jornal do Brasil de 13 de maio de 1976, "Lima Barreto: um cronista que não silenciou sobre o seu tempo", um dos textos mais pertinentes sobre o autor, escreveu:

> Ele esteve sempre, invariavelmente do mesmo lado. Sóbrio, obscuro, amanuense da Secretaria de Guerra, na posse do seu juízo, caindo de bêbado nas ruas, jogado no hospício, aposentado, com quatro níqueis no bolso, sem tostão, com o pai doido em casa, são, enfermo, devendo dinheiro, com alguma esperança ou totalmente desesperado, ele sempre esteve ao lado da justiça, da paz, da liberdade, da verdade, dos oprimidos, dos violentados, e nunca, um minuto só da sua vida, pôs a sua pena a serviço de nenhuma causa iníqua. (LINS, In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 de maio de 1976. Caderno B, p.04).

Assim, acredito que o romance de Enéas Ferraz seja mais um instrumento para que os interessados por Lima Barreto ampliem suas percepções sobre o romancista do subúrbio. Sem desmerecer a autorizada biografia do Dr. Francisco de Assis Barbosa, *A vida de Lima Barreto*, que só aparece em 1952, portanto trinta anos após a publicação do romance *História de João Crispim*, é bem vinda a hora de afirmar a necessidade de pensar a vida por meio da própria ficção, caminho que pode contribuir com a própria biografia. Como ensina Dante Moreira Leite:

> O biógrafo está numa situação bem diversa da enfrentada pelo ficcionista. Este, na maioria das vezes, cria as situações capazes de revelar o seu herói; se não o faz, diremos que a personagem não é válida, ou não é artisticamente

> verossímil. O leitor pode pedir contas ao romancista, mas o biógrafo, como o psicólogo, não pede contas às circunstâncias, aos absurdos do cotidiano, ou aos erros de compreensão e afeto. Por isso, ao contrário do que ocorre com o ficcionista, o psicólogo e o biógrafo, na sua fidelidade à vida vivida, podem não ver o sentido de uma existência, e nada acrescentar ao nosso conhecimento do universo dos homens. (LEITE, 1979, p. 28).

A proposta de criação do personagem João Crispim, pelo que pôde ser abordado acima, foi capaz de revelar uma personalidade autêntica, logo a ficção de Enéas Ferraz atende a um importante dado da biografia, ou seja, "dar sentido a existência retratada".

Concordo que muito já se disse sobre Lima Barreto, autor que hoje tem uma fortuna crítica de peso. No entanto, falta rever os ancestrais da família do escritor, trabalho que tenho procurado desenvolver, buscando comprovar a existência de laços judeus na árvore genealógica de Lima e esta influência em sua literatura, informação que nem o próprio autor conhecia. Falta repensarmos a própria biografia, o que João Crispim, como visto, tem muito a nos dizer, de forma a pesarmos as relações vida/obra, realidade/ficção. O livro de Enéas Ferraz, por ser escrito por um dos grandes amigos de Lima Barreto, fornece uma aproximada reprodução do romancista, fato que só vem coroar a biografia do Dr. Assis Barbosa. Como nos ensina Halbwachs:

> O novo quadro, projetado sobre os fatos que já conhecíamos, ali nos revela mais de um traço que nele se posiciona, e que dele recebe um significado mais claro. É assim que a memória se enriquece de bens alheios que, desde que se tenham enraizado e encontrado seu lugar, não se distinguem mais das outras lembranças. (HALBWACHS, 1990, p. 78).

Nesse sentido, o romance de Enéas Ferraz é mais uma contribuição para reafirmarmos o perfil de Lima Barreto. Como o personagem João Crispim se parece com o "personagem" Lima Barreto, ler o escritor desconhecido é uma forma de,

mesmo tratando-se de um quadro novo, ajustar a moldura e redimensionar a tela no contexto já existente. No caso, trata-se de redimensionar a tela no contexto da literatura brasileira.

Logo, quanto mais quadros para projetarmos sobre o já analisado, mais condições para revermos o passado, buscando sempre chegar mais próximo de um ideal de fidelidade, fato tão difícil de ser apurado, principalmente quando o tempo se encarrega de sepultar as pistas criadas. Como Lima Barreto parece estar entrando de novo no ostracismo, creio que a narrativa de Enéas Ferraz seja mais um subsídio para alimentar a presença do autor de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* no panorama das Letras nacionais.

Em síntese, *História de João Crispim* é disfarçadamente um pouco da história de Lima Barreto. Pode-se até dizer, pelo grau de semelhança entre os dois, que se trata de dois meio irmãos. Enquanto o criador de Crispim é o próprio autor do romance, Enéas Ferraz, o criador de Lima Barreto é o próprio Lima Barreto. A diferença é que este vive a vida com as intempéries que esta traz, enquanto João Crispim é conduzido pela mão do narrador, que procura apresentar para o leitor os defeitos e qualidades de sua criatura, retratando essas esferas como se fosse testemunho dos acontecimentos.

CONCLUSÃO

Acredito poder afirmar que a previsão feita por Lima Barreto quanto às perspectivas para o futuro literário dos autores estreantes que procurou animar no início do século XX não foi integralmente acertada. Domingos Ribeiro Filho e Enéas Ferraz tiveram suas obras pouco conhecidas tanto no período de suas produções quanto na contemporaneidade. A exceção, se é que este é o termo adequado, pode ser pensada no nome de Albertina Bertha. Apesar de ter sua obra praticamente ignorada na contemporaneidade, salvo pouquíssimos estudiosos pertinazes que ainda procuram tratar seus textos, a autora foi conhecida no tempo de sua produção escrita. Esta afirmação se respalda no fato de o romance *Exaltação* ter alcançado

entre 1916, data da primeira edição, e o ano de 1931, a sexta edição, conforme verificado em volume no acervo da Biblioteca Nacional. Não se trata de um sucesso literário, como, por exemplo, o caso do nome do escritor Benjamin Costallat. Mesmo assim, a autora teve seu público, o que não aconteceu com Ribeiro Filho e Enéas Ferraz, os outros dois escritores que esta tese procurou analisar.

Como o sucesso editorial muitas vezes depende dos interesses que determinado grupo consagra, além do jogo que o marketing editorial prepara para atrair leitores, os autores estudados, bem como outros nomes da literatura nacional, terminaram por serem relegados a uma indiferença. Neste sentido, esta tese pretendeu resgatar esses nomes do ostracismo.

Assim, com base no livro de críticas *Impressões de Leitura*, de Lima Barreto, procurou-se dentro de um total de sessenta e nove autores, recortar um corpus compatível com a estrutura e tempo hábeis para a realização deste trabalho. Muitos nomes foram deixados de lado, conforme explicado na introdução, até porque o interesse se voltou especificamente para o gênero romance. Porém mesmo com esta restrição, que descartou cinqüenta e três títulos de gêneros variados, ainda tinha uma quantidade inviável para trabalhar: dezesseis romances. Conforme já explicado, procurei tratar dos autores que Lima Barreto apresenta com mais atenção, daí os nomes de Ribeiro Filho, Albertina Bertha e Enéas Ferraz.

O nome de Domingos Ribeiro Filho, autor estudado no primeiro capítulo, com o romance *O Cravo Vermelho*, proporcionou perceber que mesmo se tratando de texto do início do século XX, 1907, ainda conserva um tema tão caro ao romantismo, isto é, o amor. A narrativa trata do relacionamento de Carolina e Leonel. Com o amor não declarado por esses dois personagens, houve uma interrupção advinda da presença da prima de Leonel – Laura – e o enredo se desdobra em casamento, felicidade a dois, desgaste matrimonial, desconfiança e

traição. De certa forma, o autor não apresenta nada de novo no texto em que procura retratar a história. Ao final da narrativa, Leonel se separa de Laura e reata o amor interrompido com Carolina. Como se vê, e conforme já estudado, todo o romance se enquadra perfeitamente na estrutura do romantismo. O que é inovador no enredo é o estilo de Ribeiro Filho. Mesmo tratando de um tema tão simples, as interferências do narrador apontam para um romantismo moderno, ou seja, as estruturas dos relacionamentos humanos traçados pelo desenvolvimento dos personagens, com a mesma rapidez que se entrelaçam, se desfazem. Desestruturar o relacionamento amoroso pautado no casamento é, para a época em que o romance é escrito, tendo em vista o público leitor formado pela elite burguesa preconceituosa, transgredir padrões e estruturas de vida estabelecidas previamente, o que determinou o desprezo com que o texto foi tratado. O romance de Ribeiro Filho, aliás como toda a sua obra, que nem sequer é encontrada nas bibliotecas brasileiras, mais do que desprezo, foi desconsiderada pelos críticos da época e, quiçá, pelos próprios leitores.

Outro ponto importante que o nome de Ribeiro Filho trouxe no desenrolar da pesquisa foi a descoberta do escritor ter se dedicado também à publicação de crônicas. Analisando o artigo de Astrojildo Pereira, publicado no momento em que o autor de *O Cravo Vermelho* falecia, julho de 1942, percebi a necessidade de desdobrar esta parte do trabalho e estudar também o Domingos Ribeiro Filho cronista. Com quase seis centenas de crônicas, fora os volumes da revista que o acervo da Casa de Rui Barbosa não possui, em quinze anos de contribuição ininterrupta, o escritor tratou de temas os mais variados, desde a crônica com tom emotivo até a crônica mais combativa, destacando-se nessa linha textos que denunciaram o descaso das autoridades brasileiras para com os problemas do país, assunto ainda tão corriqueiro. Como a crônica aponta mais de perto para o

pensamento do escritor, foi possível visualizar a personalidade de Ribeiro Filho. Utilizando sua pena para combater hipocrisias sociais cometidas no seu tempo, além de criar um romance onde estruturas sociais tradicionais são colocadas à prova, só poderia restar no isolamento. E foi o que se deu com Domingos Ribeiro Filho. Mais do que esquecido pelas novas gerações, como reclamou Astrojildo Pereira, nunca teve seu nome lembrado. E o termo lembrar, na acepção etimológica da palavra, está intimamente associado à memória, memor (o que se lembra, o que se faz lembrar).

Na mesma linha de estilo de Ribeiro Filho pode ser analisado o romance de Albertina Bertha. Como o segundo capítulo desta tese procurou mostrar, a primeira, por assim dizer, barreira a que foi submetida a escritora, foi o fato de tratar-se de uma mulher escrevendo. Este tipo de atividade estava demarcado para o homem. O deslocamento social da mulher estava delimitado ao ato do casamento, ser mãe, ficar solteira, tornar-se religiosa ou, quem sabe até ser professora primária. Como lazer podia freqüentar o Centro do Rio de Janeiro – Rua do Ouvidor e Avenida Central – para apreciar a moda francesa, mas sempre acompanhada de uma senhora de confiança da família ou do esposo. O outro obstáculo diz respeito à maneira como a autora delineia seu enredo. Trata-se também de uma história simples, e talvez essa simplicidade só possa ser vista assim hoje, pois, com certeza, conforme procurei mostrar com o texto da crítica Anna Bittencourt, no jornal *A Voz da Liga Católica das Senhoras Baianas*, não foi bem aceito na ocasião da publicação, 1916.

A narrativa de *Exaltação* conta a história de uma moça educada nos padrões do tradicionalismo da família burguesa brasileira. Esta moça – Ladice – tem seu casamento determinado pelos seus próprios pais, o que vem a lhe causar tristeza, mas não a desistência de ter o seu impulso amoroso correspondido. Como esse

impulso estava voltado para um outro homem, a personagem termina por estabelecer uma relação extraconjugal. Com a dificuldade de manter esta relação, entre encontros furtivos, descobre que o amante é casado e tem uma filha. Em um ato de desespero Ladice se suicida.

O problema do romance está na história em si. O fato de a personagem criar um vínculo amoroso fora do espaço do casamento foi visto como arrojado para a época. Uma mulher casada, pelo menos no início do século XX, jamais poderia se desviar do compromisso assumido. Esta inovação somada ao perfil criado para a personagem Ladice, exaltada, principalmente quando buscava saciar sua sede de amor, levou o nome de Albertina Bertha a ser visto como um perigo para as leitoras. Apesar disso, seu texto recebeu elogio da crítica masculina – Araripe Júnior, Osório Duque-Estrada -, o que leva a crer terem sido, principalmente o primeiro, como explicou Brito Broca, os responsáveis pelo seu espaço, ainda que reduzido, nas rodas literárias do tempo.

Enfim, quando resolvi trabalhar com a escritora Albertina Bertha, tive como motivação, entre outras já mencionadas, o fato de a mulher ser vista como minoria na sociedade brasileira. Logo, mais do que discutir o papel da mulher, neste capítulo procurei destacar a importância do texto feito por mulher, até porque a autora deve ter se sentido mais à vontade para criar a personagem. Mas esta percepção não deve ser entendida como um rótulo, ou seja, um texto escrito por mulher e que retrata uma mulher será mais bem trabalhado que se escrito por um homem. Não se trata disso. Penso ser mais ampla a capacidade criadora de uma mulher que faz refletir na personagem mulher os efeitos do ser feminino. Dessa forma, acredito ser importante o conhecimento da narrativa de Albertina Bertha, daí esta revisitação.

Em *História de João Crispim* foi possível retomar Lima Barreto. Como a história de Enéas Ferraz coincide com a história de Lima Barreto, o que chamei de

biografia romanceada, o enredo publicado em 1922 é uma primeira versão de parte da personalidade do autor de *Clara dos Anjos*. O romance de Enéas Ferraz conta a vida de João Crispim de Araújo, desde sua adolescência até sua morte. Ambientado no Rio de Janeiro, o autor faz transitar seu personagem entre o subúrbio e o Centro da cidade, sempre a procura de companhia boêmia. Dessa boemia resulta um alcoolismo inveterado, o que determina sua morte atropelado na festa profana – o Carnaval -, como se estivesse pedindo liberdade de expressão, como se estivesse pedindo a compreensão da sociedade diante de seu vício. O pertinente no texto é a similitude entre o personagem e o escritor Lima Barreto, o que também foi observado pela crítica.

Mas não acredito que este dado diminua a obra de Enéas Ferraz, muito pelo contrário, sua importância, como apontei no terceiro capítulo, resulta exatamente desta possibilidade de aproximação, uma vez que Enéas Ferraz empresta seu personagem para que a posteridade possa rever Lima Barreto, já que o autor é conhecido. Como esta tese procurou estudar autores desconhecidos, Enéas Ferraz se fará conhecido pelo menos enquanto fonte para se chegar mais uma vez, talvez por outro caminho, a Lima Barreto. E esse trajeto não deve ser compreendido como o menor esforço para se ter acesso ao escritor desconhecido Enéas Ferraz. Na verdade esta foi uma vereda encontrada no romance *História de João Crispim* para recuperar o escritor do esquecimento, ou melhor, para apresentá-lo, já que seu nome é praticamente anônimo.

Em resumo, penso que este trabalho tenha alcançado seu objetivo principal, que foi resgatar escritores que estavam encarcerados no seu tempo. Se o motivo da prisão se deve à recepção das obras, ao preconceito, como tudo indica, por exemplo, no caso de Albertina Bertha, tudo isso passa a ser menor. Os alvos

pretendidos são os futuros leitores dos autores desconhecidos aqui estudados, presunção maior desta tese.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. *Farda, fardão, camisola de dormir: fábula para acender uma esperança.* 2ª ed. São Paulo: Record, 1979.

ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Editora Ática, 1989.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo. 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2ª ed. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: JC Editora, 1981.

ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. "Fragmentos sobre a crônica". In: _____. *Enigma e Comentário*: ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 51-66.

AVILA NETO, Maria Inacia D'. *O autoritarismo e a mulher*: o jogo da dominação macho-fêmea no Brasil. 18ª ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

BACHELARD, Gaston. *A dialética da duração*. Tradução de Marcelo Coelho. São Paulo: Ática, 1988a.

_____. *A poética do devaneio*. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988b.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

_____. *Lima Barreto e a reforma da sociedade*. Recife: Pool, 1987.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Edição Crítica. Rio de Janeiro: Scipione Cultural, 1997.

_____. *Feira e Mafuás.* São Paulo: Editora Brasiliense, 1956a.

_____. *Impressões de Leitura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956b.

_____. *O Cemitério dos Vivos.* São Paulo: Editora Brasiliense, 1956c.

_____. *Correspondência Ativa e Passiva(2° Tomo)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956d.

_____. *Correspondência Ativa e Passiva(1° Tomo).* São Paulo: Editora Brasiliense, 1956e.

_____. *Diário Íntimo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956f.

_____. *Coisas do Reino de Jambon*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956g.

_____. *Bagatelas.* São Paulo: Editora Brasilense, 1956h.

_____. *Marginalia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956i.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. 4ª ed. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.

_____. *O rumor da língua*. 2ª ed. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *O grau zero da escrita*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Tradução de Hortência dos Santos. 3ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

BAUDRILLARD, Jean. *A ilusão vital*. Tradução de Luciano Trigo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. Tradução de Paulo Neves. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BERTHA, Albertina. *Voleta*. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

_____. *E ela brincou com a vida*. Rio de Janeiro: Borsoi, 1938.

_____. *Exaltação*. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos Editor, 1916.

BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Góes. Exaltação. *A Voz da Liga Católica das Senhoras Baianas*. Bahia: Tipografia Beneditina, ano IV, setembro de 1916. n. 6.

BLOOM, Harold. *O Cânone Ocidental:* os livros e a escola do tempo. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BOSI, Alfredo. *O Pré-Modernismo*. São Paulo: Editora Cultrix, 1966.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BRITO, Mário da Silva. *História do modernismo brasileiro*: antecedentes da Semana de Arte Moderna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 2ª ed., revista e aumentada. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1960.

_____. *A vida literária no Brasil – 1900.* 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio: Academia Brasileira de Letras, 2005.

_____. *Horas de Leitura*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957.

CANDIDO, Antonio. *A Educação pela Noite e outros ensaios*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2003.

_____. Et al. *A Crônica*. São Paulo: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira*. 3ª ed. Revista e Aumentada. Rio de Janeiro: Editora Letras e Artes, 1964.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. artes de fazer. 5ª ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

_____. *A invenção do cotidiano*: 2. morar, cozinhar. 3ª ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Rio de Janeiro, Vozes, 1996.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Tradução de Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP / Imprensa Oficial de São Paulo, 1999.

COARACY, Vivaldo. *Memórias da cidade do Rio de Janeiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel:* escritores jornalistas no Brasil 1904-2004. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor:* estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. 3ª ed. Tradução de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2005.

DOYLE, Plínio. *Lima Barreto 1881-1922: catálogo da exposição comemorativa do centenário de nascimento, organizado pela Seção de Promoções Culturais.* Rio de Janeiro: Editora do Livro, 1981.

DUQUE-ESTRADA, Osório. Registro Literário. *O Imparcial*, 28 de fevereiro de 1916.

EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Conquista, 1957. 5 volumes.

EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação* – Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *A encenação da imortalidade*: uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República (1897-1924). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

FEHÉR, Ferenc. *O romance está morrendo? : (contribuição à teoria do romance)* Tradução de Eduardo Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FERRAZ FILHO,José Enéias Marcondes. *Adolescência Tropical*. São Paulo: Academia Paulista de Letras, 1978.

_____. *Crianças Mortas*. São Paulo: José Olympio Editora, 1947.

_____. *Uma família carioca*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

_____. *História de João Crispim*. Rio de Janeiro: Livraria Schettino, 1922a.

_____. A Morte do Mestre. *O País.* Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1922b.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Tradução de Antonio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Passagens, 1992.

_____. *História da sexualidade I*: A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FREITAS, Bezerra de. No Mundo das Letras. *Jornal A Pátria*. Rio de Janeiro, 23 de fevereiro de 1922.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*: a formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 30ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

_____. *Sobrados e mucambos*: Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil. 9ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

GERSON, Brasil. *História das ruas do Rio*. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 2000.

GOMES, Danilo. *Antigos Cafés do Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: Livraria Kosmos Ed. , 1989.

GOFFMAN, Erving. *Estigma:* notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 2ª ed. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978

GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura.* Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 1981.

_____. *Literatura e Vida Nacional*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 1978.

GREEN, André. *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Editora Escuta, 1988.

_____. *A pulsão de morte*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Editora Escuta, 1988.

GRIECO, Agrippino. *Evolução da Prosa Brasileira.* 2ª. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: José Olympio Editora, 1947.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva.* Tradução Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

HARDMAN, Francisco Foot. *Remate de Males*. Brito Broca – Vida Literária e História Cultural. Revista do Departamento de Teoria Literária, São Paulo, Campinas, UNICAMP, n. 11, 1991.

HUYSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Tradução de Sergio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ISER, A. Wolfgang. *O Fictício e o Imaginário:* perspectivas de uma antropologia literária. Tradução de Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

_____. *O preço da leitura*: leis e números por detrás das letras. São Paulo Editora Ática, 2001.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória.* Tradução Bernardo Leitão...[et. al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

LEITE, Dante Moreira. *O amor romântico e outros temas.* 2ª. ed. São Paulo: Ed. Nacional: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

LIMA, Luiz Costa. *O Controle do Imaginário: razão e imaginação nos tempos modernos.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

LINHARES, Temístocles. "Sob o signo de Vênus". In: _____. *História crítica do romance brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987. v. 3. Cap. II – p.341-390.

LINS, Osman. Lima Barreto: um cronista que não silenciou sobre o seu tempo. *Jornal do Brasil,* Rio de Janeiro, 13 de maio de 1976. Caderno B, p. 04.

LIVROS Novos. *Jornal do Comércio*, 24 de fevereiro de 1916.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. Tradução, posfácio e notas de José Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

LUSTOSA, Isabel. *O nascimento da imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. *Insultos impressos*: a guerra dos jornalistas na Independência (1821-1823). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira.* São Paulo: Cultrix: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978. vol. VI.

MICELI, Sergio. *Imagens Negociadas:* retratos da elite brasileira (1920-1940). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MOISÉS, Massaud. A Crônica. In: *A Criação Literária – Prosa*. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.Cap. VI, p. 245-258.

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira* (1933-1974). São Paulo: Editora Ática, 1980.

OLIVEIRA, Irenísia Torres de. O programa de Lima Barreto para a literatura brasileira: o livro "Impressões de Leitura". In: HELENA, Lucia. (Org.) *Nação-invenção:* ensaios sobre o nacional em tempos de globalização. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria / CNPq, 2004. Parte III, p. 141 a 148.

PAIXÃO. Sylvia. *A fala-a-menos*. Rio de Janeiro: Numen Editora, 1991.

PEREIRA, Astrojildo. Domingos Ribeiro Filho. *Diretrizes*, 16 de julho de 1942.

PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil.* São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

PRADO, Antonio Arnoni. *Trincheira, palco e letras*: crítica, literatura e utopia no Brasil. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

RESENDE, Beatriz. *Cocaína*: literatura e outros companheiros de ilusão. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

RIBEIRO FILHO, Domingos. *O Cravo Vermelho.* Rio de Janeiro: Livraria Luso-Brasileira; M. Piedade & C. Editores, 1907.

SÁ, Jorge de. *A Crônica*. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1985.

SAID, Edward W. *Representações do intelectual:* as conferências Reith de 1993. Tradução de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANT'ANNA. Affonso Romano de. *O canibalismo amoroso*. São Paulo: Círculo do Livro S. A., 1988.

SENNA, Terra de. Livros Novos – "História de João Crispim", de Enéas Ferraz. *Jornal D. Quixote*, Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1922.

SENNET, Richard. *O declínio do homem público*: as tiranias da intimidade. Tradução de Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SIMPLES, Antonio. O inútil esforço. *Revista Ilustração Brasileira,* Rio de Janeiro, 21 de abril de 1922.

SODRÉ, Muniz. *Best-Seller: A literatura de Mercado.* 2ª. ed. São Paulo: Ática, 1988.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Ofício de Escritor:* Dialética da Literatura. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.

_____. *A História da Imprensa no Brasil.* Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

SOIHET, Rachel. A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres: a militância feminista de Bertha Lutz. *Revista Brasileira de Educação*. Campinas: Editora Autores Associados, set/out/nov/dez/2000. N° 15: ANPED, pp. 97-117.

SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas: a moda no século dezenove.* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

TRAVASSOS, Nelson Palma. *Nos bastidores da Literatura.* São Paulo: EDART, 1964.

VASCONCELLOS, Eliane. *Entre a agulha e a caneta*: a mulher na obra de Lima Barreto. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1999.

WATT, Ian. *A ascensão do romance*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. 2ª ed. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e História da Literatura*. São Paulo: Ática, 2004.

Meio Eletrônico:

COELHO, Nelly Novaes. *A Emancipação da Mulher e a Imprensa Feminina (séc. XIX - séc. XX).* Disponível em: http://kplus. Cosmo.com.br/materia. asp?co=119&rv=Literatura Acesso em : 31/10/2006, às 9:30.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Relação de autores e obras do livro *Impressões de Leitura*, classificação dos gêneros das obras, páginas onde encontramos as críticas no livro, parecer sobre os comentários de Lima Barreto e ano da publicação.

	Autor	**Obra**	**Gênero**	**Páginas**	**Parecer**	**Ano da Publicação**
1.	Ranulfo Prata	Dentro da vida	Romance	70	Comentário superficial	1922
2.	Jackson de Figueiredo	Pascal e a Inquietação Moderna	Ensaio	70	Interesse restrito pelo romance	1922
3.	Débora do Rego	Chico Ângelo	Contos	70	Comentário	1922

	Monteiro				superficial	
4.	Carlos Malheiro Dias	Paixão de Maria do Céu	Romance	71 a 74	Interesse restrito pela literatura brasileira	1902
5.	Perilo Gomes	Penso e Creio	Religião	79 a 86	Comentário aprofundado	1920
6.	Gastão Cruls	Coivara	Contos	86 a 91	Comentário aprofundado	1920
7.	Enéas Ferraz	História de João Crispim	Romance	92 a 95	Comentário aprofundado	1922
8.	Maria Teresa de Abreu Costa	Noções de Arte Culinária	Receitas Culinárias	96 a 99	Interesse restrito pelo romance	1947
9.	Ivo do Prado Montes Pires da Fonseca	A Capitania de Sergipe e as suas Ouvidorias	Ensaios	99 e 100	Comentário superficial	1919
10.	Carlos de Vasconcelos	Casados...na América	Contos	100 e 101	Comentário superficial	1920
11.	Adelino Magalhães	Tumulto da vida	Contos	101 e 102	Comentário superficial	1920
12.	Nestor Vítor	Folhas que ficam	Ensaios	102 e 103	Comentário aprofundado	1920
13.	Mário Sete	Senhora de Engenho	Romance	103 a 106	Comentário aprofundado	1921
14.	Monteiro Lobato	Urupês	Contos	107 a 111	Autor com farta fortuna crítica	1918
15.	Monteiro Lobato	Cidades Mortas	Contos e Impressões	107 a 111	Autor com farta fortuna crítica	1919
16.	Monteiro Lobato	Negrinha	Contos	107 a 111	Autor com farta fortuna crítica	1920
17.	Couto Magalhães	Mme Pommery	Romance	111 a 117	Comentário superficial	1920
18.	Albertina Berta	Exaltação	Romance	117 a 122	Comentário aprofundado	1916
19.	Albertina Berta	Estudos	Ensaios	117 a 122	Comentário aprofundado	1920
20.	Herbert Spencer	Fatos e Comentários	Ensaios	117 a 122	Interesse restrito pela literatura brasileira	1903
21.	Friedrich Nietzche	Anticristo	Estudos	117 a 122	Interesse restrito pela literatura brasileira	1953
22.	José Saturnino de	Socialismo	Ensaios	123 a 126	Comentário	1919

	Brito	Progressivo			superficial	
23.	José Saturnino de Brito	A Cooperação é um Estado	Ensaios	123 a 126	Comentário superficial	1915
24.	José Saturnino de Brito	A Pirataria em Paroxismos	Ensaio	123 a 126	Comentário superficial	1915
25.	José Saturnino de Brito	A escravidão dos pequenos Lavradores	Ensaio	123 a 126	Comentário superficial	1917
26.	José Saturnino de Brito	Socialismo Pátrio	Ensaio	123 a 126	Comentário superficial	1920
27.	José Saturnino de Brito	Amor, vence!	Peça teatral	123 a 126	Comentário superficial	1918
28.	José Saturnino de Brito	Entre Neblinas	Peça teatral	123 a 126	Comentário superficial	1918
29.	José Saturnino de Brito	Da Volúpia ao Ideal	Contos	123 a 126	Comentário superficial	1920
30.	Ranulfo Prata	O triunfo	Romance	126 a 129	Comentário superficial	1918
31.	Ildefonso Albano	O Secular Problema do Nordeste	Dissertação	129 a 133	Comentário aprofundado	1918
32.	Teotônio Filho	Mme Bifteck-Paff	Romance	133 a 138	Comentário superficial	1918
33.	Teotônio Filho	Anita e Plomark, Aventureiros	Romance	133 a 138	Comentário superficial	1934
34.	Nestor Vítor	Elogio do Amigo	Ensaio sobre Cruz e Souza	139 e 140	Comentário aprofundado	1922
35.	Veiga Miranda	Mau Olhado	Romance	140 a 147	Comentário aprofundado	1919
36.	Antonio Noronha Santos	Limites e Protocolo	Ensaio	147 a 149	Comentário superficial	1920
37.	Orris Soares	Rogério	Peça Teatral	149 a 152	Interesse restrito pelo romance	1920
38.	Orris Soares	A Cisma	Peça Teatral	149 a 152	Interesse restrito pelo romance	1920
39.	Valfrido Souto Maior	Levanta-te e Caminha	Poesia	152 a 155	Interesse restrito pelo romance	1919
40.	Otávio Brandão	Canais e Lagoas	Ensaios	155 a 159	Comentário superficial	1919
41.	Tasso da Silveira	Romain Rolland	Ensaio	159 a 163	Interesse restrito pelo romance	1919
42.	José Cândido de Andrade Murici	Emiliano Perneta	Ensaio	159 a 163	Interesse restrito pelo romance	1919
43.	Júlio Dantas	O Reposteiro Verde	Peça Teatral	163 a 167	Interesse restrito pelo	1927

					romance	
44.	Júlio Dantas	A Ceia dos Cardeais	Peça Teatral	163 a 167	Interesse restrito pelo romance	1904
45.	Mário Hora	Tabaréus e Tabaroas	Contos	167 a 169	Comentário aprofundado	1922
46.	Agripino Grieco	Fetiches e Fantoches	Crônicas	169 e 170	Comentário superficial	1922
47.	Leonel Vaz de Barros	O professor Jeremias	Romance	170 a 174 195 a 198	Comentário aprofundado	1920
48.	João Lúcio	Pontes & Cia	Romance	176 e 177	Comentário superficial	1944
49.	Lucilo Varejão	O Destino da Escolástica	Romance	177 a 180	Comentário aprofundado	1919
50.	Domingos Ribeiro Filho	Cravo Vermelho	Romance	184 a 188	Comentário aprofundado	1907
51.	Francisco Afonso de Carvalho	Cartas ao Senhor Diabo	Crônicas	191 a 194	Interesse restrito pelo romance	1921
52.	Araújo Bivar	Exomologese	Poesia	194 e 195	Interesse restrito pelo romance	1921
53.	Vinício da Veiga	O Homem sem Máscaras	Romance	198 a 203	Comentário aprofundado	1921
54.	Mrs Joachin Macran e W. Smith Bradley	Knowing and life	Ensaios	204 a 210	Interesse restrito pela literatura brasileira	1911
55.	Francisco Cavalcante Pontes de Miranda	A Sabedoria dos Instintos	Ensaios	211 a 215	Comentário superficial	1921
56.	Jackson de Figueiredo	Humilhados e Luminosos	Ensaios	215 a 220	Interesse restrito pelo romance	1921
57.	Hélio Lima	Velas	Poesia	221 a 224	Interesse restrito pelo romance	1921
58.	Heitor Alves	Sons Ritmados	Poesia	221 a 224	Interesse restrito pelo romance	1921
59.	Carlos SüsseKind de Mendonça	O que se ensina e o que se aprende nas escolas de direito do Brasil	Discurso	224 a 228	Interesse restrito pelo romance	1924
60.	Carlos Rubens	Impressões de Arte	Ensaios	227	Comentário superficial	1921
61.	Adolfo Oscar do Amaral Ornelas	A Sombra	Peça teatral	227 e 228	Interesse restrito pelo romance	1921

62.	Adolfo Oscar do Amaral Ornelas	Poesia	Poesia	227 e 228	Interesse restrito pelo romance	1918
63.	Teotônio filho	Virgens Amorosas	Romance	229 a 236	Comentário aprofundado	1921
64.	Manuel Carlos Sousa Ferreira	Ensaios de Sociologia	Ensaios	236 a 244	Comentário superficial	1920
65.	Nestor Vítor	A Crítica de Ontem	Ensaios	244 a 251	Comentário superficial	1919
66.	Hermes Fontes	Apoteoses	Poesia	252 a 256	Comentário Superficial	1915
67.	Filipe de Oliveira	Vida Extinta	Poesia	284	Interesse restrito pelo romance	1911
68.	Mendes de Oliveira	Prélios Pagãos	Poesia	290 a 293	Interesse restrito pelo romance	1911
69.	Luís Franco	Ao sol dos Trópicos	Poesia	290 a 293	Interesse restrito pelo romance	1911

APÊNDICE B

Relação dos títulos e das datas das crônicas publicadas por Domingos Ribeiro Filho na Revista *Careta*.

	Títulos das crônicas	**Datas das publicações**
1.	Um vitorioso.	18/10/1919
2.	Qual! Nada!...	25/10/1919
3.	Questão difícil.	08/11/1919
4.	No mundo das contradições.	22/11/1919
5.	Conto de Natal.	20/12/1919
6.	Mundo das contradições.	27/12/1919
7.	Nova arte de conquistar as damas.	03/01/1920
8.	O aumento de vencimentos.	10/01/1920
9.	As esperanças do ano.	10/01/1920
10.	O trabalho noturno das mulheres.	17/01/1920

11.	Polidez.	24/01/1920
12.	Um homem de precauções.	24/01/1920
13.	A máscara e a sua significação histórica.	07/02/1920
14.	O carnaval na mitologia bíblica.	14/02/1920
15.	A mãe.	28/02/1920
16.	O troco.	06/03/1920
17.	As moscas.	13/03/1920
18.	No mundo das contradições.	13/03/1920
19.	Para corroborar a fibra.	10/04/1920
20.	As saúvas.	17/04/1920
21.	Tartarim no Reno.	24/04/1920
22.	A nova tática do John.	01/05/1920
23.	Os ratos.	08/05/1920
24.	A missão polaca.	22/05/1920
25.	As avestruzes.	29/05/1920
26.	A vitória de John.	29/05/1920
27.	Espíritas.	12/06/1920
28.	O elefante.	12/06/1920
29.	Recenseai-vos.	12/06/1920
30.	Para primar na vida.	19/06/1920
31.	Para primar na vida.	26/06/1920
32.	Carnaval e filosofia.	03/07/1920
33.	Para primar na vida.	10/07/1920
34.	O centenário.	17/07/1920
35.	A soberania nacional.	17/07/1920
36.	Para primar na vida.	17/07/1920
37.	Para primar na vida.	24/07/1920
38.	O Mono.	31/07/1920
39.	Para primar na vida.	31/07/1920
40.	A encefalite letárgica.	31/07/1920
41.	A escolha de profissão.	21/08/1920
42.	Dona Malvina.	28/08/1920
43.	A criada despedida	04/09/1920
44.	A escolha de profissão (Conselhos práticos para arrumar emprego...).	04/09/1920
45.	A nossa moeda.	11/09/1920
46.	O coronel mineiro.	11/09/1920
47.	O cura tudo.	18/09/1920
48.	A liberdade de comércio.	25/09/1920
49.	A efígie.	02/10/1920
50.	Uma nova vizinha.	09/10/1920
51.	Um voto do supremo.	23/10/1920
52.	Concertando a rabeca.	23/10/1920
53.	Mais por mais dá menos.	06/11/1920
54.	O fabulário das avenidas.	13/11/1920
55.	A dama das notas.	13/11/1920
56.	Apólogo cruel.	18/12/1920
57.	Pelo bom senso.	25/12/1920
58.	Para bancar o Sherlock.	12/03/1921

59.	O cabo das tormentas.	19/03/1921
60.	Num intervalo de 10 anos.	26/03/1921
61.	Analogias.	26/03/1921
62.	A perfeição.	02/04/1921
63.	O jarro quebrado.	09/04/1921
64.	O limite.	16/04/1921
65.	O irmão da noite.	23/04/1921
66.	Por A mais B.	23/04/1921
67.	Créditos ilimitados.	30/04/1921
68.	A fazenda simbólica.	30/04/1921
69.	Uma invenção do Diabo.	14/05/1921
70.	Na história natural.	08/10/1921
71.	A lacraia.	21/01/1922
72.	A arte de ser um bom cidadão.	21/01/1922
73.	A arte de ser um bom cidadão.	28/01/1922
74.	A arte de ser um bom cidadão.	04/02/1922
75.	A arte de ser um bom cidadão.	11/02/1922
76.	A sentença de deus.	18/02/1922
77.	Um grande tribuno.	18/02/1922
78.	A arte de ser um bom cidadão.	18/02/1922
79.	O bacorinho.	19/08/1922
80.	Pluminhas e fiapinhos.	30/12/1922
81.	Uma caretinha para todos. (Arquitetura e gramática)	03/02/1923
82.	Uma caretinha para todos. (A máscara da face)	10/02/1923
83.	Uma caretinha para todos. (Sorte e azar)	24/02/1923
84.	Uma caretinha para todos. (Felicidades imaginárias)	03/03/1923
85.	Uma caretinha para todos. (A vitória pela injúria)	10/03/1923
86.	Os colarinhos	17/03/1923
87.	Uma caretinha para todos. (grandes demais)	17/03/1923
88.	O dono da casa	24/03/1923
89.	Uma caretinha para todos. (O monumento à raça indígena)	24/03/1923
90.	Uma caretinha para todos. (A reforma do ensino)	31/03/1923
91.	Uma caretinha para todos. (Para desarmar os povos)	07/04/1923
92.	Uma caretinha para todos. (A política da ordem)	14/04/1923
93.	Uma caretinha para todos. (Alternativas da glória)	21/04/1923
94.	Uma caretinha para todos. (Saúde pública)	28/04/1923
95.	Uma caretinha para todos. (Atletas e campeões)	12/05/1923
96.	Uma caretinha para todos. (Passado e tradição)	19/05/1923
97.	Uma caretinha para todos. (Da lenda dos Deuses lares)	26/05/1923
98.	Uma caretinha para todos. (Abusos contra a inocência)	09/06/1923
99.	Há muita gente.	16/06/1923
100.	Uma caretinha para todos. (Um país riquíssimo)	23/06/1923
101.	Uma caretinha para todos. (O Islamismo)	30/06/1923
102.	Uma caretinha para todos. (Vulcões e super homens)	07/07/1923
103.	Uma caretinha para todos. (A velha antropófaga)	14/07/1923
104.	Uma caretinha para todos. (A nossa língua)	21/07/1923
105.	Uma caretinha para todos. (O dia da criança)	28/07/1923
106.	Uma caretinha para todos. (Idéias e opiniões)	04/08/1923

107.	Uma caretinha para todos. (Derrota, dúvida, pessimismo)	11/08/1923
108.	Uma caretinha para todos. (As oposições)	18/08/1923
109.	Uma caretinha para todos. (A desmoralização das idéias)	01/09/1923
110.	Uma caretinha para todos. (A antecipação da imortalidade)	08/09/1923
111.	Uma caretinha para todos. (O apelo às catástrofes)	15/09/1923
112.	Uma caretinha para todos. (A invasão do cinismo)	22/09/1923
113.	Uma caretinha para todos. (A cilada do analfabetismo)	29/09/1923
114.	Uma caretinha para todos. (Por que nos ufanamos no nosso país)	06/10/1923
115.	Uma caretinha para todos. (A história do respeito humano)	20/10/1923
116.	Uma caretinha para todos. (Polidez)	27/10/1923
117.	Uma caretinha para todos. (A Miséria)	03/11/1923
118.	Uma caretinha para todos. (A hierarquia)	17/11/1923
119.	Uma caretinha para todos. (Dionísios)	24/11/1923
120.	Uma caretinha para todos. (Os economistas)	01/12/1923
121.	Uma caretinha para todos. (Artes e desportos)	08/12/1923
122.	Uma caretinha para todos. (A unidade nacional)	15/12/1923
123.	Uma caretinha para todos. (Uma conquista despercebida)	22/12/1923
124.	Num presépio.	22/12/1923
125.	Uma caretinha para todos. (A Ilusão Legislativa)	29/12/1923
126.	O ouro e o mercúrio.	03/01/1925
127.	As profecias.	10/01/1925
128.	Expedições e explorações.	17/01/1925
129.	Na liga das nações.	24/01/1925
130.	Prof. Olavo Freire – Corografia.	31/01/1925
131.	O ensino da bondade.	07/02/1925
132.	A máscara dos homens.	21/02/1925
133.	A cultura e a exploração do sensibilismo.	28/02/1925
134.	O que temos de mais neste país.	07/03/1925
135.	Cumprindo o seu dever.	14/03/1925
136.	A burla da fatalidade.	21/03/1925
137.	Senso prático, sua técnica e sua ideologia.	28/03/1925
138.	Saias curtas e braços nus.	04/04/1925
139.	Os concursos de beleza.	11/04/1925
140.	Não há mais repugnâncias.	18/04/1925
141.	Ignorar. Saber.	25/04/1925
142.	De cal e de pedra.	02/05/1925
143.	O Uniforme.	09/05/1925
144.	Tu matarás!	16/05/1925
145.	Justiça e Moral.	23/05/1925
146.	Os chefes.	30/05/1925
147.	De duas ou de quatro.	06/06/1925
148.	As nossas virtudes nacionais.	13/06/1925
149.	Sê como és e faze o que entenderes.	20/06/1925
150.	A repulsão instintiva.	27/06/1925

151.	Homens sérios.	04/07/1925
152.	A nossa causa.	11/07/1925
153.	Os inteligentes deste mundo.	18/07/1925
154.	Xenofobia.	25/07/1925
155.	Reação e fanatismo.	01/08/1925
156.	Os benfeitores do mal.	08/08/1925
157.	Luz e ar.	15/08/1925
158.	Depois do Marajá.	22/08/1925
159.	Os vitalícios.	29/08/1925
160.	Na correria das idéias.	05/09/1925
161.	A cantilena.	12/09/1925
162.	A rasteira da honestidade.	19/09/1925
163.	As ovelhas más.	26/09/1925
164.	A menina roubada.	24/10/1925
165.	Enleios e dependências.	31/10/1925
166.	Uns e outros.	07/11/1925
167.	A legenda do “The right Man”.	14/11/1925
168.	O partido da mocidade.	21/11/1925
169.	O pauperismo mental.	28/11/1925
170.	Escrúpulos.	05/12/1925
171.	O conflito.	12/12/1925
172.	Vagas e candidatos.	19/12/1925
173.	Antigamente.	02/01/1926
174.	A crendice anual.	09/01/1926
175.	O menor esforço.	16/01/1926
176.	Falências.	23/01/1926
177.	O desarmamento.	30/01/1926
178.	Espíritos liberais.	06/02/1926
179.	A Derrubada.	13/02/1926
180.	Altistas e Baixistas.	27/02/1926
181.	As divindades da democracia.	06/03/1926
182.	O preconceito da força.	13/03/1926
183.	A mulher de Anatole.	20/03/1926
184.	A higiene mental.	27/03/1926
185.	O partido democrático.	03/04/1926
186.	O mau literário.	10/04/1926
187.	Vida pública.	17/04/1926
188.	As festas de maio.	01/05/1926
189.	Para dizer; para escrever.	08/05/1926
190.	A colaboração.	15/05/1926
191.	Para escrever; para dizer.	22/05/1926
192.	Por dizer; por escrever.	29/05/1926
193.	Por dizer; por escrever.	05/06/1926
194.	Por dizer; por escrever.	12/06/1926
195.	Colegas.	19/06/1926
196.	Por dizer; por escrever.	26/06/1926
197.	Por dizer; por escrever.	03/07/1926
198.	Por dizer; por escrever.	10/07/1926
199.	Rings e grounds.	17/07/1926

200.	Por dizer; por escrever.	24/07/1926
201.	Por dizer; por escrever.	31/07/1926
202.	Por dizer; por escrever.	07/08/1926
203.	O Juiz Lynch.	14/08/1926
204.	Por dizer; por escrever.	21/08/1926
205.	Por dizer; por escrever.	28/08/1926
206.	Por dizer; por escrever.	04/09/1926
207.	Por dizer; por escrever.	11/09/1926
208.	Por dizer; por escrever.	18/09/1926
209.	Por dizer; por escrever.	25/09/1926
210.	Por dizer; por escrever.	02/10/1926
211.	Por dizer; por escrever.	09/10/1926
212.	Ao bater dos tipos.	16/10/1926
213.	Vagares e digressões.	23/10/1926
214.	Vagares e digressões.	30/10/1926
215.	Vagares e digressões.	06/11/1926
216.	Vagares e digressões.	13/11/1926
217.	Vagares e digressões.	20/11/1926
218.	Vagares e digressões.	27/11/1926
219.	No tesouro nacional se pagará.	04/12/1926
220.	Turismo e turistas.	11/12/1926
221.	Os sonhos do ouro.	18/12/1926
222.	Maduro exame.	25/12/1926
223.	Nas águas do cruzeiro.	01/01/1927
224.	Do ânimo patrício.	08/01/1927
225.	A legenda do arbítrio.	15/01/1927
226.	Benzem-se as espadas!	22/01/1927
227.	Onde iremos parar?	29/01/1927
228.	Vamos ao caso.	05/02/1927
229.	A defesa instintiva.	12/02/1927
230.	Por dizer; por escrever.	19/02/1927
231.	Por dizer; por escrever.	26/02/1927
232.	Vagares e digressões.	05/03/1927
233.	Vagares e digressões.	12/03/1927
234.	Por dizer; por escrever.	19/03/1927
235.	As favelas.	26/03/1927
236.	Por dizer; por escrever.	02/04/1927
237.	Por dizer; por escrever.	09/04/1927
238.	Vagares e digressões.	16/04/1927
239.	Vagares e digressões.	23/04/1927
240.	O mal deste país...	30/04/1927
241.	Por dizer; por escrever.	07/05/1927
242.	Por dizer; por escrever.	14/05/1927
243.	Vagares e digressões.	21/05/1927
244.	Uma vez por outras.	28/05/1927
245.	A intangibilidade.	04/06/1927
246.	Avoação.	11/06/1927
247.	Do feminismo.	18/06/1927
248.	Rainha dos funcionários.	25/06/1927

249.	Conferências.	02/07/1927
250.	Novos impostos.	09/07/1927
251.	A chegada.	16/07/1927
252.	A cidade urbana.	23/07/1927
253.	O chic, a arte...	30/07/1927
254.	O bom nome da pátria.	06/08/1927
255.	O privilégio da fome.	13/08/1927
256.	O Número mil.	20/08/1927
257.	O momento da renúncia.	27/08/1927
258.	E você, também.	03/09/1927
259.	A crise.	10/09/1927
260.	De frase a capítulo.	17/09/1927
261.	Gente demais.	24/09/1927
262.	Sentimentos caluniados.	07/01/1928
263.	Sinceridade.	14/01/1928
264.	Visitantes ilustres.	21/01/1928
265.	Tipos e variações.	28/01/1928
266.	Um só modelo.	04/02/1928
267.	Conselho estilizado.	11/02/1928
268.	Nicarágua.	18/02/1928
269.	O passo de calais.	25/02/1928
270.	O último dos carnavais.	03/03/1928
271.	Instrução reformada.	10/03/1928
272.	Os males que vêm... Parabéns!	17/03/1928
273.	O fim do mundo.	24/03/1928
274.	Música.	31/03/1928
275.	Por dizer; por escrever.	07/04/1928
276.	O título de...	14/04/1928
277.	O recurso ao nu.	21/04/1928
278.	Por dizer; por escrever.	28/04/1928
279.	Isso que nós chamamos...	05/05/1928
280.	Variações do dueto.	12/05/1928
281.	Por dizer; por escrever.	19/05/1928
282.	A casca.	26/05/1928
283.	Por dizer; por escrever.	02/06/1928
284.	A alegria de viver.	09/06/1928
285.	A linha de menor resistência.	16/06/1928
286.	O alarido pela anistia.	23/06/1928
287.	Um aspecto singular.	30/06/1928
288.	O voto das mulheres.	07/07/1928
289.	Por dizer; por escrever.	14/07/1928
290.	Por dizer; por escrever.	21/07/1928
291.	Por dizer; por escrever.	28/07/1928
292.	Rejuvenescer.	04/08/1928
293.	Por dizer; por escrever.	11/08/1928
294.	Por dizer; por escrever.	18/08/1928
295.	Por dizer; por escrever.	25/08/1928
296.	Por dizer; por escrever.	01/09/1928
297.	Por dizer; por escrever.	08/09/1928

298.	Por dizer; por escrever.	15/09/1928
299.	Por dizer; por escrever.	22/09/1928
300.	Por dizer; por escrever.	29/09/1928
301.	Por dizer; por escrever.	06/10/1928
302.	Por dizer; por escrever.	13/10/1928
303.	Por dizer; por escrever.	20/10/1928
304.	Por dizer; por escrever.	27/10/1928
305.	Por dizer; por escrever.	03/11/1928
306.	Por dizer; por escrever.	10/11/1928
307.	Por dizer; por escrever.	17/11/1928
308.	Por dizer; por escrever.	24/11/1928
309.	Por dizer; por escrever.	01/12/1928
310.	Por dizer; por escrever.	08/12/1928
311.	Por dizer; por escrever.	15/12/1928
312.	Por dizer; por escrever.	22/12/1928
313.	Por dizer; por escrever.	29/12/1928
314.	O Ano Novo.	05/01/1929
315.	A família republicana.	19/01/1929
316.	Por dizer; por escrever.	26/01/1929
317.	Por dizer; por escrever.	02/02/1929
318.	Por dizer; por escrever.	16/02/1929
319.	Por dizer; por escrever.	23/02/1929
320.	Por dizer; por escrever.	02/03/1929
321.	Por dizer; por escrever.	09/03/1929
322.	Por dizer; por escrever.	16/03/1929
323.	Por dizer; por escrever.	23/03/1929
324.	Por dizer; por escrever.	30/03/1929
325.	Por dizer; por escrever.	06/04/1929
326.	Por dizer; por escrever.	13/04/1929
327.	Por dizer; por escrever.	20/04/1929
328.	Por dizer; por escrever.	27/04/1929
329.	Por dizer; por escrever.	04/05/1929
330.	Por dizer; por escrever.	11/05/1929
331.	Por dizer; por escrever.	18/05/1929
332.	Por dizer; por escrever.	25/05/1929
333.	Por dizer; por escrever.	01/06/1929
334.	Por dizer; por escrever.	08/06/1929
335.	Por dizer; por escrever.	15/06/1929
336.	Por dizer; por escrever.	22/06/1929
337.	Por dizer; por escrever.	29/06/1929
338.	Por dizer; por escrever.	06/07/1929
339.	Manuscritos.	20/07/1929
340.	Manuscritos.	27/07/1929
341.	Manuscritos.	03/08/1929
342.	Manuscritos.	10/08/1929
343.	Manuscritos.	17/08/1929
344.	Manuscritos.	24/08/1929
345.	Manuscritos.	31/08/1929
346.	Manuscritos.	14/09/1929

347.	Manuscritos.	21/09/1929
348.	Manuscritos.	28/09/1929
349.	Manuscritos.	05/10/1929
350.	Todos nós.	12/10/1929
351.	Todos nós.	19/10/1929
352.	Todos nós.	26/10/1929
353.	Todos nós.	02/11/1929
354.	A opinião de Mister John.	09/11/1929
355.	Manuscritos.	16/11/1929
356.	Todos nós.	23/11/1929
357.	Todos nós.	07/12/1929
358.	Todos nós.	14/12/1929
359.	Manuscritos.	21/12/1929
360.	As esperanças do ano.	28/12/1929
361.	25%	04/01/1930
362.	Manuscritos.	11/01/1930
363.	A pátria dos otimistas.	18/01/1930
364.	Manuscritos.	25/01/1930
365.	Homens do dia.	01/02/1930
366.	Todos nós.	08/02/1930
367.	Manuscritos.	15/02/1930
368.	Chapas e plataformas.	22/02/1930
369.	Todos nós.	01/03/1930
370.	Por dizer; por escrever.	08/03/1930
371.	Por dizer; por escrever.	15/03/1930
372.	A soberania nacional.	22/03/1930
373.	Por dizer; por escrever.	29/03/1930
374.	Manuscritos.	05/07/1930
375.	Manuscritos.	12/07/1930
376.	Coisas e outras.	19/07/1930
377.	Fazendo horas.	26/07/1930
378.	Coisas e outras.	02/08/1930
379.	Coisas e outras.	09/08/1930
380.	Fazendo horas.	23/08/1930
381.	Fazendo horas.	30/08/1930
382.	Manuscritos.	06/09/1930
383.	Manuscritos.	13/09/1930
384.	Fazendo horas.	27/09/1930
385.	Manuscritos.	04/10/1930
386.	Fazendo horas.	18/10/1930
387.	Manuscritos.	25/10/1930
388.	Viva a Revolução!	01/11/1930
389.	A responsabilidade.	08/11/1930
390.	A miséria do voto universal.	15/11/1930
391.	Os gestos revolucionários.	22/11/1930
392.	As claras.	29/11/1930
393.	A revisão da constituição.	06/12/1930
394.	A mecânica governamental.	13/12/1930
395.	Aspectos esquecidos.	20/12/1930

396	Literatura Revolucionária.	27/12/1930
397.	Pelo ano adiante.	03/01/1931
398.	Sem pensar, sem olhar.	10/01/1931
399.	Na República Nova.	17/01/1931
400.	O controlleur britânico.	24/01/1931
401.	Ameaças e promessas.	31/01/1931
402.	A cor das horas que passam.	07/02/1931
403.	Uma volta no tempo.	14/02/1931
404.	Mais outra vez o Ensino.	21/02/1931
405.	Partidos ou Legiões.	28/02/1931
406.	O caso indecoroso das consignações.	07/03/1931
407.	A impostura do mando.	14/03/1931
408.	Na ânsia dos manifestos.	21/03/1931
409.	A segunda camada.	28/03/1931
410.	Mulheres eleitoras.	04/04/1931
411.	Sem aspas.	11/04/1931
412.	Idéias Revolucionárias.	18/04/1931
413.	Imprensa Revolucionária.	25/04/1931
414.	Os modelos mentais.	02/05/1931
415.	Encarcerados e carcereiros.	09/05/1931
416.	O tema que envelhece.	16/05/1931
417.	Por dizer; por escrever.	23/05/1931
418.	Por dizer; por escrever.	30/05/1931
419.	Por dizer; por escrever.	06/06/1931
420.	Por dizer; por escrever.	13/06/1931
421.	Por dizer; por escrever.	20/06/1931
422.	Por dizer; por escrever.	27/06/1931
423.	Por dizer; por escrever.	04/07/1931
424	Por dizer; por escrever.	11/07/1931
425.	Por dizer; por escrever.	18/07/1931
426.	O nosso feminismo.	25/07/1931
427.	Por dizer; por escrever.	01/08/1931
428.	Por dizer; por escrever.	08/08/1931
429.	Por dizer; por escrever.	15/08/1931
430.	Por dizer; por escrever.	22/08/1931
431.	Por dizer; por escrever.	29/08/1931
432.	Por dizer; por escrever.	05/09/1931
433.	Por dizer; por escrever.	12/09/1931
434.	Por dizer; por escrever.	19/09/1931
435.	Por dizer; por escrever.	26/09/1931
436.	Por dizer; por escrever.	03/10/1931
437.	Por dizer; por escrever.	10/10/1931
438.	Por dizer; por escrever.	17/10/1931
439.	Por dizer; por escrever.	24/10/1931
440.	Por dizer; por escrever.	31/10/1931
441.	Por dizer; por escrever.	07/11/1931
442.	Por dizer; por escrever.	14/11/1931
443.	Por dizer; por escrever.	21/11/1931
444.	Por dizer; por escrever.	28/11/1931

445.	Por dizer; por escrever.	05/12/1931
446.	Por dizer; por escrever.	12/12/1931
447.	Por dizer; por escrever.	19/12/1931
448.	Por dizer; por escrever.	26/12/1931
449.	Por dizer; por escrever.	02/01/1932
450.	Variações sobre variedades.	09/01/1932
451.	Variações sobre variedades.	16/01/1932
452.	Variações sobre variedades.	23/01/1932
453	Variações sobre variedades.	30/01/1932
454.	Variações sobre variedades.	06/02/1932
455.	Variações sobre variedades.	13/02/1932
456.	Variações sobre variedades.	20/02/1932
457.	Variações sobre variedades.	27/02/1932
458.	Variações sobre variedades.	05/03/1932
459.	Variações sobre variedades.	12/03/1932
460.	Variações sobre variedades.	19/03/1932
461.	Variações sobre variedades.	26/03/1932
462.	Variações sobre variedades.	02/04/1932
463.	Variações sobre variedades.	09/04/1932
464.	Variações sobre variedades.	16/04/1932
465.	Variações sobre variedades.	23/04/1932
466.	Variações sobre variedades.	30/04/1932
467.	Variações sobre variedades.	07/05/1932
468.	Variações sobre variedades.	14/05/1932
469.	Variações sobre variedades.	21/05/1932
470.	Variações sobre variedades.	28/05/1932
471.	Variações sobre variedades.	04/06/1932
472.	Variações sobre variedades.	11/06/1932
473.	Variações sobre variedades.	18/06/1932
474.	Variações sobre variedades.	25/06/1932
475.	Variações sobre variedades.	02/07/1932
476.	Variações sobre variedades.	09/07/1932
477.	Variações sobre variedades.	16/07/1932
478.	Variações sobre variedades.	23/07/1932
479.	Variações sobre variedades.	30/07/1932
480.	Variações sobre variedades.	06/08/1932
481.	Variações sobre variedades.	13/08/1932
482.	Variações sobre variedades.	20/08/1932
483.	Variações sobre variedades.	27/08/1932
484.	Variações sobre variedades.	03/09/1932
485.	Variações sobre variedades.	10/09/1932
486.	Das horas de velho humor.	17/09/1932
487.	Das horas de velho humor.	24/09/1932
488.	Das horas de velho humor.	01/10/1932
489.	Das horas de velho humor.	08/10/1932
490.	Das horas de velho humor.	15/10/1932
491.	Das horas de velho humor.	22/10/1932
492.	Das horas de mau humor.	29/10/1932
493.	Das horas de mau humor.	05/11/1932

494.	Das horas de mau humor.	12/11/1932
495.	Das horas de mau humor.	19/11/1932
496.	Das horas de mau humor.	26/11/1932
497.	Das horas de mau humor.	03/12/1932
498.	Das horas de mau humor.	10/12/1932
499.	Das horas de humor indiferente.	17/12/1932
500.	Das horas de humor indiferente.	24/12/1932
501.	Das horas de humor indiferente.	31/12/1932
502.	Das horas de humor indiferente.	07/01/1933
503.	Das horas de humor indiferente.	14/01/1933
504.	Umherblickend.	21/01/1933
505.	Umherblickend.	28/01/1933
506.	Umherblickend.	04/02/1933
507.	Umherblickend.	11/02/1933
508.	Umherblickend.	18/02/1933
509.	Dos dias de velho humor.	25/02/1933
510.	Herumschauend.	04/03/1933
511.	Herumschauend.	11/03/1933
512.	Das horas de Velho Humor.	18/03/1933
513.	Herumschauend.	25/03/1933
514.	Umherblickend.	01/04/1933
515.	Herumschauend.	08/04/1933
516.	Herumschauend.	15/04/1933
517.	E assim por diante...	22/04/1933
518.	E assim por diante...	29/04/1933
519.	E assim por diante...	06/05/1933
520.	E assim por diante...	13/05/1933
521.	E assim por diante...	20/05/1933
522.	E assim por diante...	27/05/1933
523.	E assim por diante...	03/06/1933
524.	E assim por diante...	10/06/1933
525.	E assim por diante...	17/06/1933
526.	E assim por diante...	24/06/1933
527.	E assim por diante...	01/07/1933
528.	E assim por diante...	08/07/1933
529.	E assim por diante...	15/07/1933
530.	E assim por diante...	22/07/1933
531.	E assim por diante...	29/07/1933
532.	E assim por diante...	05/08/1933
533.	E assim por diante...	12/08/1933
534.	E assim por diante...	19/08/1933
535.	E assim por diante...	26/08/1933
536.	E assim por diante...	02/09/1933
537.	E assim por diante...	09/09/1933
538.	E assim por diante...	16/09/1933
539.	E assim por diante...	23/09/1933
540.	E assim por diante...	30/09/1933
541.	E assim por diante...	07/10/1933
542.	E assim por diante...	14/10/1933

543.	E assim por diante...	21/10/1933
544.	E assim por diante...	28/10/1933
545.	E assim por diante...	04/11/1933
546.	E assim por diante...	11/11/1933
547.	E assim por diante...	18/11/1933
548.	E assim por diante...	25/11/1933
549.	E assim por diante...	02/12/1933
550.	E assim por diante...	09/12/1933
551.	E assim por diante...	16/12/1933
552.	E assim por diante...	23/12/1933
553.	E assim por diante...	30/12/1933
554.	E assim por diante...	06/01/1934
555.	E assim por diante...	13/01/1934
556.	E assim por diante...	20/01/1934
557.	E assim por diante...	27/01/1934
558.	E assim por diante...	03/02/1934
559.	E assim por diante...	10/02/1934
560.	E assim por diante...	17/02/1934
561.	E assim por diante...	24/02/1934
562.	E assim por diante...	03/03/1934
563.	E assim por diante...	10/03/1934
564.	E assim por diante...	17/03/1934
565.	E assim por diante...	24/03/1934
566.	E assim por diante...	31/03/1934
567.	E assim por diante...	07/04/1934
568.	E assim por diante...	14/04/1934
569.	E assim por diante...	21/04/1934
570.	E assim por diante...	28/04/1934
571.	E assim por diante...	05/05/1934
572.	E assim por diante...	12/05/1934
573.	E assim por diante...	19/05/1934
574.	E assim por diante...	26/05/1934
575.	E assim por diante...	02/06/1934
576.	E assim por diante...	09/06/1934
577.	E assim por diante...	16/06/1934
578.	E assim por diante...	23/06/1934
579.	E assim por diante...	30/06/1934
580.	E assim por diante...	07/07/1934
581.	E assim por diante...	14/07/1934
582.	E assim por diante...	21/07/1934
583.	E assim por diante...	28/07/1934
584.	E assim por diante...	04/08/1934
585.	E assim por diante...	11/08/1934
586.	E assim por diante...	18/08/1934
587.	E assim por diante...	25/08/1934
588.	E assim por diante...	01/09/1934
589.	E assim por diante...	08/09/1934
590.	E assim por diante...	15/09/1934
591.	E assim por diante...	22/09/1934

592.	E assim por diante...	29/09/1934
593.	Sem mais aquela...	06/10/1934
594.	Sem mais aquela...	13/10/1934
595.	Sem mais aquela...	20/10/1934
596	Sem mais aquela...	27/10/1934
597.	Sem mais aquela...	03/11/1934
598.	Sem mais aquela...	10/11/1934
599.	Sem mais aquela...	17/11/1934

ANEXO

A MORTE DO MESTRE

Esse mestre do romance brasileiro, que a morte acaba de levar, era um mulato sujo e borracho que os literatos, quando estavam na Avenida, fingiam em não o ver passar. Esses mesmos literatos, os quais o mestre ajudara tão generosamente a vencer, sempre escrevendo qualquer coisa sobre eles, evitavam-lhe o aperto de mão para se irem abraçar na esquina com algum jornalista cheiroso ou com algum alto e carnudo burocrata da República.

Felizmente para ele, cético e vagabundo filósofo das ruas, tudo já lhe era mais ou menos indiferente. Os seus quarenta anos tinham esse cansaço sereno e resignado de quem chega ao cabo de uma jornada de lutas, de embates e tristezas. A sua cabeça embranquecera e, na face, raramente havia um sorriso. Como o grande torturado de Jerusalém ele trazia na máscara essa expressão suprema da alma humana: *eu estou triste até a morte*...

Era assim que o via trilhar infatigavelmente as ruas da cidade. De manhã, à tarde, pela madrugada, sempre o encontrava. Ele sofria, como eu, do delírio de

locomoção. Era o nosso grande traço de afinidade. Bem me lembro do argumento que tivemos a propósito dessa nevrose. Foi na noite de 7 de setembro, quando toda cidade, em uma orgia de luz e de barulho, comemorava o seu século de independência e de selvageria. Descia a Avenida Gomes Freire, quando o encontrei, de mãos nas costas, a cabeça baixa, o passo tardo, caminhando humildemente ao longo da calçada. Dir-se-ia um sonâmbulo. Foi preciso que o chamasse:

- Oh! Barreto...

Ele estacou, rápido. Tinha o rosto contrafeito, um olhar duro, mas brilhante. E sorrindo:

- És tu, menino! Esta é a terceira vez que nos encontramos hoje.

- É exato. Mas o Rio é apenas uma grande aldeia. Eu noto todos os dias a cor das gravatas com que os conhecidos atravessam a rua do Ouvidor. Conheço a gente elegante da nossa sociedade pelo simples macaqueamento de exibição na Avenida. É como na roça: todos se conhecem, todos se encontram...

- Ora, tu queres ser mais civilizado que os outros. Isso de chamar o Rio de aldeia é literatura. Depois, eu quis dizer o seguinte: é que só me encontro contigo.

- Olha, você pode acreditar: estou cansadíssimo. As pernas doem-me, tenho o corpo alquebrado e, entretanto, sinto quase um prazer em continuar a andar. É como se fosse uma necessidade...

- Como tu te pareces comigo...

- Mas há diferença. O que me faz andar assim é um eterno anseio que trago dentro de mim. Sinto sempre uma inquietação por ver e observar as coisas mais insignificantes. Tenho sempre uma vaga certeza de que vou ver coisas novas ou de que vou descobrir qualquer coisa. Muitas vezes, é já por mania de andar, simplesmente. Bem no fundo, tudo isso é nervo, não acha?

Mas, Lima Barreto estava casmurro. Tinha-lhe feito muitas outras perguntas que ele nem me respondera. E esse seu silêncio excitava-me para uma estranha eloqüência. Sem me recordar do que disse, lembro-me que falei ainda muito. E falei de mim, com entusiasmo, com detalhes sinceros de quem estava em um confessionário, comovido, exaltado, arrependido de coisas que apenas me passaram pelo cérebro. Lima Barreto foi sempre, para mim, uma dessas raras criaturas que me inspiravam confiança. Era essa confiança profunda de duas consciências que se olham de frente, sentindo que entre elas uma mesma voz ecoa, subindo das coisas e dos homens... Perto dele, creio que nunca o admirei, e, poucas vezes, lembrei-me de que era um dos mais portentosos romancistas do Brasil. Ele nunca me ofereceu, propriamente, a companhia de um literato. Com ele, nunca senti essa superficialidade de espírito, tão comum e tão vulgar entre os chamados homens de letra, onde a conversação percorre toda a escala de futilidade, sempre entremeada de anedotas mais ou menos pornográficas, a chalaça esticando sempre a boca com o riso que estufa, a intriga alheia que rebaixa sempre o espírito, o despeito e a inveja aviltando sempre os caros confrades, o paradoxo brilhante que ilumina o olhar e esconde, em certos momentos, o momento prosaico que tem os maiores artistas. Não, nada disso. Na nossa palestra não havia esses subterfúgios, nem essas manhas, nem mesmo o colorido da retórica. Era chã, cortante, fria, indo sempre direto a uma conclusão, a um alvo, a um resultado.

Portanto, Barreto era sutil como um deus pagão e a sua palestra era profunda e infantil. O que lhe parecia fácil de ser adivinhado ele não dizia. O seu melhor detalhe era sorrir. Para ele, o que o coração sentia, não valia a pena ser

pensado. Para ele, como no provérbio famoso, o coração tinha razões que o cérebro não conhecia...

Daí essa sua feição casmurra, silenciosa, indiferente, triste até a morte. Ele tinha chegado a todas as certezas. A imbecilidade dos homens não o espantava. A emotividade da vida, que é a suprema volúpia para um espírito criador, já não o surpreendia mais. Era um experimentado da tortura humana. Tudo nele se havia transformado em ironia – o artista perfeito.

O vício inveterado que o seguiu durante toda a vida, como se fosse a sua própria sombra – matou-o, mas não fez dele um inútil. O seu temperamento de raça foi mais forte e mais verdadeiro que a sua própria degenerescência. Ele trabalhou sempre, mesmo nos momentos mais aflitivos do seu delírio em que o vício parecia derramar, por todo o seu corpo, a peçonha viscosa das suas garras. A sua luta interior era muito mais forte. Por isso, ai está a sua obra, que ainda ninguém valoriza, nem compreende.

Depois de Machado de Assis, Lima Barreto foi o único romancista verdadeiro dos últimos tempos. E, se a grande qualidade de um escritor é ser humano, ele foi maior que o criador de *Dom Casmurro.* Foi ainda muito mais sincero, mais natural, mais comovente, mais simples.

Lima Barreto foi um grande simples. Eis porque ele foi um mestre.

* * *

Morreu no dia dos mortos!

E, coisa curiosa: o destino implacável desse grande humilde, cuja vida foi tão cheia de amarguras, não quis que ele desaparecesse da terra envolvido no silêncio e no esquecimento com que os homens o haviam condenado a viver – condenado como se a cor fosse um crime! Mas Lima Barreto morreu no dia dos mortos, recebendo a homenagem anônima de toda a cidade.

A própria natureza chorava. Era um dia triste, cheio de chuva, brumoso, com um vento cortante que gemia nas árvores e zumbia encurralado dentro das ruas, a perturbar as tragédias eternas que trazem e levam os fios do telefone e do telégrafo...

Ainda pela manhã cheguei à casa do mestre, no subúrbio longínquo e quieto de Todos os Santos. Havia um dobrado vago e plangente de sinos que subia do bairro e dos campanários.

No modesto lar da rua Major Mascarenhas, antes de entrar, detive-me um instante no jardim. A chuva havia cessado e do arvoredo lavado a água escorria, gota a gota, sobre a terra fecunda. Um ou outro pássaro piava, batendo as asas em um vôo rápido e curto. Dir-se-ia que todos eles queriam também ficar por ali perto, esperando que levassem primeiro o mestre humilde do pensamento brasileiro.

Ele lá estava no seu caixão modesto, dormindo serenamente o seu grande sono. Tinha os olhos bem fechados e nos lábios frios o mesmo imperceptível sorriso da sua vida, esse sorriso que era o melhor detalhe dos seus romances, esse sorriso de quem sabe que o coração tem razões que o cérebro não conhece. A cabeça, tão embranquecida nestes últimos tempos, estava um pouco caída sobre o ombro, como se descansasse realmente. Lima Barreto estava bem morto, mas por toda a sua face havia uma expressão tão grande de espiritualidade, que era como se fosse ainda a vida continuando além da morte...

À tarde, o enterro saiu, levado lentamente pelas mãos dos raros amigos que lá foram. Mas, ao longo das ruas suburbanas, de dentro dos jardins modestos, às esquinas, à porta dos botequins, surgia a cada momento, toda uma *foule* anônima e vária que se ia incorporando atrás de seu caixão, silenciosamente. Eram pretos

em mangas de camisa, rapazes estudantes, um bando de crianças da vizinhança (muitos eram afilhados do escritor), comerciantes do bairro, carregadores em tamancos, empregados da estrada, botequineiros e até borrachos, com o rosto lavado em lágrimas, berrando com o sentimentalismo assustado das crianças, o nome do companheiro de vício e de tantas horas silenciosas, vividas à mesa de todas essas tabernas...

E, assim, chegou-se à plataforma da pequena estação de Todos os Santos, onde, durante uma meia hora, o seu corpo ficou depositado, à espera do trem. Depois, dentro do vagão mortuário, o autor de *Isaías Caminha* atravessou, pela última vez, aquele subúrbio que ele conhecia e amava – todo o subúrbio da sua obra.

À gare da Central outros amigos o esperavam. Eram poucos, mas eram sinceros... Félix Pacheco, Paulo Hasslocher, José Mariano Filho, Armando Gonzaga e muitos amigos anônimos, talvez os seus simples leitores, rapazes novos, antigos condiscípulos de Lima Barreto na Escola de Engenharia, velhos desconhecidos que falavam comovidamente sobre a infância do grande romancista, rapazes jornalistas, velhos repórteres da imprensa carioca, fotógrafos, editores...

Posto o caixão em um carro fúnebre de 3ª classe, dois ou três ramos de flores aos cantos, e o enterro partia, seguido do seu pequeno cortejo, a caminho de S. João Batista, onde Lima Barreto queria ter a sua cova, que foi toda a sua vaidade. Nunca viveu entre os bairros aristocráticos, nem nunca foi recebido nos seus salões, mas quis dormir o seu sono imortal no cemitério de tão belos mármores, entre a fidalguia triste dos altos ciprestes. E é lá justamente, junto à encosta da montanha, que ele repousa.

Como a *foule* anônima do subúrbio e da gare da Central, lá estava uma outra abeirada envolta do seu túmulo, quando o caixão baixava ao fundo da terra. Aquele enterro tão humilde, acompanhado de uma gente tão diversa, onde um senador ilustre ia ao lado de um operário, e um jornalista elegante tomando a alça do caixão das mãos calosas de um preto velho, e onde um poeta, mostrando a bela cabeça descoberta, inclinava-se para ouvir o gaguejar borracho de um sujeito sujo e hirsuto, foram detalhes estranhos a que acudiu a multidão curiosa, a eterna farejadora de emoções e de crimes, a ledora eterna dos romances alheios... Multidão! A eterna alma das cidades...

Foi assim que o mestre recebeu, pela força do destino, a grande e anônima homenagem do povo carioca. Não importa que muitos daqueles que se acercavam do túmulo, ignorassem que a terra estava a cobrir um dos maiores romancistas que o Brasil tem tido.

Enéas Ferraz.

(Texto publicado no jornal “O País”, Segunda-feira, 20 de novembro de 1922)